UNIVERSIDADE SÃO JUDAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSO*
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

DIOGO DIEDRICH LEMES GRELLMANN

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ÁREA DE LINGUAGENS: A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS

São Paulo
2021

DIOGO DIEDRICH LEMES GRELLMANN

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ÁREA DE LINGUAGENS: A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS

Dissertação apresentada ao PPS - Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade São Judas - São Paulo, para o exame de defesa no Mestrado para a obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Graciele Massoli Rodrigues

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO

Escola, Esporte, Atividade Física e Saúde

LINHA DE PESQUISA

Aspectos Socioculturais e Pedagógicos da Educação Física

São Paulo
2021

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Universidade São Judas Tadeu
Bibliotecária: Adriana Aparecida Magalhães - CRB 8/10264

Grellmann, Diogo Diedrich Lemes.
G825e Educação física na área de linguagens: a percepção de professores e professoras / Diogo Diedrich Lemes Grellmann. - São Paulo, 2021.

f. 142: il.; 30 cm.

Orientadora: Graciele Massoli Rodrigues.
Dissertação (mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2021.

1. Educação física. 2. Componente curricular. 3. Área de linguagens. I. Rodrigues, Graciele Massoli. II. Universidade

Dedico este trabalho para todos aqueles, que me disseram “sim” ou “não”, quando foram essas as palavras necessárias, para me permitir quebrar paradigmas e vencer meus monstros interiores, me impulsionando para alçar novos voos.

AGRADECIMENTOS

O sentimento de gratidão é um dos mais nobres d'alma humana e nos demonstra, que nada somos ou seríamos, se estivéssemos construindo nossos projetos de vida na trilha da solidão. Por isso, me resta olhar para o alto e agradecer a Deus, sempre em primeiro plano em minha vida, que nos momentos difíceis me protegeu com a sua infinita misericórdia, dando-me direcionamento e iluminando os meus caminhos.

Aos meus familiares, em especial, minha mãe Maria Firmina Lemes, que mesmo sem entender as especificidades que envolve o Curso de Mestrado, acompanhou as etapas angustiantes, quando eu precisei me deslocar para a grande São Paulo, sem saber ao certo o que eu iria fazer naquela imensidão de cidade.

Aos amigos que me conquistaram e aos amigos que conquistei, agradeço pela jornada da vida e o caminhar acadêmico, pois, em todos os momentos foram suas vozes e seus sorrisos, que alicerçaram esta conquista. Em especial para a minha "amiga da vida" Lindinalva Alves da Silva, que não deixou o sonho do Mestrado morrer em meu coração, por todas às vezes que você foi meu alento e minha voz da razão, gostaria de dizer "obrigado". Com carinho para minha amiga Dilvanete Conceição de Lima, cientificamente chamada por mim "Conceição", agradeço pela força emanada, o carinho oferecido e a motivação ao ecoar aos quatro ventos que eu "daria conta". E à Neusa Haubert, amiga e professora soberana, "rainha do *word*", a minha imensa gratidão por me abraçar no momento do retorno à Rondonópolis, em razão da pandemia da Covid-19, quando minha pesquisa passou por modificações.

Com gratidão agradeço aos meus "amigos do caminhar acadêmico" Daiana Machado dos Santos "loca véia", você trouxe com sua felicidade contagiante e sua força para suplantar dificuldades, valores que levarei para sempre "guardados do lado esquerdo do peito"; ao Kleison Libarino de Amorin por sua parceria na universidade, dos trabalhos desenvolvidos juntos que nos permitiram construir conhecimentos "porque não é bagunça"; ao Diego Faria de Queiroz e Milena Pedro de Morais pela parceria e, por ter refletido luz no meu trilhar acadêmico, "afinal a peteca não pode cair". Agradeço a Emanuelle Henrique Alves, "Manú", que sempre esteve nos bastidores, em busca de informações das etapas do curso de mestrado, no intuito de

torcer a favor e aguardar o momento da comemoração, ou seja, “botecar”. “Pontos e vírgulas e nossos bons drinks”.

Agradeço a Universidade São Judas na pessoa da Coordenadora Dra. Maria Luiza de Jesus Miranda a nossa “Miranda”, por seu posicionamento ético e humano na defesa da Educação Física em nível de Mestrado e Doutorado.

Ao Prof. Dr. Éderson Andrade e à Prof. Dr. Bruna Gabriela Marques, por aceitarem compor a Banca Examinadora de avaliação da minha pesquisa, obrigado pelos apontamentos, sugestões e considerações.

Com sentimento de respeito e reconhecimento agradeço aos professores do Curso de Mestrado em Educação Física, na pessoa de minha orientadora Dra. Graciele Massoli Rodrigues, “Gra” obrigado pelas orientações e por confiar no meu projeto e acreditar que eu era capaz. Gratidão!

“Sim, meu corpo fala. E não sei falar baixo com os gestos. Quando algo me aflige, meu corpo inteiro grita num fluxo inquietante de movimentos e, inevitavelmente, essa linguagem corporal sempre vai dizer a verdade”!

Diogo Diedrich Lemes Grellmann

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CBJ – Confederação Brasileira de Judô
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa
CMs – Colégios Militares
COVID-19 – Corona Vírus Disease (Doença do Coronavírus)
DCNs – Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica
EF – Educação Física
FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC – Ministério da Educação e do Desporto
OCEM – Orientações Curriculares para o Ensino Médio
OMS – Organização Mundial da Saúde
P.C.1 – Professor da Escola do Campo – Primeiro a ser entrevistado
P.C.2 – Professor da Escola do Campo – Segundo a ser entrevistado
P.I.1 – Professora da Escola de Tempo Integral – Primeira a ser entrevistada
P.I.2 – Professor da Escola de Tempo Integral – Segundo a ser entrevistado
P.M.1 – Professora da Escola Militar – Primeira a ser entrevistada
P.M.2 – Professor da Escola Militar – Segundo a ser entrevistado
P.U.1 – Professor da Escola Urbana – Primeiro a ser entrevistado
P.U.2 – Professor da Escolar Urbana – Segundo a ser entrevistado
PCNEM – Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais
PM – Polícia Militar
PPC – Proposta Pedagógica Curricular
PPP – Projeto Político Pedagógico
PUC – Pontifícia Universidade Católica
SARS – Síndrome Respiratória Aguda Grave
SARS-CoV-2 – Nomenclatura do vírus causador da COVID-19
SEDUC/MT – Secretaria de Educação de Mato Grosso
SIGEDUCA – Sistema de Educação
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UESP – União de Escolas Superior Sobral Pinto

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNIC – Universidade de Cuiabá

UNIVAG – Centro Universitário de Várzea Grande

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Quadro 1 – Competências Gerais e Competências da Educação Física 49
Quadro 2 – Dados da Escola Estadual Professor Domingos Aparecido dos Santos 59
Quadro 3 – Dados da Escola Estadual José Rodrigues dos Santos 72
Quadro 4 – Dados da Escola Estadual Silvestre Gomes Jardim 85
Quadro 5 – Dados da Escola Estadual Tiradentes Major PM Ernestino Veríssimo da Silva 97

GRELLMANN, D. D. L. **Educação física na área de linguagens:** a percepção de professores e professoras. 2021. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade São Judas, São Paulo, Brasil, 2021.

RESUMO

O objetivo geral dessa pesquisa foi compreender como os professores de EF do Ensino Fundamental percebem e desenvolvem a EF na Área de Linguagens em diferentes políticas educativas em Rondonópolis no Estado de Mato Grosso. O estudo teve desenho descritivo exploratório tendo como procedimentos de coleta de dados a entrevista semiestruturada. A análise das informações foi descritiva. Participaram do estudo oito professores de Educação Física atuantes em quatro políticas educativas: escola urbana, de campo, tempo integral e militar. Foi possíveI perceber que os participantes compreendem que ocorreram avanços com a inserção da Educação Física na área da linguagem, mas não identificam os motivos que a levaram estar nessa área. Ainda se encontra marcado nas narrações dos participantes a forte influência e predominância da compreensão de que a Educação Física deveria estar na área das Ciências da Natureza, pois é corpo biológico que envolve os conhecimentos específicos da área. Para os participantes, a linguagem na EF está presente quando trabalhadas as questões teóricas, ou seja, a partir de leitura, interpretação e produção de textos escritos. A gestualidade e as diferentes expressões corporais não se apresentaram como conhecimento inerente a linguagem nas verbalizações dos professores e professoras. A Educação Física enquanto componente curricular da Área de Linguagens e as possibilidades do trabalho pedagógico na perspectiva da interdisciplinaridade ainda é incipiente e dificulta o entrelace dos objetos de conhecimento para a realização de um trabalho integrador na escola. Concluímos que alguns dos pesquisados se posicionaram contrários à inserção da EF como componente curricular da Área de Linguagens, foi alegado pelos pesquisados que a EF seria adequadamente alocada na Área de Ciências da Natureza por problematizar questões que envolvem o corpo nos processos de formação, com enfoque em objetos de conhecimentos, especificamente, biologicistas. Foi apontado ainda que a EF poderia estar em qualquer área de conhecimento, pois na compreensão de alguns pesquisados a prática pedagógica não se alicerça diretamente em uma área. Contudo, a EF na Área de Linguagem ela amplia a visão das interrelações com a cultura corporal de movimento.

Palavras-chave: Educação Física; Componente Curricular; Área de Linguagens.

GRELLMANN, D. D. L. **Physical education in the field of linguistics: the perception of teachers.** 2021. 142f. Thesis (Master in Physical Education) - São Judas University, São Paulo, Brazil, 2021.

ABSTRACT

The overall objective of this research was to understand how PE teachers of elementary school perceive and develop PE in the Language Area in different educational policies in Rondonópolis, Mato Grosso State. The study had a descriptive exploratory design with semi-structured interviews as data collection procedures. The information analysis was descriptive. Eight Physical Education teachers working in four educational policies participated in the study: urban, rural, full-time and military schools. It was possible to notice that the participants understand that there were advances with the insertion of Physical Education in the language area, but they do not identify the reasons why it is in this area. It is still marked in the participants' narratives the strong influence and predominance of the understanding that Physical Education should be in the area of Natural Sciences, because it is the biological body that involves the specific knowledge of the area. For the participants, language in Physical Education is present when theoretical issues are worked on, that is, based on reading, interpretation, and production of written texts. The gestures and the different body expressions were not presented as knowledge inherent to language in the teachers' verbalizations. Physical Education as a curricular component of the Language Area and the possibilities of pedagogical work from the perspective of interdisciplinarity is still incipient and hinders the interconnection of the objects of knowledge to carry out an integrative work at school. We conclude that some of those surveyed were against the inclusion of PE as a curricular component of the Language Area, it was alleged by those surveyed that PE would be appropriately allocated in the Area of Natural Sciences for problematizing issues involving the body in the processes of education, focusing on objects of knowledge, specifically, biologicist. It was also pointed out that PE could be in any area of knowledge, because in the understanding of some respondents, pedagogical practice is not directly grounded in one area. However, PE in the Language Area broadens the view of the interrelationships with the body culture of movement.

Keywords: Physical Education; Curricular Component; Field of Linguistics.

SUMÁRIO

FRAGMENTOS DA MINHA CONSTRUÇÃO.....12
CAPÍTULO 1 – CONCEITO DE LINGUAGEM.....21
1.1 A Polissemia Conceitual da Linguagem.....22
1.2 A Linguagem sob o Olhar da Educação Física.....29
CAPÍTULO 2 – A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ÁREA DE LINGUAGENS.....39
CAPÍTULO 3 – ALGUNS OLHARES PARA OS DOCUMENTOS QUE ABORDAM A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ÁREA DE LINGUAGENS.....42
CAPÍTULO 4 – CAMINHOS METODOLÓGICOS.....51
CAPÍTULO 5 – RESULTADOS E DISCUSSÕES.....57
5.1 Narrações dos professores da Política Educativa – Escola Urbana.....58
5.2 Narrações dos professores da Política Educativa – Escola do Campo.....71
5.3 Narrações dos professores da Política Educativa – Escola de Tempo Integral.....84
5.4 Narrações dos professores da política educativa – Escola Militar.....96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....120
REFERÊNCIAS.....123
APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE MEDIAÇÃO/CONTEXTUALIZAÇÃO DAS NARRAÇÕES.....131
APÊNDICE 2 – TERMO DE ANUÊNCIA DA ASSESSORIA PEDAGÓGICA DE RONDONÓPOLIS-MT PARA EXECUÇÃO DA PESQUISA.....134
APÊNDICE 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....135
ANEXO 1 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP).....137

FRAGMENTOS DA MINHA CONSTRUÇÃO

“Sim, sou assim. Reinvento-me, colo os meus estilhaços, costuro os meus retalhos, coloro meus dias cinzentos e até floresço no deserto. Vivo me adaptando, mas não perco a minha essência. Sou obra de arte, artista de mim mesmo”.

Diogo Diedrich Lemes Grellmann

Nasci no dia 3 de janeiro de 1991 em Rondonópolis/MT, sou o quarto filho de uma família de seis irmãos, por isso, minha infância foi sempre envolvida pela ludicidade, com inúmeras brincadeiras e vivências compartilhadas com irmãos, primos e demais membros desse numeroso e agitado grupo a quem eu denomino família.

Quando adentramos na questão da ludicidade é relevante o entendimento acerca do lúdico e de sua influência na vida de uma criança, sobre isso trazemos as palavras do Doutor em Educação Reginaldo Santos Pereira:

> O lúdico ocupa lugar significativo em nossa cultura e no desenvolvimento humano, abrangendo tanto a atividade individual e livre quanto coletiva e regrada, em um movimento progressivo e integrado, que contribui para o desenvolvimento motor cognitivo, afetivo, das relações sociais, culturais, éticas e estéticas (PEREIRA, 2015, p. 170).

Ao completar 6 anos de idade iniciei os estudos, na antiga pré-escola, na Escola Estadual Marechal Dutra. Fui orientado desde pequeno por meus professores a guardar meus manuscritos e trabalhos desenvolvidos. Tenho uma pasta abarrotada de recortes de papeis, sempre tão presente na minha vida. São fotos, imagens e textos, também há folhas escritas, redigidas e digitadas, tudo material meu. Sempre quis escrever, mas escrevia para as gavetas. Por isso considero tão difícil falar sobre mim mesmo. Agora me exponho e estou sendo lido.

Depois de concluir a segunda série, mudei de escola, indo para Escola Estadual José de Moraes. Por lá estudei da 3° a 5° série. Durante esses anos de estudo sempre estive ligado à prática de esportes. Quando criança, me deparava com o compasso das voltas de aquecimento, que o time feminino de handebol dava na quadra esportiva da escola durante os treinos. Isso era incrível para mim, pois observava nas estudantes o processo de desenvolvimento para se tornarem atletas.

O processo didático com o qual o professor conduzia os treinamentos me chamava à atenção, era bem organizado e alcançava bons resultados, inclusive esse trabalho era a base para o alcance de títulos, troféus e medalhas dos estudantes/atletas após as competições, que geravam sentimento de motivação e desejo de novos desafios culminando com novas conquistas, chamando a atenção de outros estudantes, que desejavam participar das equipes de handebol.

Ao compreendermos o processo da didática e sua capacidade de transformação no campo educativo, é pertinaz considerarmos a análise de Franco e Pimenta (2016, p. 541), no entendimento de que: “[...] a lógica da Didática é a lógica do ensino. [...]”, por esse ângulo consideramos que os aspectos didáticos de professores e professoras são estratégias por eles construídas, que vem ao encontro da consolidação do processo de ensino. Porém, continuam as autoras, de que muito embora a lógica ou a vocação da didática estejam vinculadas ao processo de ensino, a verdade é que ela se amplia e complexifica-se ao entrar no contexto do envolvimento dos sujeitos neste processo e na sua aprendizagem. Nessa concepção, alinhamos a compreensão de que o foco da didática é a construção/desconstrução/reconstrução de conhecimentos e saberes, a partir da perspectiva dos envolvidos nesse processo, criando sentido às aprendizagens. Considerando o que explana Freire (2011, p. 24) desde a década de 1970, em sua obra “Pedagogia do Oprimido” e, posteriormente, em sua obra “Pedagogia da Autonomia” quando elucida que: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Em um outro momento da minha vida passei a apreciar a disciplina da aula de judô. Alunos pequenos da educação infantil com seus quimonos enormes, cujo peso mal podiam carregar, junto aos seus pais, tios e demais familiares, praticando judô e observando atentamente os movimentos do professor (sensei) para reproduzi-los, observava ainda que todos os atos que construíam esse cenário de atividades físicas e de expressão corporal enchiam os olhos de todos de orgulho.

Depois desses três anos, mudei para a Escola Estadual Lucas Pacheco de Camargo, onde estudei da 6° a 8° série, hoje 7º a 9º anos. Nesse período tive a oportunidade de participar de um projeto de judô, desenvolvido pelo 5° Batalhão da Polícia Militar de Rondonópolis. Durante esses anos pude perceber o quanto eu tinha crescido e me desenvolvido no que diz respeito aos aspectos físicos e psicológicos, já me tornara um adolescente. Em um dado momento me vi “nu” frente ao espelho.

Então percebi que a criança não existia mais no meu corpo físico e, de certa forma, também jazia na mente e na alma: eu cresci!

Sempre obtive boas colocações nos campeonatos em que participei, tendo em vista que me dedicava aos treinos de quatro a cinco dias na semana. E, nesse contínuo envolvimento com o esporte, aos 15 anos eu já participava do quadro de árbitros da Federação Mato-Grossense de Judô. Viajei por várias cidades e estados do Brasil na construção de minha história como esportista e colecionando vitórias e medalhas, ainda hoje guardo cada medalha conquistada, como lembrança de um tempo em que esforço, dedicação e disciplina refletiam em conquistas. Já ajudava o meu professor (sensei) nos projetos sociais, hoje, o subtenente da Polícia Militar atuante em Rondonópolis, Francisco José Matias. Treinava de 4 a 5 vezes na semana com minha amiga e parceira de treinos Édima Rosa Blaudt, inclusive nos finais de semana. Essa dedicação me possibilitou formar como atleta e professor deste esporte. O judô, por ser um esporte oriental, oportuniza aos praticantes elevado nível de disciplina, formação essa que levei para minha vida profissional enquanto professor. Ao falar sobre a importância do judô em minha formação pessoal e profissional é importante citar que:

> Todos os amantes do judô sabem que uma das maiores lições do esporte já está em seu próprio nome. O “caminho suave” transcende a prática esportiva e se torna lema de vida. E essa característica de integração física e social que fez com que o Comitê Olímpico Internacional declarasse o esporte como o mais completo porque promove valores de amizade, participação, respeito mútuo e esforço para melhorar. A UNESCO, braço das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, também destaca o judô como um esporte que possibilita o relacionamento saudável com outras pessoas, utilizando o jogo e a luta como um integrador dinâmico. Além disso, diz o estudo da UNESCO, o judô é o melhor esporte como formação inicial para as crianças e jovens de quatro a vinte e um anos já que promove uma educação física integral. O esporte permite, através do conhecimento e prática regular do mesmo, o aprimoramento de todas as possibilidades psicomotoras: localização espacial, perspectiva, ambidestria, lateralidade, jogar, puxar, empurrar, rastejar, pular, rolar, cair, coordenação conjunta e independente de ambas as mãos e pés, dentre outras (CBJ, 2013, p. 1).

Com todos os benefícios oferecidos pela prática do judô para o desenvolvimento físico, psicológico e social de crianças e adolescentes, a realidade é que vivenciávamos limitações com relação às condições de preparação do esporte, assim, muito embora fizéssemos com dedicação e esforço, a realidade nos trazia percalços por vezes intransponíveis. Desse modo, precisávamos fazer o melhor com o que tínhamos, numa perspectiva de adaptações. Essa realidade evoca a célere frase do Pensador e Filósofo Mario Sergio Cortella: “Faça o teu melhor, na condição

que você tem, enquanto você não tem condições melhores, para fazer melhor ainda”! E assim, fizemos.

Depois do término do ensino fundamental teve início uma nova jornada em minha vida, quando comecei a frequentar o ensino médio na Escola Estadual Pindorama, aliás, instituição escolar que guardo, literalmente, “no lado esquerdo do peito”, porque foi ali, naquele ambiente e vivenciando as “verdades e mentiras” as “dores e sabores” dos seus corredores, que retornei para atuar como professor. E, no meu “ser” professor, houve a necessidade de suplantar alguns medos e quebrar paradigmas em relação a um processo de ensino-aprendizagem engessado em que o aluno é coadjuvante do seu aprendizado. Portanto, precisei alicerçar minhas concepções e percepções de uma educação libertadora, que vem ao encontro da evolução/revolução do ser aluno e do ser protagonista do próprio conhecimento, tendo em vista as perspectivas da Educação do século XXI. Fazer educação nesse olhar, não foi fácil!

Com a conclusão do ensino médio, fiquei por um período de dois anos refletindo e organizando os pensamentos para a elaboração do meu projeto de vida, no tocante à formação acadêmica e atuação profissional a seguir. Pensei em ser advogado, psicólogo, dentre outras profissões. Porém, a Educação Física sempre foi minha maior paixão e foi a escolha para o meu caminhar profissional.

Iniciei a minha formação acadêmica em 2011, no curso de Licenciatura em Educação Física, realizado na Universidade de Cuiabá (UNIC) *campus* de Rondonópolis. O meu interesse pela Educação Física teve origem nas diferentes escolas que passei e nos diversos professores que tive e, assim, surgiu a vontade de sempre fazer a diferença no magistério no sentido de novos olhares para as práticas que permeiam a EF, no que diz respeito à inclusão e integralidade de todos os educandos envolvidos em uma aula, na perspectiva da Cultura Corporal de Movimentos.

Independentemente dos biotipos, condições físicas ou habilidades motoras, tenho a concepção de que todos podem e devem se beneficiar dos vários conhecimentos, que esse componente curricular traz para a formação dos estudantes, como o respeito mútuo, interação social, equidade e cooperação, valores que no futuro, espera-se que façam parte de uma sociedade, onde os sujeitos possam ser atuantes.

No primeiro bimestre da minha graduação, tive a oportunidade de participar como Monitor de um Programa de Educação Integral – Mais Educação, ofertado pelo Governo Federal em parceria com a Secretaria de Educação de Mato Grosso (SEDUC/MT). Atuei na Escola Estadual Eunice Souza dos Santos na monitoria de atividades recreativas e danças. Trabalhando com essas atividades e, de forma especial, com a dança, percebi as inúmeras possibilidades da representatividade das linguagens do corpo, a partir da gestualidade na produção coreográfica e suas interpretações. Sim, o corpo fala!

No ano de 2012, o Programa de Educação Integral foi ofertado em mais escolas do Município de Rondonópolis e distritos. Devido à grande demanda de monitores para atuarem nas escolas, comecei a atender outras escolas da rede estadual e municipal, chegando a atender até o final de 2013 mais de sete escolas nas diversas modalidades ofertadas nos Macrocampos do Projeto.

Muitas das modalidades fazem parte do currículo do curso de Educação Física, como as que atuei enquanto monitor: natação, dança, recreação e judô. Conclui o curso de Educação Física no segundo bimestre de 2013 e logo em 2014, assumi a função de Coordenador do Programa Mais Educação da Escola Estadual Professora Eunice Souza dos Santos onde desenvolvi o Projeto durante todo o ano. A falta de verbas destinadas ao projeto pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) foi o motivo para a paralização das atividades do Projeto em 2015.

No mesmo ano do término do projeto, passei a atuar como professor de Educação Física nas Escolas Estaduais Professora Eunice Souza dos Santos e Antônio Guimarães Balbino, ambas do Munícipio de Rondonópolis. Concomitantemente pude lecionar na Penitenciária de Rondonópolis Major PM Eldo Sá Corrêa (Mata Grande). Trabalhar com reeducados me proporcionou uma grande experiência que contribuiu com a minha atuação como Professor, uma vez que atuamos com a formação dos futuros cidadãos. Entendo que se ali estão sujeitos infratores, significa que houve um déficit de educação, que se origina nas mazelas familiares, sociais, políticas e educacionais. Nesse sentido, no meu entendimento compreendo que no decorrer das fases de crescimento e desenvolvimento humano, um cidadão sem escola e educação, privilegia o crime e a marginalidade.

No relato acerca da Escola enquanto instituição capaz de formar para a cidadania, adentra-se no entendimento de Rubem Alves, que fecunda a concepção de Escola e educação transformadora e libertadora:

> “Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas”. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo.
> Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados, o que elas amam são os pássaros em voo (ALVES, 2012, p. 29).

No decorrer da minha experiência enquanto Educador na Penitenciária pude refletir sobre a importância de uma educação que se embasa na valorização humana, harmonia do relacionamento interpessoal e o desenvolvimento social de cada indivíduo, distanciando-o da violência. Sobre o “ser” violento, Rubem Alves (2012, p. 29-30) faz a seguinte elucidação: “Violento, o pássaro que luta contra os arames da gaiola? Ou violenta será a imóvel gaiola que o prende? Violentos, os adolescentes de periferia? Ou serão as escolas que são violentas? As escolas serão gaiolas”?

Em 2016 foi implantado no Estado de Mato Grosso uma nova política educativa a organização de ensino de “Educação Integral em Tempo Integral” do qual participei da seleção de professores, que iriam atuar no novo projeto. Fui entrevistado por uma banca formada por profissionais da educação e fui selecionado para desenvolver a disciplina Projeto de Vida na Escola Estadual Pindorama. Minha volta teve um sabor de mudanças, não das paredes ou dos corredores da escola, mas, uma transformação de minha posição naquele ambiente. Assim, deixava de ser o Diogo aluno e iniciava a trajetória do Diogo sonhador, transformador e professor. Essa construção do meu “ser” professor remete às palavras de Nóvoa (2014, p. 20) de que: “ser professor obriga a opções constantes, que cruzam à nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensino a nossa maneira de ser”.

Entre os anos de 2017 e 2019 atuei como Professor Orientador da Área de Linguagens da Escola Estadual de Tempo Integral Silvestre Gomes Jardim. Durante a minha atuação profissional, trabalhando diretamente com aspectos da didática e da pedagogia no processo ensino-aprendizagem de professores e estudantes, compreendi a complexidade da atividade docente e a necessidade de buscar novos conhecimentos e saberes. Busquei a Pós-Graduação S*tricto Sensu* de modo a ter na formação continuada um aporte profissional para o meu “ser” Professor.

O percurso histórico das minhas práticas pedagógicas traz a compreensão da evolução, perspectivas e desafios para trabalhar a EF como componente curricular na Educação Básica. Entendo que é preciso analisar diferentes aspectos sobre a

formação e o desempenho do trabalho do professor, trazendo a conscientização de que:

> [...] a realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo. É preciso, portanto, fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda a educação: antes de tudo provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação (FREIRE, 2017, p. 40).

Cabe aqui a importante observação de que uma atitude crítica e reflexiva por parte dos professores pode transformar o trabalho escolar, especialmente, no que se relaciona a desfragmentação do conhecimento em um processo, que permite um aprender significativo dos estudantes. Essa nossa concepção vem ao encontro do contexto apresentado por Anastasiou (2015), de que o processo de ressignificação didático e metodológico da educação origina novos desafios aos professores, quando é necessário um novo olhar para o seu fazer pedagógico, no tocante a transformação do processo ensino-aprendizagem, nesse sentido, o professor pode encontrar dificuldades para trilhar no caminho da transformação da educação.

Essas inquietudes que permeiam o “ser” professor me direcionaram para um novo caminho e, assim, iniciei em 2019 a busca por instituições que oferecessem o curso de Mestrado em Educação Física e me deparei com o Edital da Universidade São Judas. Busquei informações sobre a instituição e decidi concorrer a uma vaga no Curso de Mestrado, começando uma nova e intensa jornada de aprendizado.

Minha trajetória me impulsionou a desenhar um estudo que discute a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, considerando os elementos que emergem da EF e como vem sendo trabalhada nas escolas brasileiras, enfatizando a educação básica pública e, especificamente, a realidade do Município de Rondonópolis no Estado de Mato Grosso.

Assim, podemos observar, que de acordo com as ponderações de Machado e Machado (2013), enquanto componente curricular da Área de Linguagens, a EF apresenta um percurso de avanços e retrocessos, que são essenciais para a demarcação da identidade do conhecimento e pela sua legitimidade no espaço escolar, especialmente, pela relevância e necessidade de assumir o seu papel no campo social.

Trazemos que, no decorrer deste estudo é analisada a EF como componente curricular da Área de Linguagens e suas interfaces no campo social, cultural e de

aprendizado escolar, num diálogo com professores sobre suas experiências com essa disciplina[1].

Nesse sentido, a EF no universo escolar abrange diferentes objetos nos processos de ensino e de aprendizagem atuando como componente curricular da Área de Linguagens e, é geradora de amplo conhecimento capaz de perpassar os muros escolares, além de ser um instrumento para a execução de projetos de vida, que venham ao encontro de propósitos da construção social.

Em nossa perspectiva, essa forma que engendra o conhecimento abrangente embasa a construção de um pensamento complexo, o qual elucida o conhecimento das partes interligadas com o todo e o conhecimento do todo como construção das partes. Desse modo, o estudo tratará da complexidade da EF, enquanto componente curricular da Área de Linguagens. No entendimento de Morin (2012, p. 88) compreende-se que: “[...] em várias frentes do conhecimento, nasce uma concepção sistêmica, onde o todo não é redutível às partes.”

Entendemos que as práticas são elementos essenciais no fazer pedagógico para trabalhar essa EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, por isso a oportunidade em discutir essa temática, se fundamenta como importante análise nas falas de professores e professoras no cotidiano das escolas públicas no Município de Rondonópolis, que atuam respaldadas em políticas da educação básica do Estado de Mato Grosso.

Ao tratarmos sobre as práticas escolares, Pimenta (2018) traz a concepção de que a prática docente não se faz somente com experiências e conhecimentos específicos, necessitando trabalhar os saberes didáticos-pedagógicos. Esses saberes geradores da prática pedagógica são estruturados a partir das fases escolares vivenciadas pelos professores enquanto estudantes, de sua formação inicial e continuada e seus processos práticos do cotidiano escolar.

Embora a nossa discussão sobre a Educação Física enquanto componente curricular da Área de Linguagens venha se apoiando sobre os documentos legais e o conceito da estruturação da linguagem, as relações estabelecidas na prática pedagógica cotidiana parecem se desenvolverem desvinculadas dos desdobramentos dessa acepção.

---

[1] No decorrer do presente estudo optou-se pela expressão “componente curricular” segundo o que preleciona a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no entanto, em alguns momentos quando alicerçado nas fundamentações e abordagens dos autores será utilizada a expressão “disciplina”.

Em se tratando do problema norteador de nosso estudo, adentramos no fato de que uma parcela dos profissionais/instituições de ensino não compreenda a EF, ainda na contemporaneidade, em toda a sua amplitude, enquanto componente curricular da Área de Linguagens, traz a redução do aproveitamento de todo o conhecimento, que ela possa oferecer como importante componente na referida área. Sob essa assertiva emerge a seguinte questão problema: Como professores percebem a Educação Física na Área de Linguagens em diferentes políticas educativas de organização da educação básica?

A questão problema norteou a nossa construção dos objetivos, sendo que o presente estudo teve como objetivo geral compreender como os professores de EF do Ensino Fundamental percebem e desenvolvem a EF na Área de Linguagens em diferentes políticas educativas em Rondonópolis no Estado de Mato Grosso. Enquanto que os objetivos específicos foram:

- Entender como os professores de educação física percebem as práticas pedagógicas da EF na Área de Linguagens;
- Identificar práticas pedagógicas interdisciplinares na área da linguagem com professores de educação física.

CAPÍTULO 1 – CONCEITO DE LINGUAGEM

“Sem a linguagem, o pensamento é uma nebulosa vaga, inexplorada”.
Ferdinand de Saussure

“A língua não é um agente neutro que adentra livre e facilmente as intenções mais íntimas do falante; é povoado - superpovoado - pelas intenções dos outros”.
Mikhail Bakhtin

“Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”.
Michel Foucault

“Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”.
Paulo Freire

Consideramos que ao se comunicar o ser humano se utiliza de uma gama de textos e formas de manifestações, ou seja, utilizam palavras, gestos e expressões usando todo o corpo como instrumento de comunicação. Assim, pontuamos que os gestos são instrumentos que permitem a expressão humana, transmissão de informações e construção de conhecimentos. Esses gestos considerados textos corporais estão envolvidos por interpretações, que envolvem o contexto cultural em que a pessoa se encontra inserida. Podendo ter uma interpretação diferente segundo a cultura do emissor e do receptor da mensagem, por isso a comunicação flui quando se conhecem a cultura de ambos (MACHADO; MACHADO, 2013).

Desde o final da década de 1930 a EF no Brasil passou por um processo de virada em relação ao seu conhecimento. Assim, a partir de uma concepção culturalista houve a mudança no contexto da teorização do corpo. Compreendemos que o olhar para a EF foi reelaborado e a percepção de que os movimentos trabalhados não são apenas questões física ou biologicista, passou a levantar importantes questionamentos. Foi desnaturalizado o corpo apenas em sua questão biológica e

uma gama de aspectos culturais e sociais emergiram dos movimentos humanos (COSTA; ALMEIDA, 2018).

Essa gama de possibilidades evoca questões diversas que permeiam o fazer pedagógico no universo escolar. E, se tratando da EF como componente curricular da Área de Linguagens, inquietudes surgem nessa perspectiva. Logo, em nossa percepção, os professores ficam à mercê de tais conhecimentos, que abrangem as epistemes presentes no campo da linguagem, que se encontram inseridas nas obras e documentos referenciados no decorrer do presente estudo.

Assim como Betti, Bracht (1999a) traz discussões sobre o dilema culturalista da EF, de forma a originar olhares para as concepções acerca dos novos caminhos para a EF e, nesse novo trilhar nos traz aspectos relacionados aos diferentes objetos da EF, perpassando unicamente o viés de cunho biológico, que evoca questões intrínsecas da atividade física e o exercício físico e, nesse sentido, elucidando uma ótica culturalista, que propõem a “cultura corporal de movimento” como sendo a base da EF. Durante o longo período em que a EF foi embasada nas Ciências da Natureza, se ateve na produção de um discurso, que priorizava o controle do corpo e, por esse ângulo não viabilizaria a produção de cultura, mas apenas “sofreria cultura”, ou seja, não sendo um objeto ativo, mas, passivo da cultura.

Embora, em nossa concepção, tenham ocorrido mudanças em relação às abordagens, que permeiam a cultura corporal de movimento, ainda podemos considerar a existência de lacunas acerca da EF e sua relação com a linguagem. Assim, ao analisarmos os documentos que trazem a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens esses não estão solidificados seus conceitos de forma homogênea. Por essa assertiva, consideramos o entendimento de Fonseca et al. (2017), que os documentos trazem expressões, que consolidam uma perspectiva mais estruturalista de compreensão da linguagem, como, por exemplo, os códigos e signos e, em outros momentos trazem um escopo interpretativo mais identificado com perspectivas pós-estruturalistas para a compreensão das linguagens, como a produção de sentidos e significados e a relação da linguagem e de poder.

1.1 A Polissemia Conceitual da Linguagem

O entendimento de que a EF faz parte da Área de Linguagens ainda não é claro. Duarte (2010) aponta que há uma polissemia conceitual e não é óbvia, isto

porque alguns teóricos possuem diferentes concepções, que acabam gerando a multiplicidade de sentidos sobre o que categoricamente é a Área de Linguagens e sua amplitude no campo escolar.

Trazemos assim, que os conceitos de comunicação corporal, linguagem corporal, signo, significado, linguagem verbal, não verbal dentre outros vão surgindo em documentos norteadores e referenciais, bem como se apresentam em diferentes produções acadêmicas elaboradas por diversos autores, sendo que neste estudo, são trazidos Ferdinand de Saussure enquanto teorizador estruturalista; Mikhail Bakhtin que trata a linguagem sob o enfoque social e Michel Foucault que trabalha a linguagem como o discurso.

Assim, com o propósito de localizarmos os teorizadores em seu tempo, espaço e trabalho conceitual quanto à linguagem, será trazida no decorrer deste estudo uma breve biografia de Saussure, Bakhtin e Foucault.

Nesse sentido, o primeiro pensador que apresentamos é Ferdinand de Saussure nascido em Genebra na Suíça, na data de 26 de novembro de 1857, mesma cidade em que faleceu em 22 de fevereiro de 1913. Mais velho de oito irmãos, Saussure nasceu em uma família da alta aristocracia genebrina, sendo também uma família de eruditos, que passeavam pelos conhecimentos das ciências e da Filosofia. Filho de Henri de Saussure geólogo e entomologista e de Louise de Pourtalès, seu traço histórico familiar traz importantes figuras como Horace-Bénédict de Saussure, professor de filosofia e de ciências naturais e seu avô Nicolas-Théodore, naturalista e físico, sendo a ele creditada a descoberta de um mineral chamado saussurita (BULEA BRONCKART, 2013).

Entrou aos 18 anos na Universidade de Genebra, na Faculdade de Ciências Naturais, porém, estudou física e química somente por um ano. Voltando-se após esse período para os estudos que realmente lhe interessava, isto é, a Filologia e a Linguística Comparada, curando essas disciplinas na Faculdade de Letras. Em 1876, a partir de sua inscrição na Sociedade de Linguística de Paris e o início de seus curtos artigos, seus pais percebem aceitam o início de seus estudos da linguística indo-europeia (BULEA BRONCKART, 2013).

Desde o princípio de seus estudos Saussure tinha como preocupação tornar o estudo da linguagem uma atividade científica (GOMES, 2012). Assim, percebemos que no entendimento de Saussure (2019), o objeto da Linguística constitui o ponto de

vista, que origina o próprio objeto, tendo nesse mesmo princípio a definição da própria ciência.

O período histórico em que foram construídos os estudos de Saussure voltavam-se para a valorização do fazer científico (GOMES, 2012), isto aponta que o referido teorizador tinha preocupação com o objeto da Linguística e o seu papel no processo, realizando seus estudos sob o rigor científico que lhe caracterizou. Assim, a Linguística também passa por esse pensamento científico e seus estudos tornam-se científicos como as demais temáticas. Assim, em nossa análise e na consideração de Mattoso Câmara Jr. (2011), o primeiro foco do estudo de Saussure teve relação com a natureza da linguagem, sendo ela determinada enquanto um sistema de signos.

Nesse sentido, Saussure (2019) pensava a língua como o mais importante e completo meio do indivíduo usar sinais, sendo um importante elemento para a criação de uma ciência geral de signos humanos. Por essa ótica, a Linguística era uma ciência específica dentro de uma ciência geral, que estava ainda em processo de construção.

Consideramos que a língua não é somente um conjunto de regra em que os termos são conhecidos e utilizados para a identificação de uma coisa, fato ou expressão, isso nos aponta para o fato de que:"[...] o signo linguístico une não uma coisa e sua palavra, mas um conceito e uma imagem acústica[2]" (SAUSSURE, 2019, p. 80). Segundo Gomes (2012, p. 17): "[...] Saussure apresenta a tríade linguagem/língua/fala, mostrando que a linguagem só pode ser apreendida pela ciência sob a forma do fenômeno 'língua', pois somente a língua é que é um princípio capaz de ser classificado".

Podemos acrescentar que embora Saussure tenha ficado historicamente conhecido como o "pai da Linguística Estruturalista", a verdade é que em sua mais importante obra "Curso de Linguística Geral" em nenhum momento Saussure cita o termo estrutura ou estruturalismo. Tendo sido utilizada na referida obra a expressão "sistema" (GOMES, 2012). Segundo Flores e Barbisan (2009, p. 8): "[...]. A palavra estrutura veio a ser usada apenas no final da década seguinte, mais especificamente nas teses formuladas no Congresso Internacional de Linguística de Haia, pelos linguistas Roman Jacobson e Nicolas Troubetzkoy".

[2] Contempla-se que a imagem acústica: "não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som" (SAUSSURE, 2019, p. 80).

Entendemos que embora as duas palavras “estrutura e sistema” possam ter uma interpretação como partes de um todo, a estrutura tem relação com as partes de um todo, enquanto que o sistema traz o entendimento de um conjunto das partes, que se encontram ordenadas ou coordenadas entre si. Nesse sentido, podemos considerar que a fala de Saussure é quanto ao sistema, porém, a estrutura é compreendida no momento em que relaciona os signos dentro de um sistema (GOMES, 2012). Atentamos que em nenhum momento o “sistema” apresentado e discutido por Saussure é remetido para “estrutura”. Isto porque, os seus “jogos de signos” refletem uma dinâmica sistêmica (BULEA BRONCKART, 2013).

É relevante trazermos que a língua era o seu objeto de estudo, sendo que para Saussure (2019, p. 22-23) “a língua é um conjunto bem definido: é a parte social da linguagem; a língua pode ser estudada; é homogênea, é um sistema de signos; a língua é um objeto de natureza concreta”. Nesse sentido, não podemos falar no estudo de Saussure enquanto um estruturalista acerca da linguagem, mas, enquanto sistematizador da língua. Nessa perspectiva, trazemos o entendimento de Gomes (2012), que não foi Saussure quem utilizou o termo estruturalismo, mas, foram seus leitores que o chamaram de fundador do estruturalismo.

Entende Bulea Bronckart (2013), que ao tratar de Saussure enquanto estruturalista, fala-se de um pseudo-Saussure, que foi criado por pseudos-editores de sua mais importante obra “Curso de Linguística Geral”, trazendo uma perspectiva de estruturalismo equivocada. Nesse sentido,

> Assim, [...] o Saussure autêntico, etimológico, verdadeiro, não terá a capacidade de eliminar a potência do Grande Clássico, por mais usurpada e falsa que seja. O Saussure ‘autêntico’ está tragicamente condenado a permanecer como o bobo-da-corte do Curso (TRABANT, 2005, p. 124).

Compete esclarecermos que as produções são interpretadas por diferentes leitores/pesquisadores, podendo existir alterações nos termos e, consequentemente, na terminologia e entendimento, provocando aos pesquisadores e produtores de conhecimento dificuldades para a produção textual dos estudos. Assim, nesse emaranhado de concepções e percepções, que permeiam o universo científico e acadêmico, a partir das abordagens e estudos realizados, podemos considerar que em alguns casos, nem tudo o que parece é, e nem tudo que é parece.

Na sequência o segundo teorizador que apresentamos é Bakhtin, ou seja, Mikhail Mikhailovitch Bakhtin, Filósofo, Historiador da Cultura, Estética e Filologia,

nascido no ano de 1895 na Rússia, vivendo em um conturbado período histórico de revolução com vistas a construir uma nova sociedade, buscando o distanciamento pela forma totalitarista do Governo Stalinista. Considerado um dos mais importantes pensadores do século XX, bem como, um teórico da língua. A obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem” é sua principal produção sobre a teoria da linguagem e do dialogismo, quando tratou sobre a heterogeneidade da fala, isto significa dizer, a complexidade das manifestações de linguagem no contexto social, posicionamento distinto de Saussure e dos estruturalistas (GUERRA et al., 2007).

No contexto de Bakhtin, os significados são construídos pelo signo linguístico, tencionando o entendimento de que cada signo se envolve em seu próprio repertório semântico, enquanto ato de contar a história a partir das palavras. Assim, no entendimento de Bakhtin a significação pertence a um grupo inferior à capacidade de significar (GUERRA et al., 2007). Sobre a abrangência ao signo ideológico, Bakhtin citou:

> Todas as palavras evocam uma profissão, um gênero, uma tendência, um partido, uma obra determinada, uma pessoa definida, uma geração, uma idade, um dia, uma hora. Cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras são povoadas de intenções; [...] (BAKHTIN, 2014, p. 100).

Para Bakhtin (2014) todas as palavras contemplam/acolhem um contexto que possa significar e, desse modo, quando é apresentada de forma fechada a significação transmuta esse universo para um só signo, um só sentido, limitando a palavra na abrangência de seu significar.

Compomos a nossa compreensão de que segundo Bakhtin (2018) o ideológico tem um significado ou um signo. Desse modo, atenta-se para a existência do conceito de signo linguístico, que é uma forma de representatividade que se apresenta a partir de dois aspectos: a imagem mental (significante) e a imagem sensorial (significado).[3]

Nesse sentido, considerando que tudo seja signo, dissolve-se a hierarquia de linguagem verbal e não-verbal e apresenta a EF enquanto componente da Área da Linguagem. Assim, segundo essa teoria toda a informação e o conhecimento têm origem nos signos. No entendimento de Bakhtin (2014) a compreensão sobre os

[3] Significante e significado são os componentes que estruturam um signo (BAKHTIN, 2018). Isso nos remente para o entendimento de que Significante vem a ser a forma, enquanto que o Significado é a concepção que temos daquilo que nos foi transmitido pela forma.

signos e o estudo das ideologias são os possíveis fatores que devem ser observados para estudos e pesquisas que tratem sobre a linguagem. E, no caso específico da discussão do presente estudo, traz os aspectos característicos da EF na Área da Linguagem.

Conforme as interpretações de Guerra (1999), Bakhtin tem sua teoria da linguagem desenvolvida enquanto processo linguístico, tendo a língua como um processo de criação contínua, a qual se realiza a partir da interação das pessoas em um contexto social. Podemos considerar que nesse porvir conceitual, na Teoria Bakhtiana a subjetividade é precedida pela intersubjetividade. Nesse sentido, a linguagem extrapola a sua dimensão comunicativa, tendo em vista que os sujeitos são construídos por meio das interações sociais.

O sujeito bakhtiniano tem na fala, ou seja, na linguagem verbal a consciência de si, no entanto, essa consciência somente é completa quando adentra o apoio ao nós, isto aponta para o entendimento da linguagem em uma ótica de construção social (BAKHTIN, 2014).

No entendimento de Bakhtin, a linguagem é mais abrangente do que a língua e a própria linguagem, e tem a direta aproximação ou distanciamento do próprio leitor, que traz o seu conhecer para a sua apreensão e o que efetivamente é apreendido. Essa leitura transformadora não é atividade realizada de forma simplificada, mas contempla um ler desafiador, em que são construídas as vestimentas interpretativas em diferentes textos e contextos das épocas (DI FANTI, 2003).

Nessa ótica, talvez seja por essa complexidade, que existam lacunas sobre o entendimento do que vem a ser linguagem e, no caso específico do presente estudo, a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens e suas implicações no universo escolar.

Foucault, que trabalha a linguagem como discurso, é aqui trazido como o terceiro importante pensador da linguagem. Paul-Michel Foucault nasceu em Poitiers, interior da França, em 15 de outubro de 1926. De família rica em que seus avós (paterno e materno) eram médicos cirurgiões e, seu pai além de médico cirurgião era professor de anatomia. No entanto, Foucault não seguiu os passos de seus familiares, estudou na Escola Normal Superior da França e, mais tarde, se graduou em Filosofia pela Universidade de Sorbonne. No ano de 1945, por orientação do Filósofo Jean Hyppolite, Foucault se formou em Psicologia e concluiu seus estudos superiores de Filosofia, construindo a sua tese sobre Hegel (LIMA, 2012).

Em sua trajetória acadêmica Michel Foucault teve contato com importantes filósofos como Jean Hyppolite, Pierre Bourdieu, Jean-Paul Sartre, Paul Veyne, Jacques Derrida e Friedrich Nietzche, além de ter estudado surrealismo com René Char. Em 1970, Foucault assumiu a cadeira de História dos Sistemas de Pensamento no Collège de France, ministrando a aula inaugural na data de 2 dezembro de 1970, quando apresentou a temática “A Ordem do discurso”, texto que ganhou essencial importância no contexto do universo acadêmico, inclusive no Brasil, pois realizou conferências nas datas 21 e 25 de maio de 1973, quando discutiu o tema “A Verdade e as Formas Jurídicas”, apresentando seu discurso na Pontifícia Universidade Católica (PUC) (LIMA, 2012).

Adepto de uma extensa produção de conhecimento, tinha como essência o discurso e a análise dos seres humanos, enquanto capazes de compreender a si e a cultura em que se encontra inserido, trazendo os sentidos do ser homem e ser social. Tinha a compreensão de que as relações de poder eram mais importantes do que as relações de significação (NUNES, 2017).

No entendimento de Foucault a linguagem é a base do pensamento humano (VEIGA-NETO, 2007). A partir desse entendimento apontamos que todas as pessoas já nascem em um ambiente que possui uma linguagem, em que o discurso já está presente no contexto do convívio social. Sobre o discurso, Foucault (2020, p. 10) tenciona a compreensão de que, esse “[...] não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

Nesse entendimento, o foco de estudo de Foucault não era a linguagem, mas o discurso enquanto um sistema de representação. Não tinha interesse na compreensão das palavras e as coisas e, sim, nas regras e práticas capazes de produzir afirmações significativas e regular o discurso nos diversos períodos (tempos/lacunas) históricos (NUNES, 2017). O discurso contempla as declarações, que possibilitam a linguagem atuar. Nesse sentido, contempla-se que o discurso tem o potencial de produzir o conhecimento por meio da linguagem (FOUCAULT, 2020).

Também para Hall (1997) os comportamentos humanos e todas as práticas sociais derivadas de tais comportamentos implicam o significado, bem como, o significado tem potencial de influenciar em todas as atividades/comportamentos humanos. Enquanto isso, para Foucault, o discurso é que produz os objetos do conhecimento, pois regula o comportamento de todos os seres humanos. Além disso,

o discurso possibilita a inclusão do que deve ser dito e a exclusão do que não deve ser trazido em certo lugar e momento. É, por assim dizer, o discurso um determinante na construção da fala e do conhecimento, por isso, entende Foucault que o discurso traduz o conceito da linguagem e a prática e, nada faz sentido, fora do discurso (NUNES, 2017).

A dimensão do discurso pode ser compreendida no momento em que trazemos, que ele não é apenas uma formalidade da linguística, mas é uma forma estratégica e política de transformação social e de construção de mundo (FOUCAULT, 2013). Desse modo, discurso e linguagem são indissociáveis na produção e desenvolvimento de práticas que permeiam a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, no caso específico, do presente estudo.

A capacidade de transformação do discurso pode ser observada no momento em que Azevedo (2013, p. 149) traz à luz o entendimento de que: “[...] Foucault nos oferece um saber como construção histórica, e como tal, produz verdades que se instalam e se revelam nas práticas discursivas. [...]”. Assim, na concepção do filósofo, conhecimento e verdade são questões históricas, apresentadas a partir de discursos científicos, que sob o enfoque de sua veracidade e positivismo, são aceitos e ganham um teor de realidade.

Em seus estudos, Foucault trouxe que o discurso precisa estar envolto pelo conhecimento, sendo que este conhecimento produzido pelo discurso tem um elo intrínseco nas relações de poder, bem como, é elemento de regulação do comportamento social (NUNES, 2017). Em sua obra “A ordem do discurso”, Foucault (2020, p. 7) pontua que “[...] o discurso está na ordem das leis” trazendo a luta e o poder que envolve o discurso.

Depois de trazer uma análise polissêmica sobre o que vem a ser a linguagem, concebo que a linguagem tem relação com o discurso, ou seja, traduz-se como um processo de significação e ressignificação da realidade que envolve o sujeito, a partir de suas múltiplas possibilidades de comunicação e representação.

1.2 A Linguagem sob o Olhar da Educação Física

O fato de que o corpo é uma forma de expressão torna-o capaz de portar significados, além de sua ampla capacidade para expressar sentimentos, emoções e os aspectos que envolvem a produção cultural característica de um grupo social.

Considerando a linguagem enquanto processo de produção de signos e, por consequência, instrumento capaz de produzir informação e conhecimento, para Betti (2006, p. 101) a "[...] Semiótica de Peirce qualifica-se com o instrumento privilegiado para 'ler'/interpretar signos inusitados, novos e imprevistos, além dos já institucionalizados e/ou codificados na Educação Física. [...]".

É importante aqui citarmos, que Betti tem a Semiótica de Peirce como fundamento de seus estudos sobre a linguagem e, por essa ótica, consideramos essencialmente necessária uma citação direta sobre o seu entendimento acerca da linguagem na/da EF.

Ao realizarmos outra análise, trazemos Betti (2007), que pontua ser a linguagem não somente um produto e, tampouco, um produto acabado, mas, um processo que permite a informação e construção de conhecimentos, sendo que para essa construção utiliza-se de diferentes signos e códigos.

A linguagem produz signos e Betti (1994) busca interpretá-los a partir da semiótica de Charles Peirce. A semiótica se alicerça em uma perspectiva que traz um entendimento simbólico acerca da cultura, que segundo Clifford Geertz, tem como característica o fato de que os padrões de significação se encontram interligados às formas simbólicas, como as manifestações verbais utilizadas para a comunicação humana. A semiótica é a ciência que tem uma busca contínua pelo estudo das linguagens tendo como objeto a análise de todas e quaisquer manifestações que produzem significados. No entendimento de Betti (2007) para a semiótica peirciana, a linguagem não é apenas um produto, mas um processo de produções sígnicas; desse modo, não apenas é concebida enquanto dimensão linguística, mas, enquanto instrumento capaz de construir conhecimento.

Nesse sentido, consideramos que Betti (2007) diferencia linguagem e código, pois considera que todo código é uma linguagem. Todavia, a linguagem é algo mais amplo e não contempla somente um "ser" código, apontando assim que o código é um dos elementos que compõe a linguagem.

Para Neira (2019, p. 63) a linguagem corporal enquanto elemento da EF produz textos a partir do entendimento de que: "[...] uma brincadeira, dança, luta, esporte ou ginástica é um texto da cultura produzido pela linguagem corporal, passível, portanto, de inúmeras leituras, elaborações e reelaborações".

Em estudo realizado por Ladeira et al. (2013) os professores participantes da pesquisa apontaram a importância da autonomia, que existe a partir do uso das

linguagens, por sua diversificação e ampla compreensão acerca da diversidade de formas de expressar sentimentos, trocar informações, apresentar ideias e construir conhecimentos. Citando ainda que para a realização desse processo de troca de informações e construção de conhecimento o ser humano utiliza-se de diferentes signos universais de comunicação, como, por exemplo, a palavra e, também, gestos e símbolos.

Assim, o fato de que as discussões sobre a cultura corporal avançaram no tempo devido à produção de conhecimento na sociedade, bem como o fato de que a linguagem se amplia com a comunicação oral e gestual, em um processo de produção simbólica. De certo modo, analisa-se que a linguagem não se separa das atividades humanas. Por essa acepção, compreende-se que cada sujeito possa ser capaz de interferir na forma de comunicação e construção de conhecimentos da linguagem no campo cultural (SOARES et al., 1992).

Contemplamos a percepção de Neira e Nunes (2006), de que a expressão cultura corporal é amplamente disseminada no ambiente e contexto de estudos acadêmicos. Todavia, não tem o mesmo entendimento na sociedade, sendo divulgada e interpretada de diversos modos por diferentes autores, sem que exista um consenso conceitual sobre ela.

Não é todo o movimento corporal que pode ser compreendido dentro da EF como institucionalizado, reproduzido e acabado. Mas, segundo o entendimento de Neira e Nunes (2006), todo o movimento humano com sentido carrega em si um contexto sócio-histórico-cultural, isto é, vem a ser um movimento com representatividade cultural, com intenção de comunicação e manifestação cultural.

A comunicação é realizada pelo ser humano a partir do uso de diferentes recursos, sendo a linguagem corporal uma das mais relevantes expressões que podem gerar comunicação e, por isso, de acordo com Nunes (2017), ela deve ser explorada nas escolas. Continua o mesmo estudioso apontando que o corpo e todos os elementos que o formam são essenciais para a ocorrência do processo comunicativo. Desse modo, a forma de ser, agir, vestir, os gestos, cabelo, cicatrizes e toda forma de se expressar são componentes da linguagem e da comunicação.

No Brasil, desde a década de 1970, os currículos escolares já tinham a EF como disciplina relacionada à Comunicação e Expressão, o que segundo Barros (2017) analisando o estudo de Soares et al. (1992, p. 41) apresentava o entendimento de que a EF já fazia parte da Área de Linguagens, quando explicita que: “O estudo

desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem". No decorrer das décadas de 1980, 1990 e 2000 também houve um período que ainda se tinha a concepção de instrumentalizar o corpo em relação à cultura, ocorrendo um pseudoavanço nessa área, que foi denominado de forma equivocada de "virada culturalista do corpo" (ALMEIDA et al., 2018). Segundo Bracht (2011) esse processo de instrumentalização vivenciado nas últimas décadas do século XX e início do século XXI gerou um aprisionamento do corpo à cultura, com pressupostos teórico-metodológicos, que traziam a cultura de movimento, cultura corporal, cultura motora e cultura corporal de movimento.

Nesse contexto conceitual primário avaliamos o que é EF no ambiente escolar considerando o ensino fundamental e médio para Soares et al. (1992), que pontuava ser a EF uma disciplina que atua segundo a cultura corporal, trazendo uma definição de EF enquanto jogos, esportes, dança e competição.

Segundo o entendimento de Darido et al. (2006) existe uma propensão para a maioria dos estudiosos do tema EF em conceituar a cultura corporal de movimento de modo abrangente, citando-a como toda e qualquer atividade física que utilize o corpo em movimento, como, por exemplo, brincadeiras, lutas, danças, jogos, dentre outras manifestações produzidas pela cultura e historicamente situadas enquanto culturais.

Trazemos aqui o entendimento de que para Neira e Nunes (2006) além da cultura corporal ser manifestações de movimentos corporais, a EF precisa ser percebida não somente como uma prática da cultura corporal, mas, também, uma prática social que ocorre no ambiente da escola e em diversos outros espaços.

Embasado nas concepções de Ivan Bystrina, Ferdinand Saussure e Jacques Derrida, os estudiosos Neira e Nunes (2006) apontam que a comunicação do ser humano ocorre a partir do uso de todos os recursos disponíveis, de forma a dinamizar sua intenção de comunicar. Essa assertiva também se relaciona à expressão corporal, pois o corpo e tudo o que nele se encontra latente e manifesto pode ser extremamente relevante para a comunicação. Desse modo, a comunicação corporal e os gestos podem ser concebidos, como os textos do corpo e a forma que ele se utiliza para se comunicar, ou seja, não é apenas uma forma de movimentação, mas sim, a própria linguagem corporal.

Nas concepções de Neira e Nunes (2009) a compreensão sobre a cultura corporal, tendo como elemento de estudo uma perspectiva de linguagem corporal se

aproxima dos conceitos pós-estruturalistas. Assim, a partir das concepções de Stuart Hall, Michel Foucault e Jacques Derrida, existe um afastamento do conceito de linguagens segundo a Sociologia e Antropologia clássica, apontando que nessa produção linguística do corpo existe uma relação de poder, práticas de governamento e instabilidade. Para os autores no estruturalismo, a linguagem é compreendida enquanto um elemento representativo da realidade, existindo um elo natural entre as coisas e as palavras.

Essa concepção de importância da linguagem corporal e da EF enquanto forma de linguagem aponta para o fato de que a EF nas escolas, pode ser uma forma de manifestação corporal tanto para os estudantes que participam das atividades físicas, quanto para os que estão apenas assistindo. Isso aponta para o fato de que a comunicação a partir da produção corporal pode ocorrer na produção de textos corporais e na interpretação desses (LADEIRA et al., 2013).

É relevante que tenhamos consciência e conhecimento sobre o que é cultura corporal e, nesse campo, tanto Darido et al. (2006) quanto Neira e Nunes (2006), consideram que essa cultura tem relação com as diversas formas de manifestações esportivas, ginástica, luta, dança e jogos, ou seja, são diferentes formas de atividades que possibilitam ao corpo a manifestação de uma linguagem que gera comunicação, pois todas as manifestações corporais possuem uma identidade cultural presente nas escolas e na sociedade.

A cultura corporal estudada e trabalhada na EF é um importante componente do universo dos conhecimentos humanos, os quais se relacionam com a forma de manifestar e interagir com as outras pessoas na comunicação. Trazemos neste estudo, que para Ladeira et al. (2013) a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens deve ser amplamente discutida, pois, existem lacunas científicas nessa área, tendo em vista que por um longo período de tempo não houve compreensão e aprofundamento da EF como linguagem e, nem mesmo, a concepção de que a linguagem corporal é relevante para a formação dos estudantes, trazendo inclusive aspectos de crescimento e convivência social.

O contexto que traz a EF enquanto instrumento de linguagem é apresentado, inclusive, nos pressupostos oficiais da legislação educativa, quando se lê: “a aquisição do conceito de linguagem corporal - cujo ensino é atribuição da nossa disciplina - é, portanto, condição para que o aluno compreenda e contextualize a comunicação humana” (BRASIL, 2006, p. 141). Compreender a linguagem corporal como uma das

formas de comunicação do ser humano aponta para a identificação de diversas possibilidades, que de acordo com Brasil (1999), podem apresentar a cultura corporal como uma linguagem possível na escola, permitindo que os estudantes possam se expressar e aprender a partir dos movimentos e diferentes atividades, como dito anteriormente, para sua ação/interação com o mundo. Desse modo, analisa-se a EF como uma manifestação da cultura corporal que gera a comunicação e a construção de conhecimento.

Para Ladeira et al. (2013) essa compreensão sobre a importância da EF no contexto escolar, pode gerar o entendimento de que os estudantes possam ter formas de se expressar e comunicar a partir da cultura corporal, seja no campo da ação ativa ou passiva, isto significa dizer, ou executando as manifestações corporais ou observando a execução de seus colegas, interpretando textos corporais.

No momento em que buscamos trazer a cultura corporal como alicerce da Linguagem e da expressão do estudante na escola, faz-se necessário analisarmos o entendimento de Machado e Machado (2013), que um dos mais relevantes papéis da EF é permitir o entendimento da cultura corporal e como ela tem a capacidade de significar e ressignificar a comunicação a partir do uso de uma linguagem não-verbal e, sim, corporal. Apontamos para a percepção de que a linguagem corporal tem um significado contextual, constituindo esse um importante contexto das variáveis que formam a linguagem e a comunicação.

O conjunto de textos produzidos pelos movimentos do corpo humano, apontam para a importância da construção de linguagem verbal e não verbal na EF. Assim, precisamos ainda citar que os textos culturais criados a partir dos movimentos corporais são sistemas comunicativos que estão vinculadas à cultura vigente. Todavia, existe a possibilidade de tais movimentos permitirem a comunicação entre diferentes culturas, tendo em vista que os movimentos corporais possuem uma linguagem universalmente comunicativa, que permitem pessoas de diferentes culturas compreenderem o texto repassado a partir do movimento (BAITELLO JÚNIOR, 2019).

Ao compreendermos a cultura de movimento sob o enfoque relacional entre corpo, natureza e cultura, pode gerar ao estudante o entendimento sobre as manifestações culturais e os contextos sociais que emergem de um corpo em movimento e, a diversidade cultural e de vivências dos corpos que se comunicam, informam e constroem conhecimento (MENDES; NÓBREGA, 2009).

A forma de expressão corporal do ser humano tem relação com a cultura em que está inserido, sendo que a relação cultura corporal do movimento tem elo com o conhecimento construído e reconstruído a partir dos textos e contextos do corpo. Desse modo, pontuamos que nos movimentos se encontram as diferentes manifestações, capazes de produzir comunicação, cultura e conhecimento, e vivências que perpassam o próprio movimento e constroem o ser e o vivenciar.

Os documentos oficiais da educação, quando teorizam conceitualmente a EF pontuam sua concepção enquanto linguagem, considerando as diferentes formas (DUARTE, 2010). Compreendemos, desse modo, que a EF possui um amplo entendimento sobre o seu contexto de linguagem, nesse sentido.

Segundo o que está apresentado nos PCNs o corpo escreve textos ao movimentar-se e cria gestos corporais que são símbolos para a comunicação. Dessa forma, atentamos para a semelhança do corporal com a língua no aspecto de movimentar-se para se expressar. É claro que a fisiologia do corpo lhe permite essa desenvoltura que gera movimentos, gestos e textos. Porém, tudo se vincula também com a cultura de cada indivíduo e o contexto cultural em que se encontram inseridas em processo de comunicação. Existem ainda as delimitações sociais que influenciam os movimentos e o transparecer dos significados de seus gestos (DUARTE, 2010).

Nesse sentido, no momento em que os estudantes são colocados para ações como prática esportiva, jogos, dança, luta ou qualquer atividade corporal existe a produção de um texto, que dentro de seu contexto cultural e social apresenta-se como formas de comunicação, para isso é preciso que os interlocutores tenham a capacidade de interpretação. Por isso, é importante que os estudantes sejam capazes de realizar e compreender a prática do movimento, de forma a permitir a atribuição aos conceitos de interlocução, significação e dialogismo (DUARTE, 2010).

Assim, é pertinente apontarmos que a construção pedagógica de todo o ensino básico, se orienta para a necessidade dos professores e professoras de EF compreender sua disciplina, enquanto essencial componente do currículo na Área de Linguagens, não constituindo o estudo de cada componente de forma isolada, mas, tendo a consciência de que a EF também está inserida nesse contexto de construção educativa ampla na Área de Linguagens (NOGUEIRA et al., 2017).

Em estudos realizados por Santos et al. (2012), Ladeira et al. (2013) e Fonseca et al. (2017), com professores de EF, que atuavam enquanto educadores nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, apontaram que os professores ainda

não compreendem com facilidade a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, sendo que essa característica é apontada como resquício de um processo histórico biologicista presente na área. Para Farias et al. (2020), essa concepção reduz a possibilidade de um trabalho interdisciplinar e da exploração ampla da EF, não enquanto responsável apenas pelo desenvolvimento biológico e físico dos estudantes, mas, e, também, com seus aspectos de linguagens, no campo cultural e social.

Analisamos o entendimento de Pombo (2003), de que a interdisciplinaridade é evocada toda vez que se percebe o limite do território de conhecimento e no momento em que é preciso alargar nossos saberes e perspectivas de novos conhecimentos. Isso posto, apontamos que a interdisciplinaridade está intimamente ligada a complexidade do mundo e à necessidade de existir inter-relação das ciências para buscar soluções, que melhor se adequem aos desafios. É assim, um movimento de construir a partir do conhecimento de diferentes ciências, e isto pode ser simplificado ao pontuarmos que a interdisciplinaridade constitua um aprendizado construído a muitas mãos.

Farias et al. (2020) apresentam e discutem o estudo realizado por Nogueira et al. (2017) em que é avaliada a estrutura de um projeto implantado junto às estudantes de uma escola no interior do Estado de Minas Gerais, que buscou identificar os aspectos que envolviam a EF, Artes e Língua Portuguesa como as disciplinas que embasam a leitura de textos e contextos, presentes nos conhecimentos cotidianos das escolas, trazendo a importância das reflexões sobre a musculação e os padrões corporais, que diariamente são vivenciados nas escolas e, inclusive estão presentes no cotidiano da sociedade, evidenciando que o movimento corporal tem relação com as vivências culturais, escolares e sociais.

A EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens precisa contribuir para a diversidade de conhecimentos, a amplitude da comunicação e a construção cultural da humanidade. Isso porque, segundo o que aponta Ehrenberg (2014) quando a criança desenvolve atividades na EF está se comunicando e transformando a linguagem a partir do movimento do corpo. Nesse sentido, ela está se apresentando ao mundo a partir da cultura corporal, construindo textos e contextos com a gestualidade do corpo, pois o que a criança expressa é intencional,

representativa, traz sentidos e significados[4] (FARIAS et al., 2020). E nesse contexto, compreendemos que essa expressão não é somente da criança, mas de todos os indivíduos, o que nos faz ponderar sobre a importância da EF no ambiente escolar.

Para os Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio, o ambiente é fator influenciador do indivíduo no que se relaciona aos textos e formas de comunicação construídos a partir das expressões corporais, isto aponta para o fato de que tais textos são significados a partir do contexto em que se encontram inseridos (BRASIL, 1999).

A partir da EF enquanto presente na Área de Linguagens, aprimoramos o entendimento de que os estudantes passam a fazer uma leitura de mundo crítica em relação às manifestações da cultura corporal, mas, para isso, cabe aos professores problematizar conhecimentos presentes na Área de Linguagens e referentes a EF, viabilizando a construção de conhecimentos corporais, físicos, biológicos, históricos, culturais e sociais (SIQUEIRA et al., 2019).

No momento em que tratamos da EF enquanto componente curricular da área da Linguagem, é pertinente apresentarmos a linguagem enquanto sistema de comunicação que permite aos estudantes e professores suas expressões e representações da realidade. Para Hall (1997) a linguagem vem a ser a prática política e cultural capaz de atuar diretamente na produção e negociação de significados, que possibilitam a comunicação e a construção de um mundo social em que o ser humano pode viver em conjunto desenvolvendo e vivenciando a cultura. Compreendemos que a linguagem tem a capacidade de possibilitar as ações de gerar, organizar, acumular e transmitir informações criando um sistema capaz de possibilitar a construção de conhecimentos, com uma linguagem ampla que pode ser verbal, corporal, visual e musical, como aponta Nunes (2017).

Quando falamos em EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens é importante trazermos a concepção de que o homem é um ser complexo, que deixa de ser compreendido a partir da mente e corpo separados e, adentramos no entendimento de que é um ser completo e a EF enquanto movimento do corpo,

[4] Para a compreensão textual da diferença entre sentido e significado tem-se que: “[...] o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata. Como se sabe, em contextos diferentes, a palavra muda facilmente de sentido. O significado, ao contrário, é um ponto imóvel e imutável que permanece estável em todas as mudanças de sentido da palavra em diferentes contextos” (VYGOTSKY, 2018, p. 465).

comunicação, texto e construção de conhecimentos no campo histórico, cultural e social, precisa estar à frente do aprender a aprender (DUARTE, 2010).

A linguagem da EF possibilita a comunicação facilitando a convivência social e o conhecimento de si e do outro. Assim, é pertinente compreendermos que essa EF traz sentidos e significados culturais que se embasam na linguagem e, como bem explica Le Breton (2016, p. 32): “na origem de toda a existência humana, o outro é a condição do sentido, isto é, o fundamento do vínculo social. Um mundo sem outrem é um mundo sem vínculo, fadado ao não sentido”.

CAPÍTULO 2 – A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ÁREA DE LINGUAGENS

“A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade”.

Paulo Freire

A nossa discussão sobre a EF é ampla no contexto de pesquisas acadêmicas, todavia, no decorrer do desenvolvimento do presente estudo, quando tratamos da EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens observamos uma lacuna no campo das pesquisas científicas. Desse modo, consideramos importante e necessária a elaboração de estudos, que tratem sobre essa abordagem, mas, para isso é preciso compreendermos a EF em sua amplitude e, inclusive, as práticas pedagógicas dos professores.

Trazemos aqui a compreensão da amplitude da Área de Linguagens, especialmente, quando tratamos a EF não somente apta ao desenvolvimento físico e da ativação da corporeidade, mas, constituindo uma forma de comunicação e interação que faz um elo entre as diferentes formas de linguagens e o universo da cultura corporal, tendo em vista que anteriormente somente a cultura corporal era preconizada pela EF (ASSMANN, 1993).

Em nossa observação, ao longo do tempo a EF enquanto disciplina no âmbito escolar passou por transformações, de acordo com as abordagens teóricas e as vivências práticas, traçando novos rumos, na construção, desconstrução e reconstrução da EF, se caracterizando, atualmente, como componente curricular.

Na linha histórica sobre a EF, observamos que essa foi introduzida no Brasil a partir da educação europeia, que a compreendia com viés biológico, que tinha a educação do corpo como único fator, pautando-se nos métodos ginásticos militaristas e nos hábitos de que os exercícios possibilitam um corpo saudável, com base nos discursos higiênicos e eugênicos (SOARES, 2020).

Nesse contexto higienista a EF tinha como base atividades de higiene e saúde, sendo o desenvolvimento físico e moral como ápice da disciplina, existindo a prática de exercícios físicos como uma forma de trabalhar o corpo e não como

linguagem. Assim, com o objetivo de ser uma disciplina coadjuvante no cotidiano escolar, os exercícios físicos deveriam ser simples, permitindo a execução de todos aos estudantes sem a compreensão de sua apresentação textual e contexto cultural existentes (NEIRA; NUNES, 2009).

A transformação da EF foi lenta, pois se num primeiro momento existiam os métodos ginásticos, em um segundo momento, esses foram substituídos por exercícios mecânicos e repetitivos, que valorizavam a força do corpo, a competitividade e um sistema de meritocracia[5], em que os mais competitivos eram associados ao sucesso do desenvolvimento humano. Esse processo de esportivização da EF trouxe para as escolas uma pedagogia que valorizava o corpo e o esporte (BRACHT, 1999). Nesse sentido, mesmo deixando de ter como base os métodos ginásticos e trazendo os esportes, ainda assim, a EF era percebida sob um viés biológico, não considerando os contextos de linguagem cultural e social.

Pontuamos o fato de que a EF ganhou patamar de maior importância no campo da educação, especialmente, quando deixou de ser uma disciplina subalterna às demais disciplinas escolares, ganhando valor no desenvolvimento humano por sua importância na Área de Linguagens (SANTOS; FUNZII, 2019). De acordo com Neira e Nunes (2009) essa consolidação da EF nas escolas tem relação com os discursos de transformação e mudanças sociais que ganharam força nas primeiras décadas do século XX.

Nesse contexto, trazemos que a EF com suas múltiplas possibilidades na Área de Linguagens tem capacidade de construir por meio da cultura corporal de movimentos uma gama de aspectos, que vem ao encontro da formação do ser humano, enquanto sujeito social, transformador e construtor de sua própria história e projetos de vida.

Aqui trazemos que a utilização de conhecimentos da cultura corporal permite que as pessoas cultivem um sentimento de pertencimento ao grupo, traçando uma comunicação e expressão que podem ser utilizadas no cotidiano da convivência ou em grupos mais abrangentes, considerando essa cultura como transformadora do ser humano no campo social e cultural. O conhecimento da cultura corporal pode ser um

[5] Sobre a meritocracia contempla-se o entendimento de que esse pode ser compreendido: “como um conjunto de valores que postula que as posições dos indivíduos na sociedade devem ser consequência do mérito de cada um. Ou seja, do reconhecimento público da qualidade das realizações individuais” (BARBOSA, 2008, p. 22).

interessante instrumento para vivenciar e harmonizar as relações sociais, além de expressar sentimentos e construir códigos de comunicação (BRASIL, 1998a).

Compreendemos que os diferentes códigos que se encontram nas manifestações da cultura corporal geram um contexto de convivência social. Desse modo, dinâmicas como conversas sobre esportes, jogos, dança e quaisquer atividades praticadas em grupo acabam gerando harmonia das relações interpessoais e facilitando a comunicação, a interpretação do ser e do sentir e a convivência social (LADEIRA et al., 2013).

A expressão corporal é uma forma de linguagem que encerra em sua concepção um conhecimento universal, patrimônio da humanidade, que é repassado a partir da transmissão e assimilação dos estudantes no ambiente escolar. Somente com a presença da expressão corporal é possível o ser humano ter uma visão de totalidade (LADEIRA; DARIDO, 2003), ou seja, da sua própria totalidade enquanto ser.

Entendemos assim, que cabe ao professor de EF desenvolver atividades corporais lúdicas, que tenham o sentido recreativo, esportivo, cultural e social, permitindo que o movimento corporal tenha uma prática reflexiva dos conteúdos trabalhados, levando o educando a perceber-se enquanto um ser biopsicossocial e não fragmentado sob um enfoque biologicista e competitivo. Nesse sentido, cabe aos professores e professoras perceber o significado da atividade física realizada, vivenciando a reflexão e constante transformação das práticas corporais enquanto práticas culturais e sociais presentes na Área de Linguagens.

CAPÍTULO 3 – ALGUNS OLHARES PARA OS DOCUMENTOS QUE ABORDAM A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ÁREA DE LINGUAGENS

"A linguagem é o que permite a construção de sentidos compartilhados e, portanto, a construção de um mundo social em que possamos viver em conjunto".

Stuart Hall

A década de 1970 trouxe mudanças na EF. Essa disciplina foi apresentada em guias curriculares enquanto pertencente a área de comunicação e expressão, gerando nesse contexto a compreensão de que o corpo tinha o potencial de ser um meio em que o ser humano poderia se expressar e comunicar (SÃO PAULO, 1975) e, que tal consideração deveria ser objeto de estudo na EF. Embora esses guias curriculares possam ser considerados marcos para a evolução da compreensão sobre a EF enquanto fonte de comunicação, as discussões ainda se apresentavam superficiais (LADEIRA; DARIDO, 2003).

Essa superficialidade fica clara quando nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) e nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) é recomendado o entendimento de que a EF não seja apenas considerada forma de expressão e de comunicação, mas, possua um significado mais amplo que adentra na formação cultural e social do ser humano (BRASIL, 2006). Aqui atentamos para um problema pertinente às políticas educativas no Brasil, quando se apregoa maior interesse para o Ensino Médio apresentando lacuna para os aspectos que envolvem a EF no Ensino Fundamental, o que gera a necessidade de maior discussão sobre essa etapa escolar e o papel da EF enquanto presente na Área de Linguagens.

Ao trazermos os documentos que embasam as ações educativas, é pertinaz problematizarmos a EF na etapa do ensino fundamental, tendo em vista a singularidade das especificidades acerca das propostas pedagógicas que engendram as práticas pedagógicas de professores e professoras na Área de Linguagens.

Contextualizamos, ainda, o entendimento de que a linguagem é uma importante capacidade humana de expressão, comunicação e articulação de

significados coletivos que são representados e compartilhados a partir das necessidades de convivência, experiências da vida e socialização. O corpo é assim um instrumento de linguagem capaz de produzir atos, gestos e significados sendo a produção de sentidos a razão principal da linguagem (BRASIL, 2000).

A continuidade da concepção de que a EF é parte integrante da Área de Linguagens é alicerçada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), estando também presente nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNs), que tratam da organização curricular escolar segundo as diferentes áreas de conhecimento, reafirmando que a EF é componente da Área de Linguagens. Contudo, Neira (2018a) trata sobre a superficialidade existente no texto legal da BNCC sobre a linguagem e os motivos que levaram a EF estar inserida como componente curricular na Área de Linguagens, sendo ainda um texto superficial no que se refere a cultura e cultura corporal.

Essa superficialidade do documento não permite elucidar questões que emergem os aspectos didáticos e metodológicos de professores e professoras de forma efetiva em suas práticas pedagógicas de EF na Área de Linguagens, fatos que apontam para a fragilidade dos documentos.

Nesse sentido, traz-se o entendimento de que:

> Por tudo isso, a BNCC sugere ao professor a direção oposta daquela que tem tomado a educação física contemporânea. A ausência de criticidade é alarmante. O documento homologado volta-se para a conformação e aceitação de um desenho social injusto, num movimento histórico em que os professores deveriam ser apoiados na elaboração de currículos democráticos e democratizantes. [...] (NEIRA, 2018a, p. 222).

A BNCC irrompeu com a concepção biológica do corpo ao trazer a EF como componente curricular da Área de Linguagens, adentrando para o entendimento do conhecimento acerca das práticas corporais em suas diversas significações trazendo a cultural e social como fontes essenciais. Desse modo, traz o documento que o movimento humano se encontra no campo da cultura e da comunicação e relação social. Por isso, constata-se que a cultura corporal do movimento são expressões culturais que trazem um texto e um contexto que podem ser observados e compreendidos. Essa concepção relacionada a EF enquanto expressão cultural permite articular a sua existência enquanto componente curricular da Área de Linguagens (BRASIL, 2018). A BNCC norteia as propostas curriculares estaduais e municipais e, ainda, evoca o importante papel dos professores como sujeitos do

processo, permitindo que professores e estudantes possam trazer suas experiências (BRASIL, 2018).

Na BNCC atentamos para a existência de diferentes linguagens a serem aprendidas, como, por exemplo: “[...] verbal, musical, visual e corporal, e para a integração desses recursos expressivos na participação na vida social. O termo abrange também diferentes formas de experiências: estéticas, sensoriais, sensíveis, corporais, sonoras, cinestésicas, imagéticas, performativas” (BRASIL, 2018, p. 86).

A BNCC configura o entendimento sobre a amplitude de possibilidades e funções da linguagem, trazendo a sua atividade de comunicação e, ainda a produção ou reprodução de conhecimentos (BRASIL, 2018). Todavia, esse *quantum* de tipos e funções de linguagem são importantes para a construção da identidade da pessoa, ou seja, é um amplificador das capacidades de expressão e comunicação dos estudantes (FONSECA et al., 2017).

Podemos analisar que a EF passou a ter uma visão não apenas de desenvolvimento corpóreo, mas que abrange conhecimentos e vivências das Ciências Humanas, Antropologia, Sociologia e, especialmente, da Linguagem. Autores como Jocimar Daolio, Carmen Lúcia Soares e Mauro Betti, além dos próprios documentos do Ministério da Educação e do Desporto (MEC), os PCNs, trouxeram um novo porvir de entendimento sobre a EF, não apenas interpretando-a sob um enfoque biologicista, mas trazendo ela como componente curricular da Área de Linguagens (DUARTE, 2010) e, por isso, a EF vai além do desenvolvimento físico e biológico do indivíduo e entra no campo social e cultural.

Atentamos que os documentos da educação trazem uma concepção de linguagem, que perpassa os conceitos específicos de cada componente da Área de Linguagens, ou seja, possui em sua essência a transdisciplinaridade atuando em uma formação individual, coletiva, cultural e social. Desse modo, cabe ao professor de EF trazer em sua prática pedagógica a inserção dessa concepção, considerando a linguagem com um entendimento mais dinâmico e abrangente que evoca uma perspectiva interdisciplinar[6] e transdisciplinar[7] (FONSECA et al., 2017).

---

[6] Entende-se que a: “interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa” (JAPIASSU, 1976, p. 74).

[7] A transdisciplinaridade é: “àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento” (NICOLESCU, 1999, p. 51).

No que tange as referidas abordagens, tencionamos acerca da transição e mudança de métodos de uma disciplina para outra, ou seja, ultrapassa-as. Porém, sua finalidade pela abordagem interdisciplinar explana e sobrevém à transversalidade do conhecimento característico de distintas disciplinas. Evocando, assim, a ação didático-pedagógica desenvolvida e mediada por professores e professoras acerca das práticas pedagógicas do componente curricular, que facilitam a disposição coletiva e cooperativa no universo escolar.

Sobre a transdisciplinaridade, acentuamos que muito embora a EF esteja contemplada na Área de Linguagens, toda a bagagem de conhecimento que esse componente possa oferecer aos estudantes, perpassa a referida área tendo em vista a gama de possibilidades de construção e formação de conhecimentos não só na perspectiva da cultura corporal de movimentos, mas, e, também, como um corpo vivo que ao inspirar e expirar elabora uma linguagem que vai além da representatividade apenas da gestualidade.

Nesse sentido, o fato de que a cultura corporal foi sendo apropriada pela EF, de forma a permitir a expressão cultural e a produção de conhecimento, com um novo contexto para a EF no ambiente escolar a partir dos próprios documentos oficiais (PCNs) em sua expressão cultural (LOPES, 2013).

A compreensão sobre a expressão corporal se solidificou também nos documentos oficiais quando o Brasil trouxe nos PCNs, que:

> É com o corpo que somos capazes de ver, ouvir, falar, perceber e sentir as coisas. O relacionamento com a vida e com os outros corpos dá-se pela comunicação e pela linguagem que o corpo é e possui. Essa é a nossa existência, na qual temos consciência do eu no tempo e no espaço. O corpo, ao expressar seu caráter sensível, torna-se veículo e meio de comunicação (BRASIL, 1999, p. 38).

Segundo o que preleciona a lei da educação, o corpo tem capacidade de comunicação e possui uma linguagem própria, por isso tem o potencial de se expressar atuando como importante instrumento da comunicação e da construção de conhecimento, dessa forma, é relevante que esteja inserido como componente curricular da Área de Linguagens.

As DCNs para o Ensino Médio (BRASIL, 1999a) disciplinam sobre a necessidade de a escola apresentar a relevância de todas as linguagens que fazem parte da área, pois todas são essenciais para a construção da identidade dos estudantes, bem como, para a dinamização do processo ensino-aprendizagem, de

forma que seja possível aos estudantes potencializar suas capacidades e habilidades artísticas, lúdicas e motoras, bem como, de utilizar o seu corpo enquanto linguagem para se expressar ao mundo.

É preciso assim compreendermos a amplitude do componente curricular no universo da educação e, nesse campo trazemos o entendimento de Souza Júnior (2010) de que esse componente não é somente um integrante presente no âmbito das disciplinas escolares, mas precisa estar contido no processo de organização curricular da escola, envolvendo-se em um contexto de dimensão cultural, curricular, da linguagem e de formação do estudante.

Nesse sentido: “O currículo é a ligação entre a cultura e a sociedade exterior à escola e à educação; entre o conhecimento e cultura herdados e a aprendizagem dos estudantes; entre a teoria (idéias, suposições e aspirações) e a prática possível, dadas determinadas condições” (SACRISTÁN, 1999, p. 61).

Assim para o fato de que a EF está disposta no âmbito da Área de Linguagens, na BNCC segundo os seguintes pressupostos: “a) ampliar as possibilidades de uso das práticas de linguagens; b) conhecer a organização interna dessas manifestações; c) compreender o enraizamento sociocultural das práticas de linguagens e o modo como elas estruturam as relações humanas” (BRASIL, 2018, p. 101).

Compreendemos que é no ambiente escolar que todas as linguagens devem ser tratadas com a mesma importância, por seu potencial de formação do indivíduo, bem como, por ser a linguagem um instrumento de formação da identidade dos estudantes e de compreensão do mundo em que se encontra inserido. Desse modo, as aulas de EF permitem aos estudantes iniciar seu processo de produção e leitura de textos corporais, de forma que a partir da dança, jogos, ginásticas, esportes e brincadeiras os estudantes possam compreender elementos presentes na cultura corporal de movimento e sua importância na sua formação (LADEIRA; DARIDO, 2003).

Nesse olhar para a EF suas expressões corporais não são apenas a reprodução de movimentos, mas a produção de signos, sentidos e significados. A EF não é responsável unicamente pelo exercício físico, com fins competitivos ou higienistas, mas, sua competência se alarga e passa a construir novas competências. São estipulados para a EF objetivos orientados pelas seguintes competências, que no entendimento de Fonseca et al. (2017, p. 666) envolvem o: “[...] fruir, experimentar,

usar, apropriar, refletir sobre a ação, construir valores, analisar, compreender e protagonizar".

Segundo Daolio (2020) na concepção de cultura de Geertz foi possível o redimensionamento da EF e houve a compreensão de que a EF não é somente um corpo em movimento, mas um corpo em contínua manifestação cultural, fundamentando o movimento do corpo como construção humana cultural e de comunicação.

A EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, não estando ampla e estruturalmente apresentada nos documentos, sendo apresentado somente sob um viés de entendimento conceitual, bem como, o fato de que os documentos não contemplam de forma ampla a definição de cada uma das áreas de conhecimentos que formam a Área de Linguagens, esse fato acaba por difundir a concepção de que sua existência esteja mais ligada a uma forma organizacional do que propriamente epistemológica (FONSECA et al., 2017).

A discussão da EF enquanto componente curricular da Área da Linguagens é importante trazer à luz das análises, como é seu tratamento segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/1996 (BRASIL, 1996), que considerou obrigatória a EF na Educação Básica, a partir disto podemos dizer, que desde a educação infantil, passando pelo ensino fundamental e alcançando o ensino médio, evidenciando a importância da EF na formação dos estudantes nas três etapas.

A LDB nº 9. 394/1996 disciplina que a EF tem como objetivo no campo escolar trabalhar a cultura corporal, de forma que possam ser articuladas as políticas educacionais, facilitando a elaboração de planos dos professores para estruturar às práticas pedagógicas (BRASIL, 1996), de modo a alcançar a melhoria da educação como um todo, formando estudantes capazes de se desenvolverem enquanto seres sociais no exercício de seu direito de construir conhecimento e cidadania.

Os documentos (PCNs, DCNs e BNCC), que trazem a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, apontam a concepção de trabalhar as disciplinas presentes na área de forma interdisciplinar, possibilitando o desenvolvimento de habilidades e competências. Nesse sentido, desde 1998 existiu o desafio de organização curricular, pois esta tem como propósito: "[...] trabalhar as linguagens não apenas como formas de expressão e de comunicação, mas como constituidoras de significados, conhecimentos e valores" (BRASIL, 1998, p. 37). A

BNCC de 2018 apresenta que as disciplinas presentes na Área de Linguagens são: Língua Portuguesa, Artes e EF; e, nas séries finais, Língua Inglesa, demonstrando a amplitude do conhecimento na área a partir da interdisciplinaridade e multiplicidade[8] do conhecimento.

Esse envolvimento dos estudantes em suas potencialidades também é contemplado no Documento de Referência Curricular para Mato Grosso, que foi construído a partir do que preconiza a BNCC, no que se refere ao "[...] Desenvolvimento Integral, Aprendizagem Ativa e a Progressão de Aprendizagem" (MATO GROSSO, 2018, p. 5).

Assim como a BNCC, o Documento de Referência Curricular para Mato Grosso traz em seu cerne uma perspectiva do "direito de aprender" de todos. Posto isso, o referido documento apregoa que não é suficiente o acesso ao ambiente escolar, mas, é preciso que o estudante possa ter mecanismos para o desenvolver de suas habilidades e competências, bem como, possa ter seu aprendizado respeitado, garantindo o acesso a uma educação que lhe permita o desenvolvimento integral e o exercício de cidadania (MATO GROSSO, 2018).

Tais competências, segundo o documento em análise, se encontram em um âmbito geral da educação básica e no campo da EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, como se observa no quadro 1:

Competências Gerais	**Competências da Educação Física**
1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos para entender e explicar a realidade, colaborando para a construção de uma sociedade solidária. 2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, para investigar causas, testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções com base nos conhecimentos das diferentes áreas. 3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural. 4. Utilizar diferentes linguagens – verbal, corporal, visual, sonora e digital –, bem como	1. Compreender a origem da cultura corporal de movimento e seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual. 2. Planejar e empregar estratégias para resolver desafios e aumentar as possibilidades de aprendizagem das práticas corporais, além de se envolver no processo de ampliação do acervo cultural. 3. Refletir, criticamente, sobre as relações entre a realização das práticas corporais e os processos de saúde/doença. 4. Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos

[8] No entendimento de Almeida Filho (1997, p. 86): "Poder-se-ia dizer que na Multidisciplinaridade as pessoas, no caso as disciplinas do currículo escolar, estudam perto, mas não juntas. A idéia aqui é de justaposição".

conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. 5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais e escolares, para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. 6. Valorizar a diversidade de saberes e apropriar-se de conhecimentos que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida pessoal, profissional e social, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. 7. Argumentar com base em fatos, e informações confiáveis, para defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental, e o consumo responsável com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. 8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas e com a pressão do grupo. 9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, valorizando a diversidade de indivíduos e grupos, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. 10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.	disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas. 5. Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes. 6. Interpretar e recriar os valores, sentidos e significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam. 7. Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos. 8. Usufruir das práticas corporais de forma autônoma para potencializar o envolvimento em contextos de lazer, ampliar as redes de sociabilidade e a promoção da saúde. 9. Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário. 10. Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura e paraolímpicas, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.

Quadro 1 – Competências Gerais e Competências da Educação Física
Fonte: Mato Grosso (2018, p. 135-136).

As competências citadas no quadro 1, especificamente, as relacionadas com a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, estão vinculadas à atividade do professor enquanto atribuições no contexto didático e metodológico de

suas práxis pedagógicas no processo de construção de uma educação voltada para o desenvolvimento integral do estudante, tal qual preconiza a BNCC.

Com base nesse entendimento contextual, é relevante observarmos o estudo realizado por Fonseca et al. (2017), o qual aponta que os professores de EF, em sua maioria, parecem não compreender a importância e amplitude da EF na Área de Linguagens, mesmo que os documentos oficiais tragam essa lógica, alguns docentes ainda não atuam no deslocamento para a ampliação deste componente curricular na Área de Linguagens. Essa limitação em relação a amplitude da percepção da EF enquanto linguagem pode distanciar a articulação da política pública educativa para as práticas pedagógicas em sala, sendo preciso a discussão ampla acerca dessa nova proposta, na qual é inserida esse componente curricular.

Compreendemos que a BNCC traz a linguagem enquanto instrumento para a comunicação, trazendo as práticas de linguagem como construção de significados coletivos que permitem a interação social entre as pessoas (FONSECA et al., 2017). Traz ainda Brasil (2018, p. 86) que: “As práticas de linguagem permitem a construção de referências e entendimentos comuns para a vida em sociedade e abrem possibilidades de expandir o mundo em que se vive, ampliando os modos de atuação e de relacionar-se”.

Ao tratarmos sobre a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens é pertinente a concepção de que, as linguagens podem ser concebidas conceitualmente como instrumentos de conhecimento e construção de mundo (MATTOS; NEIRA, 2013). Isto porque a EF é incorporadora das produções sociais, bem como, trazendo a representação abstrata do pensamento humano, permitindo a construção de uma realidade que se alicerça na visão de mundo construída pela informação, comunicação, expressão e vivências sociais e culturais pertinentes (LADEIRA; DARIDO, 2003).

Os documentos oficiais da educação trouxeram em um primeiro momento o entendimento de que a linguagem era observada enquanto uma herança social (BRASIL, 2000). Isto porque a linguagem traz como essencial, tanto o conhecimento quanto as próprias formas de conhecer, trabalhando a interação e a comunicação na relação interpessoal e desenvolvimento em um contexto social. Isso se alicerça na concepção de que toda a linguagem carrega em sua essência uma visão de mundo, que pode ser representada ou comunicada (FONSECA et al., 2017).

CAPÍTULO 4 – CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para a realização deste estudo foi necessário escolhermos o caminho metodológico trilhado. Para Marconi e Lakatos (2013), a metodologia constitui um conjunto de técnicas e processo que são utilizados pela ciência de modo a permitir a formulação e solução de problemas, possibilitando a construção de conhecimentos sistematizados.

Segundo o que expõe Minayo (2006), o conhecimento científico é construído a partir da realização de estudos e pesquisas, com a escolha adequada do método constituindo um dos principais elementos de sua realização. Neste sentido, compreendemos que as ferramentas metodológicas escolhidas constroem o caminho até o conhecimento científico de forma mais adequada aos recursos disponíveis.

Ao trazer o caminho metodológico percorrido para o desenvolvimento desta dissertação, faz-se importante observar a figura 1, em que são traçados todos os caminhos metodológicos utilizados para essa pesquisa:

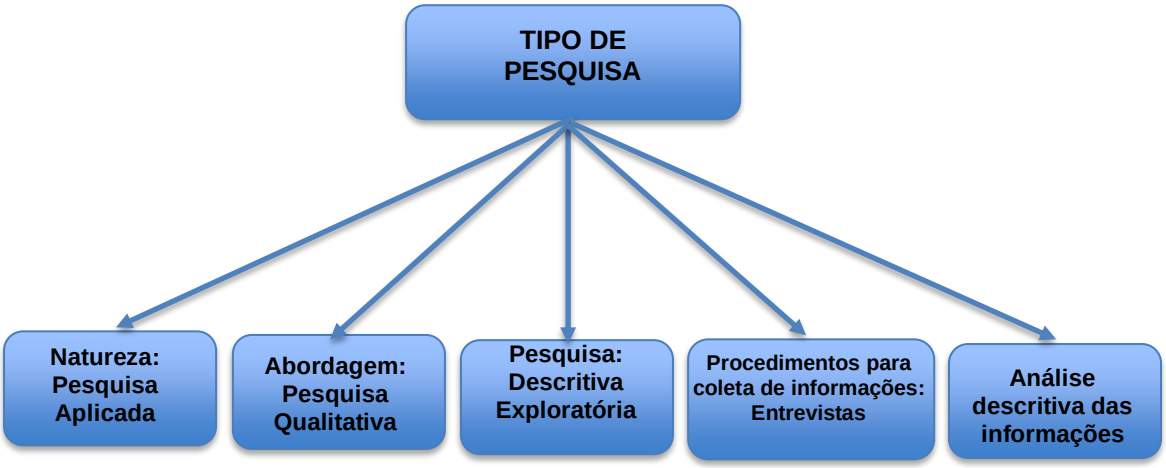


Figura 1 – Tipo de pesquisa desenvolvida

Quando se busca conhecer de forma ampla o tipo de pesquisa realizada é preciso observarmos cada um de seus tipos, considerando a natureza, abordagem, objetivos, procedimentos e métodos. Nesse sentido, a presente pesquisa em relação à sua natureza, ou seja, à finalidade e contribuição que o estudo trará para a ciência é do tipo aplicada. Na perspectiva de Gil (2010) a pesquisa do tipo aplicada tem como essência a geração de conhecimentos para aplicação prática, de forma que possa

colher informações que possibilitem a resolução de problemas específicos, que possam estar presentes em públicos com características similares ao grupo estudado, no caso aqui apresentado, os professores de EF das escolas públicas do Município de Rondonópolis-MT.

Quando tratamos sobre o tipo de pesquisa desenvolvido considerando à abordagem, buscamos nos aproximar da pesquisa qualitativa. Sob os aspectos subjetivos do comportamento dos indivíduos que formaram o grupo ativo da pesquisa, ou seja, os professores de EF, que trouxeram suas percepções sobre a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens com suas percepções e maneiras de ler o universo pesquisado, ligamo-nos aos espaços escolares.

Consideramos relevante a análise de que as pesquisas do tipo qualitativa possibilitam um entendimento mais amplo acerca da ocorrência do fenômeno observado, permitindo ao pesquisador a compreensão significativa do que foi analisado com nível maior de conhecimento sobre o fenômeno, permitindo a geração de conhecimento (SANTOS FILHO; GAMBOA, 2017).

No que se referem aos objetivos que traçamos para o desenvolvimento do estudo, essa pesquisa é do tipo descritiva, ou seja, são apresentadas as características da população (professores de EF) além de aspectos relacionados ao fenômeno, que trouxe a percepção dos componentes do grupo participante do estudo sobre a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens. Importante ainda ressaltarmos que para a coleta de informações foi utilizada uma técnica padronizada de coleta de dados, ou seja, foram levantadas as falas dos professores e professoras de EF, sendo que na análise de Gil (2010) as pesquisas descritivas se demonstram com excelência no contexto acadêmico de forma a possibilitar o desenvolvimento de estudos no campo social.

No caso específico desse estudo, a pesquisa foi descritiva e teve como público-alvo professores e professoras dos anos finais do Ensino Fundamental da rede pública estadual do Município de Rondonópolis do Estado de Mato Grosso. O levantamento de dados e informações foi realizado a partir de um roteiro de mediação das narrações (Apêndice 1), com quatro temáticas distintas que permitiram aos pesquisados trazer à tona percepções sobre temas que permeiam a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens. Os participantes do estudo compuseram uma amostra intencional por indicação de terceiros, ou seja, os

professores participantes do estudo foram indicados pela Coordenação Pedagógica de cada instituição escolar.

Para desenvolvermos o estudo foi preciso trilhar caminhos, capazes de viabilizar a construção de uma escrita, que trouxesse os detalhes e informações sobre as percepções de professores e professoras de EF sobre a temática central, podendo assim, com o estudo realizado (no campo de dados primários e secundários) responder aos objetivos traçados e dialogarmos sobre a temática no campo acadêmico, trazendo a discussão sobre a EF inserida na área de conhecimento das linguagens, além do muro escolar.

Os professores e professoras que fizeram parte do estudo são de 04 (quatro) unidades escolares de políticas educativas diferentes do Município de Rondonópolis-MT, perfazendo um total de 29 (vinte e nove) Escolas Estaduais, considerando o Ensino Infantil, Fundamental e Médio, divididas em quatro políticas educativas: Urbana (25 unidades); do Campo (2 unidades); Integral (1 unidade) e Militar (1 unidade). Esse estudo teve a participação de 8 (oito) professores e professoras sendo dois em cada uma das quatro políticas educativas (Escola Urbana; Escola do Campo, Escola Integral e Escola Militar).

Na apresentação e análise dos resultados trouxemos os professores da Escola Urbana como P.U.1 e P.U.2; os professores da Escola do Campo como P.C.1 e P.C.2; os professores da Escola de Tempo Integral como P.I.1 e P.I.2 e os professores da Escola Militar como P.M.1 e P.M.2.

Todas as unidades poderiam participar do estudo segundo a Carta de Anuência da Assessoria Pedagógica de Rondonópolis-MT para a execução da pesquisa (Apêndice 2), mas por acesso, as unidades escolares que fizeram parte ativa da nossa pesquisa são: unidade Urbana Escola Estadual Professor Domingos Aparecido dos Santos (dois professores); unidade do Campo Escola Estadual José Rodrigues dos Santos (dois professores); a unidade escolar da categoria Integral Escola Estadual Silvestre Gomes Jardim (com um professor e uma professora) e a unidade Militar Escola Estadual Tiradentes Major PM Ernestino Veríssimo da Silva (com um professor e uma professora).

A pesquisa foi realizada em dois momentos. Primeiramente, após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Judas (Anexo 1) foi realizada na data de 15 de junho de 2021 um plano piloto, quando foi entrevistada via Plataforma Google Meet uma professora da unidade Urbana da Escola Estadual

Dom Wunibaldo Talleur para que fosse possível realizar ajustes no instrumento de coleta de dados.

Em consequência da pandemia gerada pelo vírus SARS-CoV-2, que causou a evolução da doença COVID-19 em todo o mundo, não foi possível realizarmos a pesquisa presencial, sendo que a abordagem aos professores e professoras ocorreu por telefone, e as entrevistas aconteceram por via da Plataforma Google Meet, de forma que o estudo primou pela biossegurança das ações da pesquisa, pautando-se nas orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Contemplamos assim, que foram entrevistados 9 (nove) professores, porém, todos os dados da professora que participou do estudo piloto foram descartados, devido às mudanças realizadas no instrumento que foi utilizado para a pesquisa final.

Para cada uma das unidades escolares supracitada foi solicitada a participação de dois professores. Vale ressaltar que as coordenações já possuíam ciência da pesquisa, pois foram comunicadas pela diretoria de ensino quando cedeu a Carta de Anuência. O contato inicial foi realizado por telefone com a Coordenação Pedagógica da escola que indicou um dos professores após a apresentação dos objetivos e critérios de inclusão da pesquisa. Posteriormente, realizamos o contato por e-mail com o professor ou professora indicados. O convite para participar da pesquisa foi realizado pelo formulário disponibilizado pelo link que segue: https://docs.google.com/forms/d/1Ht-nsy_rTHHQNFtZuvf2MFt_jdaw2KbqE98MYCg_t8M/edit.

Depois de o professor ou professora aceitar o convite para a participação na pesquisa, ele foi conduzido ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aqui apresentado no (Apêndice 3). Somente após esse procedimento é que foram realizados os agendamentos da entrevista, sendo que o turno a ser realizado ficou a cargo dos professores e professoras participantes, de forma a facilitar a sua participação.

O critério de exclusão para a participação na pesquisa foram os professores e professoras, que estiverem afastados por um período superior a três meses de suas funções. Já os critérios de inclusão para a participação na pesquisa foram professores e professoras de EF, efetivos e contratados da rede estadual de ensino que atuam nas escolas do Município de Rondonópolis-MT.

As entrevistas foram realizadas no período entre 22 de junho de 2021 a 15 de julho de 2021. As referidas entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas em sua literalidade para a realização de nossa análise temática.

Quanto aos momentos da pesquisa, tivemos o momento em que a pesquisa aqui apresentada se alicerça no estudo bibliográfico e documental e, o estudo exploratório, que foram traçados para consolidar a busca e o alcance dos objetivos inicialmente traçados.

Sobre a pesquisa bibliográfica, Marconi e Lakatos (2013) esclarecem que é um dos mais importantes procedimentos de um estudo, fazendo parte de todas as pesquisas, pois é a fundamentação do conhecimento teórico do pesquisador em relação a temática trabalhada, que no caso do presente trabalho contempla as características da EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, trazendo em princípio o conceito de diferentes teorizadores

O segundo procedimento realizado foi a pesquisa documental, ou seja, na concepção de Gil (2010) é um tipo de pesquisa realizada em documentos tratados ou não por outros pesquisadores, que podem trazer dados para a pesquisa que permitem entender com maior especificidade um caso analisado.

Ao trazermos os aspectos da pesquisa documental tem-se que:

> A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa (GIL, 2008, p. 51).

No caso da presente pesquisa os documentos apresentados foram os Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) das escolas, em que foram retirados dados para a formulação dos quadros de apresentação de cada uma das unidades escolares nas quais os professores participantes atuam, bem como, outros documentos foram analisados como os PCNs, DCNs, BNCC e DRCs, com o propósito de abarcar no presente estudo as concepções apresentadas nos referidos documentos em relação a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens.

O estudo exploratório foi desenhado com uma entrevista semiestruturada com análise temática, que no entendimento de Braun e Clarke (2006, p. 79): “através da sua liberdade teórica, a análise temática fornece uma ferramenta de pesquisa flexível

e útil, que pode potencialmente fornecer um conjunto rico e detalhado, ainda que complexo de dados”.

No decorrer do presente estudo, a análise aqui realizada foi a partir da descrição e as considerações do que foi encontrado, nesse sentido, pontuamos que a análise é do tipo descritiva.

CAPÍTULO 5 – RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados aqui apresentados se fundamentam na coleta de dados documentais no contexto das leis que regem a educação no Brasil, tais como DCNs, PCNs e a BNCC, bem como foram realizadas pesquisas nos documentos das quatro unidades escolares participantes do estudo, especificamente, nos PPPs, da unidade Escola Estadual Professor Domingos Aparecido dos Santos; a Unidade do Campo Escola Estadual José Rodrigues dos Santos; a unidade Integral Escola Estadual Silvestre Gomes Jardim e a unidade Militar Escola Estadual Tiradentes Major PM Ernestino Veríssimo da Silva.

A demonstração dos resultados e discussões seguirá esta mesma ordem escola de política Urbana, do Campo, Integral e Militar, sendo importante salientarmos novamente que para cada uma das unidades escolares foram entrevistados 2 (dois) professores, gerando um quantitativo amostral de 8 (oito) professores e professoras pesquisados.

A efetivação da pesquisa ocorreu a partir de uma entrevista via Plataforma Google Meet com cada um dos professores e professoras pesquisados, as quais foram realizadas no período entre 22 de junho de 2021 a 15 de julho de 2021. As referidas entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas em sua literalidade para a análise temática.

Como anteriormente apresentamos na metodologia ao trazermos as narrações dos professores e professoras pesquisados, trouxemos as seguintes denominações: P.U.1 (Professor da Escola Urbana 1) e P.U.2 (Professor da Escola Urbana 2); P.C.1 (Professor da Escola do Campo 1) e P.C.2 (Professor da Escola do Campo 2); P.I.1 (Professor da Escola de Tempo Integral 1) e P.I.2 (Professor da Escola de Tempo Integral 2) e P.M.1 (Professor da Escola Militar 1) e P.M.2 (Professor da Escola Militar 2).

No que se refere ao caminho narrativo realizado, os professores e professoras tiveram suas falas mediadas, gerando provocações quando a narração não trazia as informações que vinham ao encontro da temática. Todavia, nossas interpelações não tiveram o escopo de direcionar as falas dos participantes do estudo, sendo essa uma ação livre.

Com o propósito de situar os leitores acerca das unidades escolares e suas políticas educativas, anterior a cada uma das análises temáticas das narrações dos professores e professoras sobre o tema EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, serão apresentadas as especificidades de cada política, as percepções dos professores sobre a temática e suas práticas pedagógicas. Além disso cabe aqui trazer o conceito de cada uma das políticas educativas e as características das escolas alvo do estudo, traçando uma linha estrutural e específica sobre cada uma das quatro unidades escolares.

5.1 Narrações dos professores da Política Educativa – Escola Urbana

Em primeiro plano apresenta-se o conceito de educação da Escola Urbana, que de acordo com Rocha (2010, p. 1): “É o processo de ensino-aprendizagem realizado em instituições escolares, públicas ou privadas, regulamentado por legislação específica de âmbito nacional, regional e/ou local, estruturado em sistema de ensino. [...]”, estando essa política sob a regência da LDB (Lei n. 9.394/96).

A Escola Urbana *locus* de dois professores participantes desse estudo, é a Escola Estadual Professor Domingos Aparecido dos Santos, que é apresentada segundo os dados do quadro 2:

Instituição
Escola Estadual Professor Domingos Aparecido dos Santos
Endereço
Praça Francisco Clarion – Bairro Conjunto São José II, Rondonópolis-Mato Grosso. CEP: 78.715-840.
Organização
Por Ciclos
Número de funcionários
102 (cento e dois) funcionários
Distribuição dos funcionários por função
Técnico Administrativo Educacional: 6 Apoio Administrativo Educacional: 16 Professores Efetivos: 55 Professores Temporários: 24 Professor Permuta: 1
Número total de alunos
1.166 (mil cento e sessenta e seis) alunos
Distribuição de alunos por nível
Ensino Fundamental Regular: 378 Ensino Médio Regular: 788
Educação Especial
38 (trinta e oito) alunos
Missão
Oferecer serviço de qualidade para promover a Educação do ser humano, possibilitando um crescimento socioeconômico e a satisfação das pessoas envolvidas.
Visão
Seremos uma escola de excelência pelo trabalho criativo, inovador, eficaz, segura e responsável, respeitando nossos alunos, pais, comunidade e equipe escolar.
Valores
Trabalho em Equipe Trabalhamos em equipe, proporcionando oportunidades iguais, apoiando a criatividade e a inovação. **Qualidade** Valorizamos nossos alunos com trabalho de qualidade e excelência em tudo aquilo que fazemos e pela maneira como fazemos.

Quadro 2 – Dados da Escola Estadual Professor Domingos Aparecido dos Santos
Fonte: Pesquisa (2021)

Compreende-se que a missão, visão e valores da escola são faróis que podem direcionar o caminho a ser percorrido pela instituição, no entanto, todos esses elementos são alcançados, especialmente, quando professores e alunos, ou seja, os principais atores da comunidade escolar possam ser protagonistas de seus conhecimentos e, no caso da temática do presente estudo, os professores e professoras enquanto protagonistas das práticas pedagógicas da EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens segundo a política educativa.

Aqui cabe uma crítica acerca da distância entre o que as escolas propõem em seus PPP e o que oferecem para os professores e alunos para alicerçar os processos de ensino e de aprendizagem realmente capaz de gerar o aprendizado. Neste sentido,

analisa-se que a falta de compreensão sobre o que é a linguagem e, ainda mais, que motivos levam a EF estar presente na Área de Linguagens, e como este componente curricular pode ser trabalhado na perspectiva desta área, são fatores que podem não permitir que a missão, visão e valores das escolas não sejam apenas palavras para a composição do PPP, mas, efetiva realidade cotidiana.

No início da apresentação e análise das falas dos professores é essencial apontar que nossa análise temática terá como primeira política educativa a Urbana, em que foram pesquisados dois professores aqui apresentados como P.U.1 e P.U.2. A linha de análise será a apresentação da narração de cada professor, sedimentadas pelas nossas considerações fazendo um entrelace com os teorizadores, quando esta ação for possível e tiver o escopo de ampliar o entendimento do que foi narrado e compreendido.

Quanto às informações do perfil do P.U.1, é um professor do sexo masculino, possui 33 anos, é formado em Educação Física pela pelo Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG), na Cidade de Várzea Grande no Estado de Mato Grosso, sendo essa a sua primeira formação acadêmica, concluída no ano de 2011, e pós-graduado em Educação Física Escolar pela Universidade Cândido Mendes. O que chama a atenção na formação deste professor é o fato de que desde a graduação, tinha interesse na atuação docente, por isso não só desenvolveu os estágios obrigatórios da faculdade no período da graduação, mas foi além, atuando em algumas escolas básicas municipais e estaduais, estando desde 2011 na prática pedagógica, ou seja, se encontra na atividade de professor da EF há 10 anos.

No momento em que as informações levantadas tiveram o escopo de observar o tempo de atividade profissional do professor foi solicitada, bem como, o nome da escola de atuação, com a citação da Escola Escola Domingos Aparecido dos Santos afirmando ainda, que se encontra na unidade desde 2018, ou seja, sua experiência com a política educativa Urbana, na referida unidade, é de quatro anos.

Na sequência mediamos a questão sobre a existência de alguma particularidade na atuação pedagógica no que se refere à EF considerando a política Urbana e, nesse momento, em sua fala, o professor P.U.1 considerou que a principal particularidade que ele observa em relação a EF na política Urbana é o fato de que a mesma acontece junto com as demais disciplinas e, que em sua consideração deveria ocorrer no contraturno, citando inclusive que existem outras unidades, que já estão

realizando desta forma, o que gera maior motivação e rendimento dos alunos, segundo a sua percepção.

Esta questão da EF em contraturno é levantada frequentemente aqui em Rondonópolis, realidade observada no percurso das falas tanto do P.U.1 da escola que atua na política educativa Urbano, quanto do P.M.1, que atua na escola de política Militar (a frente apresentado), tendo em vista diferentes fatores como o caso de fazer as práticas da EF e retornar à sala para a aula de outro componente curricular, o que pode causar um desconforto, visto que os alunos entram em sala suados e cansados, causando a desmotivação para as próximas atividades.

Durante a mediação das narrações questionamos sobre os documentos referenciais (BNCC e DRCs), que norteiam a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, sobre a temática de que a EF está inserida nessa área considerando as vivências do professor, que pontuou:

> P.U.1 – Creio que seja coerente com a proposta né, porque na Educação Física existe diferentes tipos de linguagens a principal delas é a linguagem corporal, então creio que seja coerente a Educação Física enquanto componente curricular estar inserida no contexto da Área de Linguagens.

Para o P.U.1 que atua na política Urbana, a EF é composta de diferentes tipos de linguagens, sendo que o mesmo citou como principal linguagem a corporal, percepção que vai ao encontro do entendimento do professor e pesquisador Neira (2019), o qual aponta que a linguagem do corpo produz textos, citando diferentes atividades, como brincadeiras, lutas e construções culturais que se fundamentam nas leituras e interpretações destes textos corporais.

Analisa-se que para o P.U.1 a linguagem corporal é o objeto, que mais se destaca no que se relaciona a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, não tendo a percepção em suas práticas pedagógicas de outras possibilidades, que possam ir além da linguagem corporal.

Prosseguindo no desenvolvimento do trabalho de pesquisa, trouxemos ao P.U.1 se esse podia explanar um pouco sobre os retrocessos ou avanços da EF ao ser inserida na Área de Linguagens, questionamento que elucidou o fato da existência da percepção de que a EF nessa área gera avanços, inclusive trouxemos novamente, o fato de que a EF deve estar na Área de Linguagens porque:

> P.U.1 – [...] o nosso corpo ele expressa, através do gestual, do ritmo, da expressão corporal. Então penso que nesse sentido houve avanço.

O que nos remete novamente para a linguagem do corpo.

Questionamos o P.U.1 sobre o que é para Ele ter a EF na Área de Linguagens, o professor se expressou:

> P.U.1 – Olha (risos), não tenho ainda uma opinião formada sobre isso.

Em um segundo momento, contextualizamos o fato de que, considerando uma concepção de organização da EF enquanto componente curricular, como o professor percebia esta mudança, tendo em vista que essa perspectiva foi introduzida a partir dos documentos PCNEM em 2000 e OCEM em 2006.

Nas falas do P.U.1 o mesmo citou que acredita que o fato da EF estar encaixada e organizada na Área de Linguagens é mais apropriada, pois as demais áreas são a Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas, que na sua concepção não haveria compatibilidade, desse modo, concluiu que não observa tanta mudança com a EF na Área de Linguagens.

Ainda o P.U.1 considerou que a EF também poderia fazer parte da Psicologia, pois atua com as questões psicológicas dos alunos no contexto das aulas. Após a narração sobre a possibilidade de a EF caminhar junto a Psicologia, buscamos saber mais sobre esta observação, ao que o professor respondeu:

> P.U.1 – No sentido de trazer alguns valores para dentro das aulas, trabalhar alguns temas relacionados com o psíquico e o físico.

O fato de a EF ser complexa e ampla evidencia a possibilidade de diferentes interpretações quanto ao seu caminhar curricular, como se observou durante a presente pesquisa com a participação do P.U.1 acerca da possibilidade de a EF aproximar-se de questões inerentes à Psicologia.

Na sequência de suas falas o P.U.1 trouxe características sobre a sua prática pedagógica, acrescentando que suas aulas são expositivas e, que as aulas teóricas são exigências da escola, que busca trabalhar teoria e prática. Dessa forma, seus apontamentos nos levaram ao entendimento de que em sua compreensão as questões teóricas da EF é que fazem parte da Área de Linguagens citando ainda que:

> P.U.1 – Às vezes a gente primeiro aborda algum tema, na prática a gente propõe um tema para os alunos e através desse tema falando sobre o corpo, o esporte, sobre alguma luta e alguma dança, a gente vem para a teoria para contextualizar para ouvir os outros falar também e a gente faz uma conclusão daquele determinado assunto que a gente estudou, que a gente desenvolveu.

Novamente observamos na narração do professor que ele compreende a importância de trabalhar a EF no campo teórico e prático. Porém, em nossa análise, inferimos que o professor não deixou claro suas falas como e porque esse componente curricular se encontrar inserido na Área de Linguagens.

Partindo para uma nova temática, buscamos levantar a percepção do professor sobre as práticas pedagógicas da EF na Área de Linguagens, considerando a sua política educativa de Escola Urbana, o P.U.1 acredita que deveria trabalhar com maior amplitude a questão da interdisciplinaridade e multidisciplinaridade, até porque a EF está em uma área com outras disciplinas, e todos os professores da Área de Linguagens deveriam trabalhar juntos, todavia, isso não ocorre.

Para o P.U.1 os professores se concentram em sua própria disciplina e se esquecem de trabalhar com os professores de outras disciplinas. Afirmou ainda em sua fala que ele já tentou trabalhar com a interdisciplinaridade, porém, não conseguiu desenvolver de forma produtiva as atividades, considerando que a demanda de cada professor, suas atribuições e o tempo para trabalhar, além da burocracia existente na escola são os fatores que impedem trabalhar a interdisciplinaridade. A interdisciplinaridade, no entendimento de Japiassu (1976) contempla a possibilidade de trabalhar as trocas de conhecimentos e integração entre os especialistas de cada disciplina; e, multidisciplinaridade, para Almeida Filho (1997), constituindo essa uma justaposição, não são aspectos trabalhados.

> P.U.1 – Não, não desenvolveu, eu já tentei desenvolver (risos), mas não deu muito certo. Por conta das demandas de cada professor, das atribuições, talvez o tempo para se trabalhar, tem a parte burocrática também na escola para a gente cumprir, para a gente fazer, então por isso que às vezes não deu muito certo.

Ainda considerando o trabalho interdisciplinar e multidisciplinar na escola o P.U.1 citou o desenvolvimento de projetos da EF como as Olimpíadas, que envolve toda a escola e o trabalho com ciências e festivais de músicas, porém, acrescentou as dificuldades enquanto professor de enquadrar tais objetos de conhecimento em suas práticas pedagógicas. Desse modo, trazemos a sua fala:

> P.U.1 – Aqui na nossa escola nós temos muito, assim, nós temos alguns projetos que são desenvolvidos durante o ano, nós temos as Olimpíadas, que é projeto da Educação Física, mas que envolve toda a escola, nós um projeto de ciências, festivais de música, então nesses projetos a gente poderia trabalhar de forma mais articulada. Só que ainda não consegui fazer isso encaixar na Educação Física dentro dessas ações que a escola desenvolve.

Considera-se que na escola em que atua o P.U.1 existe a intenção por parte de alguns professores em desenvolver projetos que envolvam atividades interdisciplinares e multidisciplinares, todavia, entre a teoria da organização desses projetos e sua efetividade na prática, diversos são os problemas encontrados, que acabam limitando uma atividade capaz de transcender uma disciplina ou uma área e, com isso, possibilitar aos professores e aos alunos a amplitude de seus conhecimentos.

Busquei suscitar a percepção do P.U.1 acerca do desenvolvimento das práticas em Educação Física na Área de Linguagens, consideração esta que gerou a fala de que o professor P.U.1 percebe que faz sentido a EF trabalhar na Área de Linguagens, pois quando trabalha a teoria, trabalha a escrita, então envolve a Língua Portuguesa, bem como, considerou que trabalha a EF junto com alguns conteúdos presentes nas Artes, outro componente desta área.

> P.U.1 – Eu percebo que faz sentido à Educação Física trabalhar na Área de Linguagens, por exemplo, a escrita então envolve a Língua Portuguesa. Então está junto, a Educação Física está trabalhando a questão da Língua Portuguesa também, a questão da Arte a gente também trabalha um pouco do currículo da Arte, com alguns temas, alguns conteúdos é, como, por exemplo, as danças e as músicas, que mais? Creio que seja isso.

Novamente percebe-se que existe dificuldade do professor em compreender a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens não porque trabalha a teoria com conteúdo de outros componentes da mesma área, mas sim, porque a EF é um componente curricular que trabalha a linguagem.

Solicitamos que o professor relatasse a sua realidade escolar e o que seria necessário para que a EF se tornasse mais efetiva na Área de Linguagens, consideração que trouxe a seguinte ponderação:

> P.U.1 – Acho que a gente fazer uma aula mais atrativa para os alunos, uma aula diferenciada fazendo uso da tecnologia, no momento em que a gente vive como você citou no começo da pesquisa, nos trouxe esse novo olhar para a questão das tecnologias, então é a gente fazer essa associação usar essa ferramenta pedagógica e trazer para dentro da nossa Área de Linguagens, e dentro da Educação Física a gente pode trabalhar jogos eletrônicos, algumas práticas corporais também, como, por exemplo, práticas de pesquisa onde os alunos podem estar utilizando esses novos meios, que a gente tem para ensinar.

Como se pode verificar na percepção do P.U.1 é preciso dinamizar as aulas de EF e torná-las mais atrativas e, para isso é importante utilizar a tecnologia, sendo que o referido professor trouxe o contexto da atualidade em que devido a pandemia

da COVID-19 vem sendo necessário mudanças nas práticas pedagógicas, trabalhando com jogos eletrônicos e outras práticas inclusive a pesquisa, em que outros meios são utilizados para o ensinar do professor e o aprender dos alunos.

O segundo professor entrevistado da Escola Urbana é aqui chamado de P.U.2, com as seguintes características de seu perfil: do sexo masculino; com 42 anos de idade; atuante na educação desde 2014, ou seja, desde sua formação em Educação Física no Centro Universitário Claretiano, mesma instituição que cursou uma pós-graduação em Educação Física Escolar. Embora o P.U.2 tenha entrado na educação há mais de 7 anos, ele comentou que atua na instituição atual desde 2019, ou seja, se encontra na Escola Estadual Professor Domingos Aparecido dos Santos há 3 anos e, que a instituição é muito boa para trabalhar.

Ao trazer as falas do P.U.2 sobre a instituição escolar que ele atua, considerando a sua política educativa, o professor respondeu ter apreço pela instituição e considera-la muito boa, pontuando que cursou o ensino fundamental na referida escola e, que assim, da mesma forma que gostava de ser aluno, gosta de ser professor, porque a instituição se destaca na cidade de Rondonópolis por sua qualidade. Narrou que durante um período de tempo morou fora do Estado de Mato Grosso, e que desde que retornou foi trabalhar ministrando aula de EF nos anos finais do ensino fundamental.

> P.U.2 – Olha só esta instituição, a Escola Estadual Professor Domingos Aparecido dos Santos, é muito boa na verdade eu estudei no ensino fundamental (risos), aqui e gostava de estudar na instituição, porque aqui dentro da cidade é uma escola de destaque, no ensino regular. [...].

Buscamos nas narrações sobre alguma particularidade na atuação pedagógica no que se refere à EF considerando a sua política educativa, quando o P.U.2 respondeu: “Desculpe, eu não entendi”. Refizemos a mesma mediação e o professor novamente disse que não tinha entendido essa questão de particularidade, fazendo um elo com a política da Escola Urbana, mas, que ele poderia dizer que na escola os professores e, inclusive, da EF possuem total liberdade para trabalhar. No entanto, suas atividades devem estar dentro dos objetivos de conhecimento e habilidades correspondente ao SIGEDUCA de acordo com os requisitos da própria SEDUC. Porém, por duas ocasiões o P.U.2 ressaltou a liberdade e dinamismo que a escola oferece aos seus professores, considerando ainda o importante papel de

participação na questão dos alunos, o que na sua concepção gera um ambiente favorável para o aprendizado.

> P.U.2 – Olha eu vou ser honesto com você que eu ainda não entendi essa questão dessa particularidade. Eu sei que nas aulas nós temos total liberdade para trabalhar, logicamente dentro dos objetos de conhecimento e das habilidades correspondentes ao SIGEDUCA segundo os requisitos da SEDUC, mas, a escola nos oferece, graças a Deus, total liberdade para trabalharmos os nossos conteúdos, dentro dos objetos de conhecimentos, então eu me adaptei muito bem aqui, a escola é muito participativa na questão dos alunos, então está valendo muito a pena até então.

Ao citarmos a BNCC e as DRCs, pontuamos ao P.U.2, que tais documentos trazem a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, buscando saber a concepção do professor sobre esta posição documental. Nesse momento, o P.U.2 traz, que no seu entendimento independente da área que a EF esteja inserida ela é uma disciplina muito importante, mas, consolidou a sua narração considerando que a EF está indo bem nesta Área de Linguagens, mas, narrou não ter muito conhecimento sobre isso e, que não teria uma resposta adequada. Fazendo o seguinte comentário literal:

> P.U.2 – Para mim é indiferente se ela estivesse na Área de Humanas, só não daria para dar em exatas na Matemática (risos), mas tirando aí estaria muito bem na área que fosse.

Buscamos trazer as considerações do P.U.2 se ele percebe avanço ou retrocesso o fato da EF estar inserida enquanto componente curricular da Área de Linguagens, quando o professor trouxe a seguinte fala:

> P.U.2 – Independente, acho que nem avanço e nem retrocesso. É um trabalho para ser feito e vamos lá. Sinceramente Diogo, essa questão eu não entendo e daí se estivesse na Área de Humanas ou Linguagens qual seria a diferença? Qual é a diferença do trabalho específico da Educação Física? Não entendo!

As palavras do professor vieram em tom desafiador e com uma abordagem que nos remete a Foucault, que evoca o seu discurso enquanto um construtor de diferentes sentidos, não trazendo uma única verdade como Veiga-Neto (2007) assevera, ao considerar o fato de que os discursos estão envoltos, emaranhados e difusos pelo tecido social, sendo diferentes em cada grupo, lugar e época, estando vinculados a construção da própria subjetividade e a língua.

Em sequência fizemos outra provocação para os apontamentos do P.U.2 sobre o que representa para ele a EF ser um componente curricular da Área de Linguagens, quando novamente o professor trouxe as falas:

> P.U.2 – (risos). Eu não sei, talvez a resposta é uma só, parece que nós estamos continuando nessa trilha. Não vejo diferença, poderia ser na Área de Humanas, eu não vejo diferença sinceramente. Ela já esteve em outra área no seu conhecimento?

Reiteradamente o P.U.2 afirmou e reafirmou não ter conhecimento sobre os aspectos conceituais ou a importância de a EF estar na Área de Linguagens, considerando que ela poderia estar em qualquer outra área, segundo a sua interpretação.

O momento no qual trouxemos a importância da percepção do professor sobre a EF estar na Área de Linguagens, o P.U.2 considerou que esta é uma temática complexa, citando que se vier um documento amanhã e preconizar que a EF deve estar na Área de Humanas, não irá influenciar nada em suas práticas pedagógicas, pois ele continuará trabalhando a disciplina com a turma e ministrando suas aulas de forma independente ao que trazem os documentos. E narrou:

> P.U.2 – A minha aula, se falar bem assim, vem aí um documento dizendo a sua disciplina de Educação Física está na Área de Humanas, amanhã eu trabalho na minha disciplina com a turma, eu vou estar ministrando a minha aula e independente do que um ou outro documento vai falar bem assim: - Ah! Ela tá na Área de Humanas, ok, legal. Eu acho que muitos documentos acabam não tendo uma grande relevância isso é uma coisa minha, até então, de repente eu tenha um conhecimento diferente no futuro, mas hoje chega o documento lá na Secretaria falando olha a disciplinas está na Área de Exatas, eu vou ministrar a minha aula de acordo com o conhecimento que eu tive na graduação na pós e por aí vai. [...].

Observamos a continuação de sua fala em um discurso de não-importância da área em que a EF possa estar, seja na Humanas, Linguagens ou até na Exatas. Para o P.U.2 não é o que diz o documento sobre a área que se encontra a EF que vai influenciar na qualidade de suas práticas pedagógicas, pois, ele ministra suas aulas segundo o seu conhecimento e que P.U.2 não aparenta compreender a importância da EF estar na Área de Linguagens ou em qualquer outra Área, bem como, não vê relevância em falar sobre a área que a EF se encontra. Afirmou que ele não tinha conhecimento amplo sobre a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens e que se ela estivesse na Área da Matemática não mudaria nada na sua prática educativa. E trouxe a fala de que:

> P.U.2 – [...]. Não vejo grande relevância. Eu não vejo! Talvez um colega ou outro irá, talvez você possa ver, mas é uma coisa minha, é uma resposta minha [...].

Chamou-nos a atenção o posicionamento do professor de que esse negócio de a EF estar na Área de Linguagens segundo os documentos (citando a BNCC) para ele é apenas “papelada”, que na realidade não tem nenhuma importância e não influencia no trabalho desenvolvido pelos professores com seus alunos. Citou ainda que o que efetivamente importa é o conhecimento do professor sobre a EF e sua capacidade de dominar a turma, ministrar a aula e permitir que os alunos possam aprender. Na sua interpretação a EF somente está na Área de Linguagens porque:

> P.U.2 – [...] um bacana quis colocar lá, um conhecedor, um doutor, não sei qual é o estudo realmente para colocar a disciplina. Sinceramente eu estou sendo bem honesto [...].

Segundo a análise documental que realizamos, a BNCC ao inserir a EF na Área de Linguagens teve como propósito irromper com a antiga concepção biologicista (BRASIL, 2018), de forma a conceber as práticas corporais em suas diversas significações nos remetendo às questões culturais e sociais.

Podemos observar o entendimento de Ladeira et al. (2013), que a reflexão da EF enquanto linguagem vem sendo discutida nos documentos oficiais da educação e, também no meio acadêmico, no entanto, ainda está distante de esgotar essa temática, por sua abrangência e complexidade, bem como, porque as discussões parecem fazer parte de um contexto descontínuo, ou ainda, pelo fato de que muitos trabalhos poderão enfatizar ainda as interfaces da EF com a questão da linguagem.

Narrou P.U.2 que a EF pode trabalhar diferentes atividades, mas, que em sua forma de pensar, a dança, por exemplo, não é uma atividade que muitas pessoas tenham domínio, por isso, em uma sala de aula em que existem 30 alunos ou mais, pode ser que alguns daqueles jovens tenham afinidade ou compreendam a dança e a linguagem dela, porém, sabe que sua afinidade é com o basquete ou o futsal. Contudo, ele não pode trabalhar o que tem afinidade, tendo que praticar outras atividades, muito embora todos os professores de EF tenham afinidades com algumas atividades e acabem desenvolvendo mais essas suas próprias afinidades com os alunos. Entretanto, se a EF está nesta ou naquela área isso não tem relação com as práticas pedagógicas. Ainda em sua fala, o professor esclareceu:

> P.U.2 – [...] eu sei que o que ministro independentemente de onde esteja a área de atuação Linguagens ou Humanas eu ministro todos os conteúdos que

> tem ali, até uns conteúdos que tenho aversão, dança, por exemplo, mas, eu trabalho, porque a gente acaba ali gostando um pouco, porém eu não gostaria de dar isso, mas isso é um gosto particular meu, não gosto [...].

Observei que em suas palavras o P.U.2 fala para os seus alunos que todos devem desenvolver as atividades, mesmo que não tenham afinidade, pois ele não quer craques em um esporte ou outro, o que ele quer é trabalhar a EF com todos. Mas, tudo isto não importa se é um componente curricular de uma ou de outra área, o que efetivamente tem valor é o trabalho realizado pelos professores com seus alunos. E citou:

> P.U.2 – Vamos trabalhar, aprender ali como funciona uma regra, coisa simples, ninguém vai sair daqui e não é o lugar da Educação Física escolar, tornar aluno craque de determinada modalidade esportiva, mas, cara na área de atuação eu não sei, eu espero que você clareia isso aí com bom estudo aí pra gente.

Verifiquei que o P.U.2 trouxe inferências às dificuldades em suas práticas pedagógicas, considerando ainda que tais práticas têm relação com a sua formação na graduação e na pós-graduação de acordo com os conhecimentos adquiridos. Assim, solicitei que fizesse outras falas sobre suas práticas de acordo com o que aprendeu em suas formações.

Em suas falas P.U.2 trouxe que o importante na prática pedagógica da EF é a disposição para trabalhar o conhecimento e motivar os alunos. Também comentou sobre a necessidade de trabalhar muito a paciência com os alunos, pois existem muitos alunos que não gostam da EF. Alguns têm até aversão a atividades como correr, praticar esportes e suar, mas, tudo isso faz parte da EF e os alunos precisam estar motivados para não ficar nas arquibancadas e, essa motivação é da prática pedagógica do professor.

> P.U.2 – [...]. Mas, eu não gosto não, mas eu trabalho com disposição até logicamente, que depender de um tempo ali que a gente gosta estar lá dentro do SIGEDUCA, que a gente tem que fazer aqueles objetos de conhecimento, a gente gosta mais, independente do gosto independente do grau de formação, eu acho que a palavra-chave seja “disposição” para poder trabalhar, a paciência também bastante com os alunos, que tem muitos alunos e isso é uma coisa que deve ser muito bem observada na Educação Física, que tem muitos alunos, que por um motivo ou outro não gostam da Educação Física. [...].

E continua sua narração ao nos trazer que a participação na EF gera inclusão. Citou ainda que tem em casa um exemplo, pois sua esposa é pedagoga e na época da EF na escola ela não gostava, por não ser habilidosa e nem gostar das atividades.

Assim, ele considera que, de certo modo, a EF funciona mais para àqueles alunos que gostam, que estejam em forma e não sejam sedentários.

> P.U.2 – [...] a minha esposa é professora ela é pedagoga, ela disse que na época da Educação Física na escola, ela assim não praticava muito, e tudo por conta que nunca foi habilidosa na questão do esporte e, eu acho assim, uma pena, porque assim, a Educação Física não é para ficar craque, não é para ficar bom de bola é para participar é realmente pro aluno se envolver ali, [...].

A compreensão de que a EF ao envolver o aluno nas atividades, segundo o que aponta Arruda (2019), possibilita o desenvolvimento do ser humano em sua integralidade e isso ocorre porque esse componente curricular vai além da concepção corpóreo-sensível, gerando novos sentidos aos alunos e permitindo o desenvolvimento biopsicossocial, cultural, político e ecológico. Desse modo, podemos inferir que a EF não tem o escopo de somente desenvolver o corpo ou possibilitar que novos talentos dos esportes surjam, mas, atua em uma concepção de amplitude e formação significativa do cidadão.

Solicitei ao P.U.2 que falasse como desenvolve em suas práticas pedagógicas a interdisciplinaridade, considerando a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens. O professor nos trouxe que em 2019 foi trabalhado um projeto, que tinha uma concepção mais do que interdisciplinar, podendo dizer que foi multidisciplinar. Envolveu diversas disciplinas, trabalhando a EF com a professora de Língua Portuguesa e Espanhol, com muitas atividades e fotografias para registrar esse momento pelos alunos. Relata que a participação de todos alunos e professores fez o desenvolvimento do projeto ser prazeroso e evocar questões acerca do cuidado da saúde. Considerou P.U.2, que ficou surpreso com a participação das outras professoras da Área de Linguagens e também com a aceitação, motivação e participação dos alunos, com as atividades apresentadas na própria escola, na sala de reuniões e no anfiteatro. Nesse sentido, observamos seu entendimento sobre a importância da participação de pelo menos quatro professores, que atuam na Área de Linguagens.

> P.U.2 – [...]. Assim, deu uma abertura muito grande para mim poder colocar ali uns pontos de vista específicos da Educação Física e eu achei muito interessante nem eu sabia, honestamente, nem eu sabia que teria tanta abertura para mim, ali dentro daquele projeto, gostamos e foi muito bom, apresentamos aqui na escola, na sala de reuniões e no anfiteatro aqui da escola e, assim, foi bem bacana foi um bom trabalho envolveu pelo menos quatro professores, tudo da Área de Linguagens. [...].

Como observamos na fala do P.U.2, quando se desenvolvem atividades interdisciplinares ou multidisciplinares em que ocorre a participação de professores e alunos, tal envolvimento é gerador de um ambiente favorável para o aprendizado, tanto dos próprios professores quanto dos alunos.

Levantamos o que o P.U.2 considera ser necessário para que a EF se tornasse mais efetiva enquanto componente curricular da Área de Linguagens, quando o referido professor fez o seguinte comentário:

> P.U.2 – O seu trabalho é direcionado mesmo para a Área de Linguagens (risos). A minha resposta, eu acho, talvez seria aquela do início independente da onde os documentos falam que a Educação Física está na Área de Humanas, para mim a aula vai ser aquela, sinceramente, será que tem professor que tem este conhecimento bom? Espero que sim, para você seja importante, mas não sei dizer o que mudaria se fosse outra área ou nessa área, entendeu? Não sei!

Ao fazermos uma análise de ambos os professores da Escola Urbana, observei a fragilidade do conhecimento dos referidos participantes do estudo sobre o fato de a EF ser um componente curricular da Área de Linguagens, bem como, a importância da discussão sobre esse tema e as implicações nas percepções sobre os processos de ensino e de aprendizagem por a EF estar em uma área ou outra do conhecimento.

Na sequência, trago as narrações dos professores da Escola do Campo, sendo que em um primeiro momento é apresentada a Escola Estadual José Rodrigues dos Santos, que aloca o público-alvo de nossa pesquisa. Num segundo momento, apresento as falas dos professores aqui chamados de P.C.1 e P.C.2.

5.2 Narrações dos professores da Política Educativa – Escola do Campo

Seguindo os nossos passos da análise temática no decorrer deste capítulo de apresentação das palavras, o primeiro aspecto que apresento, tem relação com o conceito da política educativa trabalhada, no caso em análise, a Escola do Campo. Assim, embora de forma simplificada a Escola do Campo seja a política no meio rural, consideramos o entendimento de que:

> A perspectiva da educação do campo leva-nos a pensar em um novo sentido de escola, não somente por exigências de atendimento aos educandos, mas pela reflexão da sua função social, seu caráter formativo, a formação de professores, o processo de ensino aprendizagem a ser efetivado e a elaboração de uma proposta pedagógica que esteja de acordo com a história

> de luta das trabalhadoras e dos trabalhadores do campo (MACHADO, 2017, p. 18327).

No Estado de Mato Grosso, com a economia essencialmente alicerçada no agronegócio, o meio rural ganha uma conotação de maior importância, assim, como a Escola do Campo tem esta perspectiva histórica de lutas pelo bem-estar de trabalhadores e trabalhadoras rurais e pela oportunidade de seus filhos de estudar em uma escola que compreende as necessidades e aspectos culturais do campo.

A Escola do Campo em que os dois professores participaram deste estudo, aqui apresentados como P.C.1 e P.C.2, possui as características que seguem no quadro 3. As informações foram coletadas no PPP da escola.

Instituição
Escola Estadual José Rodrigues dos Santos
Endereço
Rua Santa Catarina – Bairro Distrito de Boa Vista, Rondonópolis-Mato Grosso. CEP: 78.752-000.
Organização
Por Ciclos
Número de funcionários
78 (setenta e oito) funcionários
Distribuição dos funcionários por função
Técnico Administrativo Educacional: 1 Apoio Administrativo Educacional: 18 Professores Efetivos: 15 Professores Temporários: 44
Número total de alunos
767 (setecentos e sessenta e sete) alunos
Distribuição de alunos por nível
Ensino Fundamental Regular: 486 Ensino Médio Regular: 281
Missão
Em construção.
Visão
Em construção.
Valores
Em construção.

Quadro 3 – Dados da Escola Estadual José Rodrigues dos Santos
Fonte: Pesquisa (2021)

Ao analisar o quadro 3, trago que a Escola Estadual José Rodrigues dos Santos não possui discriminado em seu PPP sua missão, visão e valores, estando em processo de construção do ano vigente, sendo essa uma característica de diversos PPP de escolas públicas em Rondonópolis-MT, como observei durante a presente pesquisa e busca por escolas para a estrutura da pesquisa.

A coleta de informações com as palavras do P.C.1 ocorreu no período da tarde, escolha do próprio pesquisado, que antes da pesquisa teve um contato

preliminar comigo solicitando que horário para a entrevista fosse no período vespertino.

O P.C.1 é do sexo masculino, tem 38 anos; formado no ano de 2017 em Educação Física Licenciatura pela Universidade de Cuiabá (UNIC) *campus* Rondonópolis com pós-graduação em Educação Física Escolar e Treinamento Desportivo pela Faculdade Faveni. Em relação ao seu tempo de atuação como professor de EF o professor respondeu:

> P.C.1 – É o mesmo tempo um ano e seis meses, eu atuei como professor na mesma escola José Rodrigues dos Santos.

No momento em que questionei em relação ao tipo de política educativa que atua, o P.C.1 narrou que é a política de Escola do Campo e, acrescentou que embora seja uma escola da zona rural assim como as escolas públicas da zona urbana, a Escola Estadual José Rodrigues dos Santos tem algumas limitações no contexto de estrutura física e organizacional, isto porque a realidade de distância da unidade até as casas de alunos e professores é diferente e mais complicado para o acesso. Narrando que:

> P.C.1 – Com certeza muda um pouco, também não vou poder te dar uma resposta a altura porque eu nunca dei aula na cidade na zona urbana, mas eu percebo que tem uma certa diferença entre escola do Campo na Zona Rural com zona urbana. O que eu percebo assim, como eu nunca dei aula na zona urbana, mas por outro lado também já fui aluno na zona urbana. Então eu percebo assim uma certa diferença, por exemplo, na questão de recursos, os alunos do campo dão menos trabalho, no meu ponto de vista. Falta de recurso na zona rural se comparando com a da cidade. Por outro lado, os alunos, eles são mais tranquilos, ou seja, dão menos trabalho, são menos bagunceiros, digamos assim, é mais ou menos isso.

O P.C.1 apresenta algumas particularidades da sua atuação pedagógica no que se refere à EF nessa política de Educação do Campo. Ele trouxe a existência de algumas diferenças com relação as escolas na zona urbana, porém, declarou que sua experiência enquanto professor era somente na Escola do Campo, então não poderia dar detalhes específicos.

Ainda podemos observar que na sequência de suas narrações citou que já estudou em escolas urbanas e percebe certa diferença na questão dos recursos, bem como, considerou que os alunos do campo acabam tendo um comportamento mais participativo, tranquilos e menos “bagunceiros”. Desse modo, esclareceu que se torna mais fácil para o professor ministrar suas aulas e trabalhar os conteúdos programados.

Na continuidade de nossa entrevista, nossas inferências se relacionaram ao que trazem os documentos referenciais como BNCC e DRCs, sobre a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, para que pudéssemos conhecer a concepção do professor sobre essa inserção. O P.C.1 trouxe o seu entendimento que a EF sempre esteve na Área de Linguagens, só que agora vem sendo mais reconhecida em suas diversas faces sobre o seu papel na educação e suas modificações.

> P.C.1 – Então na verdade sempre teve, a diferença que antigamente a Educação Física não era tão reconhecida. No meu ponto de vista hoje, ela está mais reconhecida, entendeu. Muitas coisas mudaram, eu mesmo já fui aluno de educação, há muitos anos atrás, percebo uma certa diferença para os dias de hoje, os dias atuais.

Considero que essa concepção do P.C.1 de que a EF sempre esteve na Área de Linguagens ocorre devido a sua formação recente e possível contato com a BNCC e as DRCs, que trazem essa composição. Vale destacar que, no Brasil, segundo Barros (2017), já na década de 1970, a EF se apresentava nos currículos escolares como disciplina relacionada à Comunicação e Expressão, ou seja, podemos considerar que de certa forma, essa concepção de EF como expressão e linguagem vem permeando a vivência dos professores há décadas, no entanto, só foi enfatizada nos documentos referenciais a partir da década de 1990.

Nas considerações acerca da concepção do P.C.1 sobre o fato de a EF enquanto componente na Área de Linguagens ter trazido avanços ou retrocessos, identificamos:

> P.C.1 – Então eu percebo que muita coisa pode ser melhorado, tem muita coisa para ser trabalhado e possa melhorar, mas eu percebo é que lá atrás eu lembro das aulas de educação física, eu ia era só futsal eu não tinha aula de vôlei, não tinha aula de basquete não tinha atletismo, etc. Até mesmo na aula de futsal era só jogo de bola em si, entendeu? Não tinha uma teoria como que seria o futsal, já hoje em dia eu estou tendo até o prazer de estar podendo contribuir dando as minhas aulas, que antigamente era só um futsal pelo menos para mim, hoje como professor posso dar aula de vôlei, de basquete, só não posso ficar só na mesmice que era antigamente, nas aulas que eu ia.

Entendo que nessa narração do P.C.1, não fica claro que ele percebe a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens considerando a interpretação de que a EF é uma linguagem, mas, analisa que atualmente existe mais teoria na EF, por isso, acredita que ela esteja nessa referida área. Compreendo aqui a complexidade que envolve a EF estar na Área de Linguagens o que traz diferentes

concepções e, por vezes, não é apresentada a temática com clareza, como esclarece Duarte (2010), ao afirmar que conceber a EF enquanto linguagem, ainda não é um conceito claro e simplificado, o que gera inúmeras interpretações e um processo de polissemia conceitual.

Na sequência P.C.1 ponderou suas palavras de que para ele a EF na Área de Linguagens trouxe uma certa evolução, quando se faz um comparativo entre a importância da EF na educação escolar. Considera que essa valorização da EF se deve a sua inserção como componente curricular da Área de Linguagens. Aqui trago a sua fala de que:

> "P.C.1 – Representa para mim é basicamente isso aí que eu te falei tem uma certa evolução, para os dias de hoje se comparando com muitos anos atrás. Eu percebo ter uma evolução."

O P.C.1 citou que existiram mudanças na EF quando passou a estar inserida na Área de Linguagens. No entanto, não soube explicar de forma clara quais as mudanças e quais os benefícios, reiterando somente que há algumas décadas a EF não tinha o valor que tem no ambiente escolar como ocorre hoje, e que essa valorização pode estar relacionada a sua área. No entanto, considerou que todas as melhorias e avanços estão ocorrendo aos poucos, o que demonstra a necessidade de mais estudos e aprimoramento dos professores e pesquisadores na/da EF.

Em relação ao seu fazer pedagógico, enquanto professor de EF, o P.C.1 nos trouxe que em suas aulas busca trabalhar tanto a prática quanto a teoria da EF, e por isso, considera que atua da melhor forma possível trabalhando a linguagem. Falando que:

> P.C.1 – Então, eu procuro estar sempre dando o meu melhor, nas aulas de Educação Física, do mesmo jeito que eu dou aula prática eu dou aula teórica, é mais ou menos isso aí.

Novamente, observo a existência de uma percepção de que a linguagem tem relação com a teoria e a escrita e não com relação a linguagem corporal como trazem os teorizadores. Considero que a cultura corporal, segundo o entendimento de Guglielmi (2011), enquanto linguagem, é concebida no momento em que podemos observar, desde a forma de se mover até os gestos realizados; são diferentes formas de linguagens capazes de permitir a comunicação, tanto para quem cria o texto a partir do movimento quanto para quem o interpreta.

Na sequência, ao prosseguir em sua narração, o P.C.1 citou não ter conhecimentos específicos do motivo que a EF se encontra na Área de Linguagens, mas, citou que essa falta de clareza sobre o tema pode ser gerada devido ao fato de que ele tem pouca experiência como professor, mas, considera tranquila essa inserção da EF na Área de Linguagens.

Quando o questiono sobre as suas práticas pedagógicas da EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens e as atividades interdisciplinares, o P.C.1 citou que geralmente as atividades interdisciplinares é mais frequente nas práticas das outras professoras da Área de Linguagens e, ainda, percebe que para os professores de EF trabalharem a interdisciplinaridade parece mais difícil. Citou que a EF até conversa com as outras disciplinas, mas, quando se trata de atividades interdisciplinares parece que os professores e professoras das outras disciplinas não se apresentam receptivos e participativos com a EF. Trazendo que:

> P.C.1 – Não! Conversar até conversa, mas no caso que você falou aí é atividades interdisciplinares é muito vago, sabe! É mais voltado para eles mesmos.

Ao buscar a percepção dos P.C.1 sobre a EF tornar-se mais efetiva na Área de Linguagens, o professor narrou ser preciso que a EF esteja mais dentro da realidade do campo, citando novamente que a Escola do Campo não possui a qualidade da estrutura das escolas da zona urbana e que a EF e todas as disciplinas poderiam oferecer mais aos alunos se a escola tivesse mais estrutura e os professores mais possibilidade de capacitação a partir da formação continuada. Trazendo que:

> P.C.1 – Eu acredito que tem um pouco a ver, com digamos que os recursos, porque assim, a maioria das escolas de campo, são poucas escolas que têm quadra poliesportiva, que tem material para você estar trabalhando, você entendeu? Tem Escola do Campo, que não tem praticamente nada, então você tem que se virar do jeito que... você sabe né, falta muito material, é isso materiais para poder trabalhar na educação física quadra poliesportiva é difícil, geralmente você vai lá não tem, você tem que dar aula no meio do tempo, as aulas acabam sendo mais na sala de aula, aulas teóricas, no meu ver é mais ou menos isso aí meu ponto de vista.

A partir de sua fala, faço uma inferência de que na concepção do P.C.1 a EF não se torna mais efetiva dentro da Área de Linguagens na Escola do Campo devido as carências estruturais e de recursos que impedem que o professor possa ministrar suas aulas, afinal, a falta de uma quadra poliesportiva ou o fato de que os alunos fazem EF em locais não adequados, acaba por desmotivar alunos e professores e não tornar a EF mais efetiva.

Quando analiso as considerações do P.C.1 atento-me que em sua percepção não é importante a área de conhecimento que a EF está, pois, a qualidade ou efetividade de sua prática pedagógica está na perspectiva estrutural e material, o que aponta para o distanciamento do entendimento de EF como linguagem.

Considero ainda que ao solicitar para que o P.C.1 fosse mais específico em sua narração no que concerne às suas práticas pedagógicas da EF na Escola do Campo, compreendi as dificuldades que os professores da referida escola pública enfrentam, pois, trouxe considerações interessantes:

> P.C.1 – Então em 2019, a primeira vez que eu dei aula, não tinha quadra no colégio então fazia algumas aulas em sala de aula, aula teórica e as práticas fazia onde dava mesmo entendeu, no caso, por exemplo, o atletismo é um dos esportes que eu sempre indico, eu tive uma vivência muito grande no atletismo, então assim, eu sou atleta de longa data, então você tem um conteúdo que dando aula de cara no colégio é o atletismo, mas, quase não vê Infelizmente o atletismo nas aulas de educação física tanto que em 2019, eu fui dar aula de atletismo e eu perguntei para eles se sabiam, o que era atletismo e muitos não sabiam, principalmente, a maioria das meninas não sabia o que era atletismo. Como assim, não sabe o que é atletismo? Não, não sei, nunca tive aulas, então assim teve muito aluno que nunca teve aula, então assim, para mim eu senti que estava fazendo a coisa certa, eu cheguei dar aula de atletismo sendo que o pessoal nunca teve aula de atletismo na vida, fora isso eu também dei aula de vôlei, de basquete de futsal, procurando explicar como que é os fundamentos básicos de cada Esporte.

Percebo na fala do professor que a carência de estrutura acaba gerando dificuldades para os professores e professoras terem melhores condições de desenvolverem suas práticas pedagógicas, tendo em vista, o que expressa os documentos referenciais, segundo o que gostariam e, inclusive o que permitiria motivar os professores e alunos para as mais diversas práticas esportivas. Aqui trago que os documentos referenciais ainda não traduzem a realidade de muitos locais em todo o Brasil, como é o caso da própria Escola do Campo alvo do estudo. Entretanto, compreendo que o caso da realidade aqui apresentada também tem relação com a organização institucional e seus PPP. Desse modo, defendo que não apenas a qualidade de um ambiente escolar e do ensino, inclusive de EF, esteja disciplinada em tais documentos, mas, que na prática possam ser realidades, possibilitando aos professores e alunos um ambiente que potencialize os processos de ensino e de aprendizagem.

Na continuidade de sua narração e citando a realidade atual vivenciada em todas as escolas pelo Brasil, o professor explicou a limitação dos recursos tecnológicos dos próprios alunos:

> P.C.1 – Já esse ano 2021, devido essa pandemia ficou mais complicado as aulas práticas não acontecem, somente teórica através da internet ou via WhatsApp, ainda mais porque a escola do campo, não tem como fazer as aulas de chamada de vídeo. E os recursos que eles têm lá é muito pouco a internet cai toda hora, às vezes você manda mensagem para eles, manda algum link de vídeo aula, às vezes manda a tarde e só recebem à noite, que a realidade deles também é complicada.

O P.C.1 nos trouxe em suas palavras um dos desafios que os professores de EF estão passando com as aulas on-line, e no caso específico de nosso estudo, que apresenta dados das escolas públicas de Rondonópolis-MT, em que as condições socioeconômicas e tecnológica dos alunos são limitadas, gerando problemas no que se relaciona ao desenvolvimento das atividades, o que dificulta as práticas pedagógicas e traz problemas de redução da efetividade dos processos de ensino e de aprendizagem.

Ao término da etapa de coleta de informações, deixei em aberto para que o P.C.1 trouxesse suas falas finais sobre como é o desenvolvimento dessas aulas além dos esportes, bem como os novos elementos para complementar sua fala sobre a EF no período pandêmico. O P.C.1 considera muito tranquilo a execução de seu trabalho, mesmo com algumas limitações estruturais ou tecnológicas, porque os alunos do campo são muito interessados e “dão menos trabalho” do que os alunos nas escolas urbanas. Citou que atua com prazer na Escola do Campo, porque se identifica com os alunos, muito embora tenha reiterado que nunca deu aula nas escolas da cidade.

A nossa segunda mediação com o objetivo de conhecer as concepções dos professores participantes do estudo sobre a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens nos trouxe outro participante que é do sexo masculino; tem 42 anos, formado desde 2016 em Educação Física pela UNIC *campus* Rondonópolis, e pós-graduado desde 2018 em Educação Física Escolar pela Faculdade de Educação de Tangara da Serra (UNISERRA) *campus* Rondonópolis e, na atualidade, está cursando a segunda graduação em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Anhanguera de Rondonópolis (FAR) *campus* Rondonópolis.

P.C.2 trouxe em sua narração características de sua atuação profissional, pontuou, que o início de sua carreira como professor foi em 2017, no ano seguinte de sua formação acadêmica e, na Escola do Campo, desde 2019, ou seja, há três anos. Porém, atua como professor de capoeira, de lutas e de teatro há mais de uma década, sendo a EF um sonho realizado.

Na mediação solicitamos ao professor pesquisado se o mesmo identifica a existência de alguma particularidade na atuação pedagógica no que se refere à EF considerando a organização da política educativa da Escola do Campo.

P.C.2 nos esclareceu que no caso da EF na Escola do Campo, sua prática é similar a ocorrência da EF nas escolas da zona urbana. Todavia, existem aspectos culturais como no caso a tradição de festas de rodeio e atividades relacionadas a esse evento. Entretanto, aponta que os alunos aceitam o que é proposto, inclusive atividades que não conhecem. Falando ainda que:

> P.C.2 – [...] a gente consegue levar todo tipo de esporte alguns esportes que eles nunca vivenciaram como esporte como Beth, beisebol porque a maioria dos alunos só tá acostumado jogar o futebol, até o basquetebol ou handebol eles nunca tiveram essa vivência e graças a Deus eu com a minha formação eu consegui levar muitos esportes diferenciados para a Escola de Campo [...].

Na continuidade das falas P.C.2 comentou sobre as conquistas alcançadas com seu trabalho, que foi levar a Escola do Campo para o campeonato estudantil realizado no Estado de Mato Grosso com os alunos do Ensino Fundamental, conquistando o primeiro lugar no basquete masculino, e as meninas segundo lugar no basquete feminino, sendo uma vivência inesquecível para os alunos e para ele, enquanto professor e motivador do grupo. Narrou que os alunos (meninos e meninas) da Escola do Campo são envolvidos e motivados para o aprendizado de novos esportes, tanto na prática quanto na teoria; são curiosos, questionadores e buscam conhecer a história dos jogos, teatro, música e demais atividades, o que motiva também os professores em trabalhar com esses grupos. Continuou sua fala considerando que:

> P.C.2 – Sabemos que a educação física hoje está na parte da linguagem, então se a gente não levar a teoria de colocar na mente dos alunos quando eles estiverem fazendo uma prova como a do ENEM, que eles precisam colocar o conhecimento teórico. Isso me deixa muito feliz que são alunos que participam bastante procuram e pesquisam bastante isso que me fez continuar até hoje na escola de Campo, mesmo com a dificuldade de estar indo na escola é muito gratificante ver o rostinho do aluno estar fazendo um esporte que eles nunca viram ou assistiram somente pela televisão.

Observo nas ponderações do professor P.C.2 que para ele a teoria da EF é que eleva este componente curricular para a Área de Linguagens, sendo que esse posicionamento é similar aos demais professores participantes do presente estudo, os quais não demonstraram amplo conhecimento sobre a EF enquanto linguagem.

Ao trazer as ponderações sobre os documentos referenciais (BNCC e DRCs), que inserem a EF como componente curricular da Área de Linguagens, busquei levantar a percepção do professor da Escola do Campo sobre essa inclusão. P.C.2 traz que o fato de ser formado há pouco tempo, faz com que ele tenha essa concepção de EF na área de conhecimento das linguagens e que ele percebe que realmente a EF está no mesmo contexto dos outros componentes da mesma área, com ênfase para o Português e o Inglês. Ele consegue trabalhar com os alunos a teoria de esportes, como basquete, porém, considera que se trabalhar com as crianças a EF desde a tenra idade, poderá trabalhar com mais esportes e atividades com mais efetividade nas matérias teóricas.

Sobre essa temática nos trouxe que:

> P.C.2 – [...] mas todas as outras áreas eu penso que educação física quando você trabalha criança desde do primeiro aninho você consegue envolver eles para estar mais esperto em todas as matérias mais atentos e eu vejo que nós professores eu critico até eu mesmo, estamos perdendo essa essência de tá ajudando esses alunos, na escrita, na concentração, hoje você vê aluno que não tem aquela concentração de antigamente por conta da diversidade da Internet, então eu vejo que foi muito importante essa conquista nossa de educador físico, está entrando na Área da Linguagem, esse é meu ponto de vista foi muito interessante e espero que continue.

Verifico que o P.C.2 trouxe uma crítica para os professores de EF e se incluiu nesse contexto, apontando que existe dificuldade dos professores em trabalhar a teoria, visto que as crianças não conseguem se concentrar devido a diversidade da Internet, então considera uma conquista dos professores a EF estar inserida na Área de Linguagens, mas, sabe da dificuldade de trabalhar isso e da necessidade de motivar os alunos para uma aprendizagem significativa.

Ao analisar a percepção do P.C.2, faço do P.C.2, faço um elo com as considerações de Farias et al. (2020), que mostra que, como componente curricular da Área de Linguagens, EF transformou-se, pois não adentrou em um contexto de comunicação e construção cultural e social, ampliou-se e trouxe a importância das práticas corporais na escola para a formação significativa do aluno.

No que se refere à temática acerca das mudanças que possam ter ocorrido na EF por estar na Área de Linguagens, o P.C.2 narrou que não poderia opinar sobre esta questão enquanto professor, posto que é formado há pouco tempo. Porém, fazendo uma retrospectiva e voltando ao tempo em que era aluno, tinha a concepção de que a EF deveria estar em uma área sozinha, por isso considera uma conquista estar na Área de Linguagens, tendo em vista que:

> P.C.2 – A educação física está importante no currículo do aluno também, porque antes era só para o aluno vir para escola e, hoje não, hoje ela tem uma importância grande dentro das nossas matérias, então tenho certeza que foi uma conquista para nós “educador físico”, agora eu não posso opinar da forma como era antes [...]. Já peguei graças a Deus essa parte boa, que nós conseguimos conquistar.

É interessante analisar as falas do P.C.2, pois se declarou favorável a EF estar inserida na Área de Linguagens citando ser uma conquista, no entanto, considerou mais de uma vez, que enquanto professor ele já trabalhou a EF nesse campo de conhecimento e, por isso, não pode fazer um comparativo entre ser professor com a EF em outra área ou, até mesmo, estar sozinha em uma área de conhecimento.

De certo modo, vejo que professores não percebem de forma clara o fato de a EF ser um componente curricular da Área de Linguagens, assim, no momento em que discutimos sobre a apropriação dos professores e professoras pela EF como componente curricular, que lhes permite uma prática pedagógica com resultados no aprendizado dos estudantes, adentramos nas ponderações de Neira e Souza Junior (2016), que nos trazem críticas sobre a fragilidade dos instrumentos oficiais para direcionar ao planejamento das atividades, que precisam ser realizadas nas escolas, bem como, os métodos avaliativos que possam apresentar efetivos resultados.

Ao tratar sobre as práticas pedagógicas do P.C.2 na EF considerando sua inserção na Área de Linguagens e as características da Escola do Campo, as narrações trouxeram que no início do ano os professores elaboram a sua Proposta Pedagógica Curricular (PPC), documento em que programam todas as atividades que irão trabalhar juntos, como, por exemplo, a realização de gincanas com todos os professores da Área de Linguagens, de forma a demonstrar aos alunos que todas as disciplinas dessa área de conhecimento são importantes e precisam ser trabalhadas juntas.

Nessa consideração o P.C.2 nos trouxe que todos os componentes curriculares organizados na Área de Linguagens são importantes e, devem ser trabalhados de forma unida. No entanto, percebo que assim como os demais professores participantes do presente estudo, o P.C.2 considera que a EF é trabalhada enquanto linguagem quando as aulas são teóricas.

Assim, P.C.2 reforça considerações que direcionam nossa análise de que os professores se equivocam ao considerar que a linguagem só ocorre a partir do estudo com a teoria da EF e sua escrita, ao citar que:

> P.C.2 – Nós damos aula teórica e pesquisamos, vou te dar um exemplo, vamos lá na parte do futsal, pesquisamos tudo sobre futsal assistindo uns vídeos juntos, muitas vezes, com parceria com a professora de português e de inglês para estar explicando em alguma parte em que o assunto se relaciona com a sua matéria e depois colocamos em prática, muitas vezes em conjunto fazemos gincanas e pesquisas juntos. Então a escola de Campo tem muitos projetos que a gente desenvolve unindo todas as áreas então isso nos deixa seguro que na escola de Campo professores são unidos e tudo com o mesmo objetivo, igual eu te falei, então colocamos em prática a teoria e projetos educativos e com isso conseguimos passar tudo que o que temos que passar nas aulas e mostrando para os alunos que o objetivo geral é que eles vivenciem isso em conjunto.

P.C.2 evidencia a sua dificuldade em trabalhar a teoria de alguns esportes e, por isso, a consideração de que os professores de Língua Portuguesa ou Língua Inglesa se apresentam mais bem preparados para as explicações. Essa concepção expõe o problema de que os professores de EF ainda não compreendem a amplitude deste componente curricular e, embora em seus discursos afirmem que a EF, realmente faça parte das linguagens enquanto área de conhecimento, esta é uma perspectiva mais complexa e menos presente no cotidiano das práticas pedagógicas.

Sobre as práticas escolares do P.C.2 dentro do contexto de realidade da Escola do Campo, narrou:

> P.C.2 – Eu não vejo a educação física na linguagem só pela parte teórica e sim pelo conjunto dos dois porque antigamente igual [...] era só prática, hoje como tem a teoria o aluno ele tem que estudar o conteúdo, ele tem que vivenciar primeiro a teoria [...].

Percebo que o pesquisado, deu continuidade aos seus apontamentos de que em um primeiro momento busca em suas práticas saber o nível de conhecimento teórico do aluno em relação ao esporte, jogo ou atividade que será desenvolvida, para depois solicitar uma pesquisa e trabalho escrito, como preparação para a parte prática. Considerou que a valorização do trabalho teórico na EF ocorreu no momento em que ela foi inserida como componente curricular da Área de Linguagens.

Aqui, reitero o entendimento de que a falta de conhecimento sobre a EF na Área de Linguagens leva os professores participantes do estudo a não terem uma concepção clara sobre a linguagem e a EF como linguagem, evidenciando a necessidade de novas discussões e estudos sobre esse tema, tendo em vista que uma percepção mais clara ainda está longe de um caminho.

A perspectiva do nosso estudo foi identificar as percepções dos professores de quatro políticas educativas das escolas públicas de Rondonópolis, interior de Mato Grosso, acerca do entendimento da EF enquanto componente curricular da Área de

Linguagens. Porém, o que foi possível perceber é a fragilidade conceptiva da EF como linguagem e no campo da linguagem, como é o caso do P.C.2.

Para P.C.2 a EF não tem obrigação de formar atleta desde que se tornou um componente curricular da Área de Linguagens e essa nova perspectiva trouxe todos os alunos para a EF, não somente os bons de bola ou de algum esporte. Nesse sentido, o P.C.2 nos trouxe que a EF se tornou mais democrática com o acolhimento de todos os alunos:

> P.C.2 – [...] hoje o aluno tem que se divertir e não é obrigado a ser um atleta, então isso foi bom quando entrou na parte da linguagem porque hoje nós não formamos atletas, para isso ele vai para uma escolinha. A EF buscou isso de volta dos alunos, então hoje você consegue dar aula para todos os alunos não importa a idade, a cor, o sexo e nem a religião porque a EF depois que entrou na parte da linguagem nos dá a essência de estar ensinando o aluno a movimentar seu corpo, a conhecer seu corpo sem aquela obrigatoriedade de ser bom naquilo que está fazendo. Então hoje você consegue envolver todo mundo no mesmo objetivo que é se divertir e aprender a conhecer o seu corpo e isso a linguagem trouxe para nós, não é mais aquela época, que só vai para EF quem é bom e sim todos vão se divertir com isso você consegue fazer na sala de aula e também na quadra, a linguagem nos trouxe essa riqueza da gente está mais tranquilo de estar ajudando esses alunos a se conhecer e a gostar do que tá fazendo.

P.C.2 colocou que no momento em que a EF foi inserida na Área de Linguagens, ela deixou de lado unicamente a conotação de formação de atletas possibilitando a inserção de todas as crianças nas atividades teóricas e práticas da EF escolar.

Já no final da entrevista solicitei ao professor que nos trouxesse suas experiências na prática da EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, numa ótica interdisciplinar, levantando como ocorre o envolvimento com os demais componentes presentes na referida área de conhecimento.

As considerações do P.C.2 nos apontaram para o fato de que a EF na Escola Estadual José Rodrigues dos Santos é trabalhada a partir de gincanas com os professores de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, para o aprimoramento teórico dos alunos. Diz que essa parceria é produtiva para os alunos e alicerçada no fato de que a EF não está mais sozinha, mas, se encontra na Área de Linguagens, como acontece nesse envolvimento com esses outros componentes, estruturadores da Área de Linguagens, que permitem o enriquecimento das aulas, pois:

> P.C.2 – [...] quem melhor do que um professor de português para estar explicando ao aluno o conteúdo teórico da educação física, o professor de Educação Física não consegue passar tão bem como um professor de português ou de inglês, [...]".

Nossa percepção é de que o P.C.2 considera a teoria o ponto essencial que fez a EF entrar na Área de Linguagens, inclusive, nos traz que a dificuldade dos professores de EF se encontra na aula teórica e não no campo da expansão da concepção das possibilidades em diferentes modelos de aulas. P.C.2 pontuou ainda, que são realizados circuitos, nos quais são propostos trabalhar o conhecimento teórico e prático. São elaboradas questões que exigem do aluno a concentração e o pensamento, para na sequência realizar as ações práticas do exercício proposto, o que acaba estimulando a construção de conhecimento. Citou ainda que:

> P.C.2 – E a Escola do Campo os alunos participam muito e esses professores também, ajudam muito um ao outro e a gente consegue fazer esse tipo de esporte junto e em conjunto, não só na linguagem, mas todas as outras áreas.

Com essa fala, encerramos a entrevista e conversamos sobre a importância da participação de um representante da política educativa de Escola do Campo na pesquisa, ponderando as observações dos professores da EF considerando as suas concepções enquanto componente curricular da Área de Linguagens.

A próxima análise contou com duas participações de professores, sendo um professor e uma professora que trazem as especificidades pedagógicas da EF em sua política educativa de Escola de Tempo Integral.

5.3 Narrações dos professores da Política Educativa – Escola de Tempo Integral

Ao iniciar as análises das narrações dos professores que atuam na Escola de Tempo Integral é pertinente trazer o conceito do que é a referida política educativa. Para Moll (2014, p. 372) contemplamos que a Escola de Tempo Integral: “caminhou-se na trilha de uma proposta de escola de dia inteiro (*sic*), na perspectiva de formação humana integral”.

A existência dessa concepção de que a Escola de Tempo Integral, por permitir que os alunos fiquem um tempo maior no ambiente escolar, acaba oferecendo um ensino de melhor qualidade. No entanto, é preciso analisar, que essa qualidade almejada tem relação com os componentes curriculares e as práticas pedagógicas de cada professor, por isso é importante avaliarmos como são trabalhados e distribuídos os objetos de conhecimento na escola. Desse modo, analisam Fank e Hutner (2013) a necessidade de organizar cuidadosamente o currículo da Escola de Tempo Integral, de modo a não só possibilitar que as crianças permaneçam por maior tempo do dia

no interior dos muros escolares, mas, e, principalmente, que tenham melhores oportunidades de aprendizado.

Nesse sentido, com o propósito de conhecer melhor as características da Escola Estadual Silvestre Gomes Jardim, que se estrutura na política educativa de Escola de Tempo Integral, busquei informações junto ao PPP donde extraímos a missão, visão e valores construídos no referido documento e se encontra apresentado no quadro 4:

Instituição
Escola Estadual Silvestre Gomes Jardim
Endereço
Rua Presidente Costa e Silva, n. 1.365 – Bairro Vila Mariana, Rondonópolis-Mato Grosso. CEP: 78.700-002.
Organização
Por Ciclos
Número de funcionários
50 (cinquenta) funcionários
Distribuição dos funcionários por função
Técnico Administrativo Educacional: 4 Apoio Administrativo Educacional: 14 Professores Efetivos: 11 Professores Temporários: 20 Intérprete de Libras: 1
Número total de alunos
268 (duzentos e sessenta e oito) alunos
Distribuição de alunos por nível
Ensino Fundamental: 159 Ensino Médio: 93 Educação Especial: 16
Missão
Garantir o Acesso, Permanência e Aprendizagem dos estudantes por meio de atividades e estratégias de ensino de educação integral de qualidade e com equidade, visando à inserção crítica e proativa do jovem na sociedade de modo geral.
Visão
Ser uma Instituição de referência municipal em aprendizagem proficiente até 2026, pela qualidade e excelência dos serviços educacionais prestados, transparência e compromisso com a gestão pública democrática e por ações de educação integral humanizada visando à formação cidadã do aluno.
Valores
Democracia: garantir a participação da comunidade escolar na construção e gestão da unidade escolar; Respeito à Diversidade: garantir aos estudantes o atendimento as suas diversidades nas suas especificidades; Equidade: assegurar aos estudantes a igualdade de oportunidade e possibilidades de escolhas dentro de suas especificidades; Ética: ser leal à missão institucional da SEDUC e da unidade escolar atuando com honestidade, moralidade e probidade; Inovação: agir com criatividade e competência. Respeito: compreender o jovem como fonte de protagonismo, e desenvolvimento do seu próprio aprendizado.

Quadro 4 – Dados da Escola Estadual Silvestre Gomes Jardim
Fonte: Pesquisa (2021)

Ao observar o quadro 4, vemos que esse traz uma importante concepção com relação à missão da escola que busca “garantir o acesso, permanência e aprendizado dos estudantes”, ou seja, busca oferecer atividades e estratégias de ensino, que permitem à Escola de Tempo Integral dinamizar suas atividades, oferecendo não apenas tempo de permanência na escola, mas, também, qualidade em todo o processo de aprendizado do aluno. Nesse contexto, o professor de EF desempenha um papel de protagonista nessa política educativa.

Reitero aqui o fato de que missão, visão e valores do PPP não compreendem somente um conjunto de palavras pontuadas como possíveis ações, mas, sim, um direcionamento para que a escola possa buscar melhorias nos processos de ensino e de aprendizagem, pois a qualidade do ensinar e do aprender não se vinculam ao tempo de sua realização, mas, a amplitude do conhecimento construído, desconstruído e reconstruído em uma perspectiva de formação integral considerando o tempo de permanência do aluno na escola.

Assim como nas demais políticas educativas escolares, essa pesquisa traz agora os professores como P.I.1 e P.I.2 com a descrição e análise de suas considerações.

A primeira participante do nosso estudo e representante da Escola de Tempo Integral é do sexo feminino, possui 45 anos, formada em EF no interior do Estado de São Paulo, em Santa Fé do Sul, e pós-graduada em Educação Física Inclusiva em Rondonópolis pela Faculdade Juruense.

Com relação ao período de formação e início das atividades enquanto professora de EF, a P.I.1 nos respondeu, que se formou em 2004 e, logo no ano seguinte, em 2005, começou a trabalhar como professora, ou seja, se encontra na atividade pedagógica há quase 17 anos. Porém, na Escola Estadual Silvestre Gomes Jardim atua há 6 meses, iniciando no ano de 2021 já durante o período de pandemia da COVID-19, o que para ela vem dificultando o desenvolvimento de todas as atividades escolares, e não é diferente na EF. Muito embora esteja somente há alguns meses na atual escola, a P.I.1 afirmou atuar na política educativa da Escola de Tempo Integral há 5 anos.

Assim, após as apresentações do perfil acadêmico da P.I.1 nossa mediação trouxe o questionamento sobre quais as particularidades na atuação pedagógica no que se refere à EF na Educação de Tempo Integral. Ela nos trouxe as seguintes falas:

> P.I.1 – Sim, nós temos várias particularidades, inclusive uma delas é que trabalhamos muito com a pedagogia da presença, estudamos muito Paulo Freire. Quando o aluno se sente acolhido, bem-vindo, ele até melhora o desempenho na educação física. A gente trabalha o aprender a ser o aprender a conviver, nós temos essas particularidades muito arraigada na relação dos alunos e ela vem a dar um desenvolvimento muito grande em relação as práticas.

Como pode ser observado nas falas da professora P.I.1 ela citou que a Escola Estadual Silvestre Gomes Jardim trabalha com a Pedagogia da Presença[9] de Paulo Freire, muito embora seja um dos princípios que norteiam o currículo da Escola de Tempo Integral, a referida profissional não trouxe nenhuma concepção sobre essa episteme, pois quando questionamos sobre quais atividades eram realizadas ou como trabalhava a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens ela não trouxe dados concretos, permanecendo essas considerações apenas em um discurso em desenvolvimento.

Quando eu trouxe questionamentos sobre os documentos referenciais (BNCC e DRCs), que disciplinam sobre a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, buscando conhecer a percepção da professora participante do estudo, sobre isso, sua resposta foi:

> P.I.1 – Não tenho nada a declarar nesse momento.

Busquei levantar a sua percepção sobre a existência de avanços ou retrocessos na EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens e, novamente, ela se manifestou:

> P.I.1 – Não consigo te responder também, Diogo!

Sobre o que representa para a professora a EF estar inserida na Área de Linguagens as falas não nos possibilitaram muitos avanços para análise:

> P.I.1 – Não vou conseguir te responder também.

Recorremos às mudanças na EF por estar inserida na Área de Linguagens, a fala foi:

> P.I.1 – Não. Não consigo visualizar.

---

[9] Sobre essa concepção educativa de Paulo Freire tem-se o entendimento de Síveres (2015, p. 80) de que: “A pedagogia da presença, no processo educativo, é compreendida com base na dinâmica do ser, pensar e agir e, nesse sentido, é possível assegurar a importância de a presença se caracterizar como um exercício constante da condição humana, um percurso contínuo de construção das ciências e, como tal, impacta um projeto de ensino e aprendizagem”.

Mesmo diante das falas curtas da P.I.1, busquei conhecer com maior abrangência as percepções da professora participante do estudo. Nesse momento, vejo que é importante colocar que o fato de eu ter trabalhado como coordenador da Área de Linguagens no mesma política educativa, me chamou a atenção em relação ao não-conhecimento da pesquisada sobre o tema EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, posto que durante a minha atividade na política educativa atentava-se para as discussões sobre esse tema; e ainda pelo fato de que o desenvolvimento pedagógico é estruturado por áreas de conhecimentos, sendo esse um dos aspectos que me direcionou ao estudo do mestrado.

Na sequência da pesquisa busquei conhecer sobre as práticas pedagógicas da P.I.1 na EF considerando esta como componente curricular da Área de Linguagens, quando a professora citou:

> P.I.1 – Nós temos uma prática pedagógica onde nós trabalhamos de forma interdisciplinar com toda a área de educação física.

É interessante apresentar, que nesse momento, a P.I.1 trouxe os aspectos que envolvem a interdisciplinaridade, que também foi uma questão trabalhada junto a todos os professores e professoras participantes do estudo. Questionei como são as práticas que a professora realiza trazendo a interdisciplinaridade, sempre considerando a EF na Área de Linguagens:

> P.I.1 – Eu tenho os exemplos de professores de português que me pedem ajuda e eu vou citar o apoio, como exemplo, nesse momento agora. Trabalho em conjunto com a professora de apoio aonde eu elaboro meu conteúdo baseado nas habilidades da educação física e nós trabalhamos de forma interdisciplinar diretamente no apoio com esse aluno então a minha prática em relação a isso como funciona eu faço uma leitura com os alunos interpretação e vou contactando eles no sentido da prática esportiva mesmo na quadra.

A partir das palavras da P.I.1 vi dificuldade na forma de se expressar e uma certa limitação sobre o entendimento acerca da linguagem, especificamente da EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, o que de certo modo, dificulta as práticas pedagógicas para qualificar os processos de ensino e de aprendizagem, gerando fragilidades no aprendizado dos alunos.

É importante ainda observar que durante o estudo foram realizadas pesquisas e análises documentais nos PPP, sendo que mostraram a missão, visão, valores e planos de qualificar a educação e tornar as escolas em um local de transformação e de formação dos alunos. Todavia, quando percebemos a fragilidade do conhecimento

sobre a EF na Área de Linguagens, assim como, sobre a compreensão de que a complexidade do entendimento da linguagem é elemento que permeia a educação pública nas quatro políticas analisadas em Rondonópolis, vejo que o fato de ter uma excelente legislação ou documento, não significa que no contexto cotidiano da prática, a atividade será produtivamente trabalhada.

Meus questionamentos para a P.I.1 também trouxeram concepções que não possibilitou extrair um entendimento do tema, pois a falta de percepção sobre a EF na Área de Linguagens e a inexistência de uma concepção clara da professora sobre os aspectos que evocam a EF e Linguagens, podem expressar falta de conhecimento ou um desinteresse pelos aspectos abordados nessa pesquisa. Esses aspectos podem gerar fragilidade nas práticas pedagógicas e no aprimoramento qualitativo das aulas, bem como, nos remete a uma construção de pouca importância para a EF e de nossa preocupação no desenvolvimento deste estudo.

No entendimento de Prandina e Santos (2016) a falta de conhecimento do professor; a falta de motivação dos alunos; a falta de estrutura nas escolas; fragilidades das políticas públicas do Poder Público Federal, estaduais e municipais; os baixos salários e ou formação continuada dos professores pode implicar na simplificação da disciplina.

Mesmo com a insistência das questões que realizamos, o desenvolvimento das narrações não aconteceu. Agradeci a sua participação e me coloquei à disposição da professora, no que se relaciona a trabalho com EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens e suas inquietudes junto aos professores da unidade escolar, a partir de palestras e rodas de conversa.

A segunda entrevista junto aos professores e professoras da Escola de Tempo Integral de Rondonópolis, foi realizada com um professor do sexo masculino; com 43 anos de idade; graduado em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) em Cuiabá - capital do Estado; pós-graduação em Treinamento Desportivo formado (2006), pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior aqui em Rondonópolis pela UNIC (2008) e formação em Fisiologia do Exercício.

Quando o questionei sobre a sua prática como professor de EF o P.I.2 narrou que atua desde 2001, após a sua formação universitária, mas, antes de atuar como professor de EF desenvolvia atividades em academias de ginástica e esportes competitivos, atuando como treinador na modalidade de basquetebol.

Especificamente em relação ao tempo de atuação como professor de EF na Escola Integral, esclareceu que atua nessa política educativa desde 2018, e está na Escola Estadual Silvestre Gomes Jardim desde 2021.

> P.I.2 – Olha eu atuo como professor de Educação Física desde 2001, desde antes como estagiário e a maior parte da minha vida profissional a partir de 2001 foi dentro de academias de ginástica e esporte competitivo através da modalidade de basquetebol. [...].

Ao analisar as palavras do P.I.2, observo que o professor se dedicou às práticas esportivas desde antes da formação na EF, o que aponta para um profissional que tem em sua história experiência a competição esportiva e a gestualidade.

Quando o P.I.2 nos traz suas experiências esportivas e o quanto esse conhecimento lhe possibilitou se inserir mais no esporte e na EF, ele se remete à importância da cultura corporal em movimento nas escolas, pois, de acordo com Farias et al. (2020), essa cultura tem o potencial de construir textos e contextos com a gestualidade do corpo e, no ambiente escolar, permite que o aluno possa se expressar de forma intencional, representativa, traz sentidos e significados.

Ainda narrando sobre a sua atuação profissional, o professor esclareceu:

> P.I.2 – Eu atualmente como professor de Educação Básica na Escola Silvestre Gomes Jardim, que é uma escola plena de tempo integral aqui na cidade de Rondonópolis eu ministro as aulas de educação física desde o 7º ano até o 2º ano do ensino médio, todas as turmas ou com as aulas de educação física em si, propriamente dita e também com uma disciplina da base diversificada que se chama práticas esportivas no 7º e 8º anos.

Em sua fala, o P.I.2 traz ênfase nas práticas esportivas para o desenvolvimento dos alunos. Aponta para o fato de que a Escola de Tempo Integral gera maiores possibilidades de trabalhar a EF enquanto disciplina com diversas práticas esportivas.

Na sequência da entrevista questionei o P.I.2 se existem particularidades na sua atuação pedagógica no que se refere a EF considerando a política educativa. Sua fala mostra que o modelo atual de EF trabalha com movimentos e exercícios com o propósito de formar cidadãos. Contemplou ainda que:

> P.I.2: Então o exercício vem primeiro que é o objetivo principal da educação física. [...].

A partir da fala do P.I.2 percebi um enfoque restrito desportivo de cunho biologicista, o que vai de encontro ao entendimento de Duarte (2010) sobre a evolução

da EF, enquanto componente curricular da Área de Linguagens, pois esta área é mais ampla e trata o indivíduo sob um enfoque social e cultural, e não somente sob um olhar do desenvolvimento de atividades físicas.

Considero ainda relevante trazer o entendimento ampliado da linguagem, pois é uma concepção que vem sendo amplamente utilizada e parece que seu propósito conceitual e interpretativo é o distanciamento da EF desenvolvida nas escolas brasileiras, que ainda se enraízam na psicobiologia[10]. Aponto aqui a importância em trazer a concepção de Gehres e Neira (2020), de que esse distanciamento de um corpo biológico para um corpo cultural, traz limitações para as propostas da EF na Área de Linguagens.

Nesse sentido, minha percepção é de que no momento em que o P.I.2 pontua que o objetivo principal da EF é o exercício físico, há uma restrita leitura sobre a EF e isso se distancia do enfoque proposto sobre a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens. Essa concepção equivocada pode ainda ser percebida quando o professor narra que:

> P.I.2 A Política Educativa que a gente se encontra hoje, principalmente, por conta das aulas teóricas eu acredito que essa parte teórica deveria suprimir um pouco a parte teórica e colocar mais um pouco da parte prática, porque as nossas crianças e nós mesmos até, principalmente, em tempo de pandemia estamos ficando muito sedentários e uma aula só de educação física por semana, ou seja, qualquer pessoa que se exercita uma vez só por semana acaba sendo pouco para a questão de saúde, para a questão de prevenção de doenças e até para a própria qualidade de vida, para as atividades diárias dessa criança e, eu acredito que com um certo tempo só uma vez só por semana a educação física nós acabamos transformando nossas crianças em futuros sedentários. Essa é a minha maior preocupação mesmo com a Educação Física na atual política de educação.

O P.I.2 mostra a sua percepção de EF enquanto disciplina, que tem como único foco o exercício corporal. O pesquisado não expandiu suas considerações para a importância deste componente curricular imerso na linguagem, concepção similar a alguns dos outros professores participantes do estudo, que em suas narrações trouxeram que a EF poderia estar em qualquer campo de conhecimento e, que não faz diferença estar na Área de Linguagens.

Solicitei que o professor nos explanasse acerca das particularidades da EF considerando a política educativa. Para P.I.2 a Escola de Tempo Integral possibilita atividades diferentes, devido a ampliação do tempo, o que não ocorre nas escolas

[10] Segundo o entendimento de Neira (2018, p. 4) as propostas fundamentadas na psicobiologia: "[...] se mostravam comprometidas com o desenvolvimento cognitivo, afetivo-social e motor. [...]".

Urbana e do Campo, por isso, as crianças acabam tendo mais contato com os exercícios e com uma gama maior de esportes, devido dentre outros fatores ao quantitativo do horário, que possibilita a permanência dos alunos na escola e, consequentemente, a disponibilidade de horários para a EF.

> P.I.2 – Olha dentro da política da escola integral no ensino fundamental pessoalmente eu acho muito legal e muito vantajoso porque temos a parte diversificada que não temos nas escolas regulares que são as práticas dispositivas, estão as crianças acabam tendo mais contato com os exercícios e com os esportes e o professor também tem uma gama maior de possibilidades e horários maiores para poder trabalhar a educação física dentro da escola integral. [...].

Ao considerar sua narração, observo que para o P.I.2 os alunos, especialmente dos anos finais do ensino fundamental, possuem duas aulas a mais por semana, permitindo que essas se movimentem e tenham mais tempo para realizar os exercícios e, por isso, considera que ministrar aulas de EF na Escola de Tempo Integral é mais vantajoso. Inclusive citou que mesmo a EF não estando no modelo presencial, assim mesmo, considera vantagem a Escola de Tempo Integral, pois, os professores têm mais tempo para trabalhar aspectos teóricos sobre a história das modalidades esportivas, o que também é um diferencial.

A partir das falas do P.I.2 entendo que uma das principais vantagens da Escola de Tempo Integral tem relação com o tempo maior de permanência das crianças no ambiente escolar, o que possibilita aos professores realizar mais atividades, especialmente, no campo da EF.

Ao trazermos sobre os documentos que norteiam a educação, como a BNCC e os DCRs nos quais a EF passou a fazer parte da Área de Linguagens, solicitei a concepção do P.I.2 sobre essa inserção. Em sua narração o professor apresentou de forma clara o seu posicionamento ao trazer que:

> P.I.2 – Olha eu particularmente enquanto professor de educação física, eu acredito que tenho bastante dificuldade em associar à educação física a Área da Linguagens, o que eu consigo associar a essa área seria a linguagem corporal.

O argumento do P.I.2 de que não consegue associar a EF com a Área de Linguagens reafirma a nossa análise, de que os professores de EF das escolas públicas em Rondonópolis não possuem uma concepção clara do que é linguagem e da EF enquanto presente na Área de Linguagens e, com isso, acabam direcionado

até os alunos para o entendimento de que EF é somente exercícios, movimentos, jogos, lutas e todas as modalidades esportivas. E prossegue suas narrações de que:

> P.I.2 – A Área de Linguagens me limita a que se eu fosse trabalhar de forma interdisciplinar, eu iria trabalhar linguagem corporal, expressão corporal, danças, teatros e se fosse trabalhar de forma interdisciplinar com a Língua Portuguesa e Língua Inglesa eu teria que traduzir alguma coisa relacionada ao esporte para o inglês e trabalhar de forma interdisciplinar, em cima de leituras e interpretações de textos de histórias dos esportes modalidades esportivas em cima de questionários então me limito a isso. E que eu acredito que seja uma parcela muito pequena da educação física, que eu consigo associar a linguagem, se a gente for partir para a área das culturas corporais, que fazem parte maior da nossa cultura brasileira que são os esportes, as lutas e as modalidades esportivas e um gama imensa de modalidade de jogos e brincadeiras eu associo muito mais a outras áreas, principalmente a área da ciência da natureza do que a área de linguagens.

Ao observar que o P.I.2 considera que em sua “crença” a linguagem é uma parte muito pequena da EF e, que poderia associar a EF mais com a Área da Ciência da Natureza, ele evidencia, dentre outros fatores, a falta de debate acadêmico, político e social sobre essa temática, de forma a aclarar a percepção dos professores e professoras acerca da EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens.

Nesse contexto, é importante observar o entendimento de Velozo (2010) de que as Ciências da Natureza possuem uma conotação mais objetiva, com caráter universal, enquanto que as Ciências Sociais e Humanas são mais complexas, necessitam de maior aprofundamento teórico para sua compreensão, bem como, são subjetivas e trazem diversos aspectos em consideração. Aqui trago que a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens ganha uma conotação de maior complexidade e, talvez, por isso, se demonstre mais difícil de se compreender.

Ao questionar P.I.2 se, em sua concepção, a inserção da EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, gerou avanços ou retrocessos, ele trouxe a seguinte afirmativa:

> P.I.2 – Na minha opinião retrocesso, com certeza!

Novamente, ao avaliar as percepções do pesquisado vejo fragilidade no que se refere as possibilidades da EF. Ainda que eu respeite seus argumentos vejo que é um fator limitante para o trabalho do professor visualizar a EF apenas com interfaces com as Ciências da Natureza. Contudo, suas considerações se ampliam nas falas que seguem:

> P.I.2 – A educação física contribuiria muito mais nessas áreas do que na área de linguagens, por exemplo, na ciências da natureza se a gente fosse tratar

> de Ensino Fundamental a educação física ela entra na parte de ciências, então nós temos órgãos, anatomia, nomes dos ossos, nomes de músculos e hormônios, que também são trabalhados tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, se formos partir para matemática a quadra, por exemplo, é toda feita de matemática, os retângulos, os círculos, as medidas, as distâncias e as metragens da quadra são inseridas na Matemática. Os movimentos em si, que as crianças fazem em relação ao movimento é muito mais voltada para a física, por termos princípios de alavanca, torque, nós temos todos os princípios básicos que a gente tem dentro das ciências e que está inserida no ensino fundamental e não na física do Ensino Médio, mas todas essas bases de movimentos, de mostrar para as crianças que a gente faz os movimentos é uma questão de ciências e não da área de linguagens. Cálculos tem várias fórmulas matemáticas, que a gente faz na área de educação física de medir uma velocidade, um tempo, uma velocidade de deslocamento e metragens. A gente consegue trabalhar junto com a Física com a Química também porque a produção de energia é através de transformações químicas, que acontecem no nosso corpo, assim como a oxigenação, que acontece dentro das células, são as funções celulares. Figuras interdisciplinares que a gente pode trabalhar em conjunto com outras áreas que eu acredito que educação física iria contribuir bem mais do que com a área de linguagens.

Para o P.I.2, a EF pode ser trabalhada na Química, Física e na Matemática, porém, em seu entendimento a EF não se encaixa na Área de Linguagens, sendo essa uma percepção, que vai de encontro ao que preceituam os documentos educativos como BNCC e DCRs, bem como, contra a grande maioria dos pensadores que coadunam com a concepção de que a EF efetivamente faz parte da Área de Linguagens.

Considero que essa EF que busca desenvolver o ser humano em sua integralidade, indo além da concepção corpóreo-sensível; possibilita a construção de significações e sentidos capazes de contribuir para os estudantes, em diferentes níveis de ensino gerando, inclusive, como bem comenta Arruda (2019), um desenvolvimento biopsicossocial, cultural, político e ecológico, traçando uma nova realidade sobre a concepção da EF para o envolver e o desenvolver do estudante em todas as suas potencialidades.

Ao tratar sobre a existência de mudanças na EF devido a sua inserção na Área de Linguagens, o P.I.2 reiterou que não acredita que tenham mudanças, e nem que essas mudanças tenham sido positivas. Em sua percepção, a EF estar nesta área de conhecimento é um fato limitador para o trabalho dos professores com os alunos:

> P.I.2 – Nós, poderíamos estar contribuindo muito mais com as crianças se fosse fora de alguma área ou então em parceria com outras áreas e não com a linguagem, eu acredito que a Educação Física iria contribuir muito mais com as crianças.

Ao discorrer sobre suas práticas pedagógicas na EF, e como atua considerando ser esse um componente curricular da Área de Linguagens, o professor da Escola Estadual Silvestre Gomes Jardim, trouxe as seguintes falas:

> P.I.2 – As práticas pedagógicas em educação física quando a gente trata da questão de formação de criança e de cidadãos eu não consigo associar muito a linguagem, porque se a gente for pegar pela BNCC ou até pelo PCNs antigamente a educação física tem uma forma peculiar de se tratar a formação de cidadão, que nenhum momento se aborda a associação dela com a linguagem. Por isso, eu não consigo visualizar e compreender de acordo com os documentos igual você citou. Como que tudo que a gente pode fazer para construção de cidadão, temas transversais e respeito, todas essas ferramentas que nós temos para transformar a sociedade, para formar cidadãos, na linguagem, realmente, eu não consigo associar Diogo [...].

Em suas palavras, P.I.2 mostra que considerando que ao se enquadrar enquanto linguagem a EF acaba por se limitar na prática pedagógica dos professores e professoras e, consequentemente, no aprendizado dos alunos. Para P.I.2, para os professores até mesmo o trabalho interdisciplinar fica limitado nas linguagens somente na questão da leitura, seminários, interpretação de textos e exercício das escritas, reduzindo a grandiosidade da EF. Nesse sentido, pontua ainda:

> P.I.2 – Então a Educação Física acaba sim tendo uma contribuição dentro da Área de Linguagens, mas eu não vejo a Área de Linguagens contribuindo para a Educação Física.

De acordo os argumentos do P.I.2, a EF se tornaria mais efetiva se não estivesse na Área de Linguagens, podendo estar sozinha ou em outras áreas de conhecimentos. Pontuou que ficar restrito à teoria acaba reduzindo a aprendizagem prática dos exercícios que precisam ser realizados, pois são essenciais na formação das crianças. Considerou ainda que as crianças, na atualidade, chegam ao final do ensino fundamental sem saber praticar as quatro modalidades esportivas de quadra, porque os professores ficam restritos às questões teóricas, ou seja, à linguagem. Tencionou que:

> P.I.2: A Educação Física é muito grande.

E, desse modo, para P.I.2, quando inserimos a disciplina na Área de Linguagens, acabamos por construir um processo reducionista da EF, o que certamente, não permite a expansão e valorização por sua amplitude, o que não parece ser condizente com a compreensão desse componente curricular no âmbito escolar conforme já apontado anteriormente.

5.4 Narrações dos professores da política educativa – Escola Militar

Antes de entrar nas especificidades das percepções dos professores que atuam na Escola Militar é relevante fazer inferências sobre a referida política educativa. Assim, de acordo com Benevides e Soares (2020) dentre as características da política educativa militar estão a disciplina rígida e a estruturação hierárquica da instituição, com extremo respeito por essa hierarquia, sendo repassado para a escola a concepção de organização das estruturas militares.

Tratando ainda das características das escolas da política educativa militar, Gonçalves e Baladeli (2018, p. 191) trazem: “A educação militar ofertada nos Colégios Militares – CMs destaca-se no cenário educacional nacional, principalmente por enfatizar o cumprimento de regras, a manutenção da disciplina e o respeito à hierarquia do sistema. [...]”. Isto nos aponta para o fato de que uma das principais características da política educativa da Escola Militar tem como foco a disciplina e a relação professor/aluno e demais atores, dentro do ambiente escolar.

Na mesma linha de análise, o quadro 5 nos traz as características organizacionais da unidade escolar em que outros dois participantes professores são inseridos, especificamente, da Escola Estadual Tiradentes Major PM Ernestino Veríssimo da Silva. Sua estrutura destaca-se das demais nos aportes que a sustentam.

Instituição
Escola Estadual Tiradentes Major PM Ernestino Veríssimo da Silva
Endereço
Rua Juritis/nº Lotes 07, 08 e 09, Bairro Parque Universitário, Rondonópolis-Mato Grosso. CEP: 78.750-260.
Organização
Por Ciclos
Número de funcionários
41 (quarenta e um) funcionários
Distribuição dos funcionários por função
Técnico Administrativo Educacional: 2 Apoio Administrativo Educacional: 16 Professores Efetivos: 8 Professores Temporários: 15
Número total de alunos
372 (trezentos e setenta e dois) alunos
Distribuição de alunos por nível
Ensino Fundamental: 282 Ensino Médio: 90 Educação Especial: 0
Filosofia da Escola
A Escola Estadual da Policia Militar Major PM Ernestino Veríssimo da Silva tem por princípio filosófico a educação nos princípios legislativos vigentes e de acordo com os paradigmas conceituais da polícia militar quais sejam: justiça, segurança, disciplina e ouros eixos da ciência positiva e da cidadania. O ideal da escola é de DEVER, de DIGNIDADE, de RESPEITO, de VERDADE e de JUSTIÇA, desenvolvendo nos estudantes a capacidade de entender, compreender e utilizar as diferentes linguagens- verbais, matemática, gráfica, estética, corporal- e os diferentes saberes produzidos pela humanidade- científicos, artísticos, culturais, filosóficos, linguísticos- na construção da cidadania e vida cotidiana.
Missão
Nossa missão é contribuir para a formação de cidadãos críticos e conscientes, preparando-os para o exercício da Cidadania e para os desafios do mundo moderno.
Objetivo
Proporcionar uma educação de qualidade pautada nos princípios da cidadania, da aprendizagem significativa, de acordo com as diretrizes da polícia militar tendo por base o ensino com qualidade e inclusão social, propiciando aos nossos estudantes e profissionais que aqui atuam uma maior identidade com os processos de ensino e de aprendizagem de forma a promover significados para a vida presente e para a vida futura.

Quadro 5 – Dados da Escola Estadual Tiradentes Major PM Ernestino Veríssimo da Silva
Fonte: Pesquisa (2021)

Considero relevante trazermos que, diferente da organização das demais escolas apresentadas (Urbana, do Campo e Integral), a Escola Estadual Tiradentes Major PM Ernestino Veríssimo da Silva traz em seu princípio filosófico a menção dos princípios legislativos e a regência hierárquica para a escola como preceitos para a cidadania.

Sobre os professores dessa instituição, a primeira entrevista, aqui denominada de P.M.1, foi com uma participante do sexo feminino, que tem 56 anos de idade, se formou há 36 anos em EF (licenciatura e bacharelado) pela Universidade

Federal de Uberlândia e possui especialização em treinamento Desportivo Fisiologia da Metodologia da Atividade Física Personalizada, pela Universidade Gama Filho.

Profissionalmente a P.M.1 ministra aulas de EF em duas instituições escolares, sendo a Escola Militar em Rondonópolis e outra escola na região, bem como atua como *personal trainer.* Narrou que assumiu o concurso do Estado de Mato Grosso há 8 anos e que se encontra na Escola Militar desde o início do ano letivo de 2021. Mais especificamente, iniciou suas atividades enquanto professora na referida instituição desde março de 2021, tendo ocorrido atraso no calendário, devido a pandemia da COVID-19, que de certa forma afetou todas as escolas.

Quando a P.M.1 nos trouxe suas falas sobre as particularidades de sua política educativa de Escola Militar citou que a disciplina, valorização da família, valorização do respeito ao próximo, honra ao país, e honra aos pais e a família, são as principais características da escola, as quais acabam influenciando diretamente nas atividades docentes. E continuou:

> P.M.1 – Eu como sou uma pessoa muito disciplinada, eu assim, achei que quando abriu as vagas remanescentes, que eu fiquei sabendo que tinha escola militar eu achei que era muito parecido com o meu perfil, porque a Escola Militar além de ter esse perfil de muita disciplina, eles têm o perfil de incentivar o aluno a competir, a vencer e a ser o melhor. E, eu tenho muito disso, eu sou muito competitiva então, assim, neste momento, eu acho que tem uma das coisas que pesa muito para mim e essa parte da disciplina também.

A partir das falas da professora vemos que a disciplina é uma das principais características da Escola Militar, o que é reafirmado nos estudos de Gonçalves e Baladeli (2018) e Benevides e Soares (2020). É necessário ainda pontuar sobre a fala da P.M.1, que a disciplina é uma característica também de sua personalidade enquanto pessoa e professora e sob essa consideração, Nóvoa (2014) nos aponta que o “ser professor” se entrelaça com a sua forma de ensinar. E nesse sentido, entendo que a P.M.1 é disciplinadora.

É importante ainda ponderar que no entendimento da P.M.1 essa disciplina rígida acaba interferindo diretamente nas práticas pedagógicas dos professores de EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, bem como, no processo de aprendizado dos alunos, pois quando a questionamos se a disciplina é fator que interfere no aprendizado dos alunos, a professora nos respondeu:

> P.M.1 – Eu acredito que sim.

Considero relevante trazer essa questão da disciplina dos alunos nas escolas, pois é amplamente debatida por professores, inclusive no decorrer das experiências, por meio do desenvolvimento das práticas pedagógicas de professores e professoras, estudiosos trazem aspectos positivos e negativos dessa temática, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Contudo, vale ressaltar que no contexto das escolas militares, a questão da disciplina está associada às questões hierárquicas que sustentam as políticas e não estão ligadas necessariamente ao que Garcia (2009) aborda, que a indisciplina dos alunos na EF envolve questões familiares, sociais, emocionais, psicológicas e culturais.

Na continuidade das mediações busquei o conhecimento acerca do pensamento/entendimento da P.M.1 sobre os documentos BNCC e DRCs e a sua inserção da EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens. Observei que em suas falas, a P.M.1 assegurou que até os dias de hoje não compreende a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens. Pontuou que tem dificuldades em compreender dessa forma porque em sua percepção a EF é prática e não se relaciona com linguagens.

> P.M.1 – Até hoje eu não entendi (risos), porque eu venho de uma educação física muito da prática, [...].

A P.M.1 narrou que a nova EF, que vem sendo exigida aos professores por meio das práticas pedagógicas realizadas a partir de ferramentas digitais, são difíceis para a sua execução. Considerou que esse fato pode ter relação direta com o hiato temporal de sua formação. O fato é que vem se tornando cada dia mais difícil trabalhar com a EF, inclusive porque os próprios alunos querem a prática, porque de teoria já estão saturados, em razão de outros componentes curriculares, como a P.M.1 expressa. Então em sua concepção a EF é prática e deve ser realizada dentro da quadra de esporte, dentro da pista de atletismo e não na sala de aula, com estudos teóricos. As falas seguem no trecho abaixo:

> P.M.1 – [...] então assim, hoje, eu tenho dificuldade até porque a minha formação parece ter sido feita mesmo, para a prática, então hoje eu vejo, por exemplo, eu tenho que entrar dentro da sala de aula eu tenho que é dominar aí as ferramentas digitais e não sei se é também pela minha idade, pelo tanto de tempo que eu sou formada eu achei assim que a Educação Fisica fica meio perdida dentro de uma área tão teórica, entendeu?

Continuando a análise das falas da P.M.1 considero que a mesma demonstra que a EF não deveria fazer parte da Área de Linguagens, inclusive porque em sua

narração essa inserção somente trouxe retrocessos, não gerando avanços para a EF. Certamente as pessoas que realizaram essa organização curricular, tinham por objetivos alcançar melhorias, porém, em seu entendimento não houve tais avanços. Ao narrar:

> P.M.1 – (risos) eu acho que só teve retrocessos.

Machado e Machado (2013), citaram em seu estudo que a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens em seu percurso trouxe tanto avanços quanto retrocessos, mas ambos foram pertinentes para a demarcação da identidade do conhecimento e pela sua legitimidade no espaço escolar, ainda mais, quando percebemos que a EF precisa assumir o seu protagonismo no campo social no contexto escolar.

Sobre os motivos que considera a EF na Área de Linguagens um retrocesso, a P.M.1 pontuou que nos momentos em que poderia estar dando atividades práticas em quadra, ou ainda, executando quaisquer exercícios, acaba tendo que estar em aula passando conteúdos, e que tais conteúdos somente estão presentes na disciplina por ser uma exigência. Desse modo, considera que a teoria ocupa o tempo da prática em que o professor poderia estar trabalhando a performance dos alunos, inclusive porque a Escola Militar busca ter uma equipe competitiva e campeã, então quando precisa deixar da prática para dar aulas teóricas, acaba atrasando a qualidade de rendimento e performática dos alunos. Suas falas, seguem na literalidade:

> P.M.1 – Aí porque eu acho que, esse tempo que eu preciso de estar passando conteúdo, que eu preciso de estar num quadro, igual agora que nós estamos na internet ou o computador, eu poderia estar fazendo a prática em si. [...]. Então assim, eu particularmente, eu sinto isso eu acho que fica faltando tempo para gente para o conteúdo [...].

Trago nesta análise o que a P.M.1 narrou sobre o fato de ter começado a ministrar aulas na Escola Militar durante a pandemia da COVID-19, ainda não teve oportunidade de trabalhar com aulas práticas dentro da escola. Assim, ministra suas aulas em plataforma digital buscando atuar a partir de uma organização de aulas geminadas, ou seja, teóricas e práticas, no propósito de alcançar o melhor resultado em relação a performance de seus alunos, formando boas equipes para as competições. Nos pontua que:

> P.M.1 – Mesmo assim, eu consigo dar aula on-line com práticas. Então assim, fora que a gente também tem um monte de ferramentas aí aplicativo um monte de coisa que dá para a gente estar fazendo com os nossos alunos, o

> professor às vezes não tem a destreza, não quer fazer a prática ali usando o computador.

É importante ainda trazer que no momento de suas falas, a P.M.1 trouxe a questão de que a Escola Militar busca ter uma equipe para competições. Solicitei que ela explanasse mais sobre essa característica da EF na Escola Militar.

> P.M.1 – Então é assim este ano nós já fizemos um campeonato de xadrez dentro da escola, xadrez on-line porque foram trabalhadas as disciplinas, todos os professores trabalharam, fizeram as apostilas. E foi trabalhado tanto a parte teórica como a parte prática. Aí a coordenação veio conversar conosco para a gente montar um campeonato sub-13 e sub-17. E aí foi um sucesso. Agora nós temos uma corrida de rua virtual onde todos os alunos vão participar, porque a escola militar não tem esse negócio de querer ou não querer entendeu? Tipo assim! Então é uma coisa que eu acho assim, os jovens se você deixar eles escolher o que querem, eles não querem nada, tá!

Nos trouxe ainda em suas falas, que nas festas juninas e demais eventos nas outras políticas educativas, como a própria Escola Urbana e do Campo, não existe isso de disciplina e de exigência de participação dos alunos; as crianças participam da EF e dos eventos se estiverem com vontade, sem compromisso, direcionamento e responsabilidade, mas na Escola Militar o aluno age diferente porque é direcionado a fazer o que deve ser feito, independentemente de sua vontade.

Como podemos observar a P.M.1 considera que os alunos não teriam o mesmo desempenho se fossem livres para escolher, afinal, ela considera que os jovens não “querem nada”. Sua percepção não se coaduna com o que pregamos em relação à educação escolar e à valorização de cada indivíduo/aluno como protagonista da construção e reconstrução de sua própria história. Essa posição é corroborada pelas considerações de Fonseca et al. (2017), que expõe que a EF não pode ser reduzir a uma ação, pois ela permite aos alunos sua transformação, possibilitando que eles possam experimenta, usar refletir sobre suas ações, construir seus próprios valores e protagonizar a sua compreensão e construção de vida.

Ao solicitar que a P.M.1 explanasse sobre qual a sua perspectiva da EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, ela trouxe que ao trabalhar com os demais componentes desta área, o professor de EF não é escutado. Visualiza que somente o professor de Língua Portuguesa parece ter importantes conceitos a serem apresentados e aprendidos, ou seja, a Área de Linguagens tem em sua composição a EF e a Língua Portuguesa, mas, parece que somente a segunda tem importância. Narrou que compreende existir uma lacuna para a EF quando ela passou a ser inserida nessa área de conhecimento, trazendo em suas falas:

> P.M.1 – Bom, primeiro que a gente nunca é escutado, vamos falar a verdade, só o professor de Língua Portuguesa (risos) é que vale até nos conceitos, a Educação Física (risos)... vamos falar a verdade até a Arte e Inglês também, porque o que vai em consideração em si, tanto é que tá tendo curso de formação agora só para quem é da da Língua Portuguesa não tem formação para as outras áreas entendeu. Então e aí, e a Área de Linguagens, ela vai ser pontuada somente pelo Português, então eu não entendi, também eu achei que tem uma lacuna nesse sentido aí entendeu?

Quando questiono a P.M.1 sobre se existem mudanças na EF por estar na Área de Linguagens, ela foi categórica em sua percepção:

> P.M.1 – Mas é uma mudança que veio a acrescentar? Eu acho que não, eu acho que não acrescentou nada.

Pude perceber o seu descontentamento com o fato de a EF pertencer a Área de Linguagens, pois, não está caminhando com a mesma desenvoltura pela referida área de conhecimento, como os demais componentes curriculares Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Artes, sendo que em sua opinião, especialmente a Língua Portuguesa, é a essência dessa área de conhecimentos.

A P.M.1 nos trouxe que se a EF não estivesse inserida na Área de Linguagens, poderia estar na Área de Ciências, que trabalha a Fisiologia, parte do corpo humano e músculos, o que para a professora se enquadraria melhor. Afinal a EF tem mais coisas com a Área de Ciências da Natureza do que com Linguagens. Essa consideração pode ser reforçada por suas palavras ao citar que:

> P.M.1 – Às vezes até na área de ciências, também é uma área que trabalha a parte de fisiologia, parte do corpo humano, músculos, às vezes seria até mais interessante estar junto com a ciência ou então ela ser (risos), será que a Educação Física por si só precisa estar junto com alguma área.

Em um contexto em que meus questionamentos trouxeram a narração da professora sobre suas práticas em EF, considerando estar inserida na Área de Linguagens e, ainda, avaliando a realidade da Escola Militar, a fala trouxe uma experiência de desafios a serem enfrentados quanto à nova realidade, pois, para a P.M.1 o que mais aprendeu foi a construção de apostilas, além de ter aprendido a fazer provas, tendo em vista que a Escola Militar exige provas que valem notas em todas as disciplinas, inclusive em EF.

> P.M.1 – Então eu acho que é uma das coisas que eu aprendi muito foi ter que fazer apostila, (risos) eu nunca tinha feito apostila e aprender a fazer provas, porque a Escola Militar tem prova e vale nota, eu era acostumada a fazer avaliação dos meus alunos na prática. Então para mim foi um aprendizado e na análise da educação física na minha formação, hoje eu penso, será que foi uma formação que atende as demandas de hoje, nessa parte de

> formatação de prova e de formatação de apostila, mas para mim foi um desafio muito grande, sabe eu dei conta, graças a Deus [...].

Sobre as particularidades da EF inserida na Área de Linguagens e, especificamente, quanto as características presentes na Escola Militar, percebo que a referida instituição exige tanto dos alunos quanto dos professores e, neste momento de pandemia, pois os professores estão se tornando “craques” na elaboração de apostilas e no trabalho com as teorias. Porém, na percepção da P.M.1 o importante na EF é trabalhar a prática e, por isso, não considera que se enquadre na Área de Linguagens.

A partir das análises das falas da P.M.1, preciso mencionar que muito embora a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens esteja no contexto de documentos oficiais da educação no ensino fundamental e médio, ainda não é um assunto com discussões acadêmicas amplas (LADEIRA et al., 2013), sendo por vezes analisado de forma superficial ou simplista, sem trazer especialmente o entendimento desse assunto segundo os professores, suas vivências e percepção sobre a EF enquanto linguagem corporal, cultural e social. Desse modo, pondero que existe a necessidade de maiores discussões sobre a EF enquanto pertencente à Área de Linguagens, de forma que professores e alunos compreendam como a EF se diferencia nas linguagens.

Ao levantar sobre suas práticas a P.M.1 narrou que:

> P.M.1 – Eu mando para eles, porque lá no sistema a plataforma disponibiliza para eles a nossa apostila, lá eu coloco os *links* para completar os nossos conteúdos, coloco também muitos vídeos eu estou usando muitos vídeos, principalmente, porque eu acho que prende mais a criança porque como a nossa aula é muito prática então assim para mim ficar dando muita teoria, a gente tem que estar reinventando muitas coisas, eu usei jogos pedagógicos na plataforma nós fizemos do campeonato de xadrez na plataforma também usamos jogos eletrônicos, então assim, com a corrida de rua eu tentei mandar alguns treinamentos e planilhas para alguns que pediram, porque no primeiro momento eu ia mandar planilha para todos os nossos alunos, só que aí eu cheguei a uma conclusão, que depois se acontecesse alguma coisa para um aluno que não segue a planilha, então eu deixei mais para quem quisesse pegar. A gente faz jogos da velha esses “campeonatinhos” eu sempre faço, de verdadeiro ou falso, usando também esses jogos eletrônicos aí é só. Às vezes eu penso assim, que os *slides* também é uma ferramenta que eu poderia usar, mas eu não consigo usar, então eu tenho as limitações também. É assim, às vezes eu até aprendo e na outra semana eu já esqueci, como é que usa, então é nesse sentido.

P.M.1, em sua literalidade, fala sobre o uso das tecnologias para o desenvolvimento de suas aulas práticas, mas demonstra insatisfação com o fato de a EF estar sendo trabalhada de forma teórica, pois em sua percepção, as crianças

acabam não aprendendo o que poderiam, porque na Área de Linguagens a EF fica reduzida e limitada, e que os professores acabam tendo que buscar outras formas de ensinar. Porém, são práticas pedagógicas que não alcançam a extensão da aprendizagem pretendida.

Destaco que a construção de conhecimentos na EF não se alicerça unicamente nas questões práticas relacionadas à cultura corporal de movimento, mas envolve o campo de aprendizagem da leitura, escrita, interpretações, e na construção da gestualidade, de forma a possibilitar o desenvolvimento de competências e habilidades, pertinentes à referida área.

No momento em que levantei se a P.M.1 trabalha em suas práticas pedagógicas a interdisciplinaridade, considerando a EF como componente curricular da Área de Linguagens, a professora citou que nas aulas de xadrez trabalhou junto ao professor de Matemática; nas Olimpíadas trabalhou com o professor de História com temas relacionados à Grécia, apresentando o Coliseu e outros pontos históricos. Ainda nas Olimpíadas foram trabalhados temas sobre os atletas olímpicos e paraolímpicos. É interessante que nas Olimpíadas ou campeonatos promovidos no âmbito da cidade, região ou Estado, a Escola Militar disponibiliza e incentiva a participação dos alunos, fato este que os motiva a ter outras experienciações, que somente dentro dos muros escolares não seriam vivenciadas. Argumentos que nos trouxe ainda sobre suas práticas:

> P.M.1 – Ah! Outra coisa que eu faço com os meus alunos são lives com atletas olímpicos e paraolímpicos, eu estou num grupo de professores de Educação Física no momento que eu trabalhei as Olimpíadas nós assistimos lives de vários atletas e, também, como eu entrei na paraolimpíada, até hoje a gente participa, quando dá certo os horários para as turmas a Escola Militar disponibiliza os alunos para estar participando.

Pude verificar que a professora nos trouxe a amplitude que pode existir nas práticas pedagógicas no cotidiano escolar, nos demonstrando dentre outros aspectos, a diversidade de atividades em suas práticas pedagógicas e a participação da própria Escola Militar em disponibilizar os alunos para participar de campeonatos.

Ao levantar o que seria necessário para que a EF se torne mais efetiva na Área de Linguagens, a professora acrescenta:

> P.M.1 – Na realidade eu acho que ela não deveria estar na área de linguagens (risos). Então parece que uma coisa está na contramão para mim (risos), mas, às vezes se fazer mais ouvir, sei lá, se ter a importância necessária, porque às vezes dentro da linguagem eles não acham que é tão importante a

> educação física, entendeu. Às vezes a valorização das outras disciplinas, não sei, assim eu penso.

Observei que em todos os momentos, as falas da P.M.1 trouxeram a sua percepção de que a EF não se enquadra com a Área de Linguagens e, que não deveria fazer parte dela, pois acaba limitando as atividades dos professores. Um outro importante fato narrado foi que nas reuniões de área, a EF fica distanciada dos demais componentes curriculares, não tendo a mesma importância que a Língua Portuguesa ou Língua Inglesa, citou ainda que parece que a EF fica desarticulada nessa área e no peso de importância dos componentes curriculares que formam a Área de Linguagens, e torna-se menor, ao citar que:

> P.M.1 – a Educação Física fica lá embaixo e a de português fica lá em cima, e aí o seu conceito é muito bom para aquele aluno, tipo assim eles acham que educação física o aluno vai lá para brincar, então eu sinto isso daí. [...]. Eu luto pelos meus alunos, eu sou “mãezona” mesmo assim, então eu não aceito e tento dentro do segmento me valorizar enquanto profissional.

Com essa última ponderação, a P.M.1 nos traz que a EF deve ser valorizada e não menosprezada e, também, reiterou em suas expressões e falas que não compreende o verdadeiro motivo para a EF estar na Área de Linguagens e, que espera compreender, mas acha difícil, inclusive pela desvalorização da disciplina frente aos demais componentes da referida área.

Ao término da narração, a P.M.1 colocou que esperava ter colaborado com suas falas, muito embora, ela acredita que essa seja uma discussão muito complexa e, que dificilmente pode ser compreendida em sua amplitude, ainda mais, quando os professores de EF sofrem no cotidiano de suas práticas limitações devido à falta de valorização do componente curricular e do trabalho de práticas pedagógicas.

Na continuidade de nossos resultados e análises e, como segundo participante da Escola Estadual Tiradentes Major PM Ernestino Veríssimo da Silva, trouxemos o P.M.2, que é do sexo masculino, tem 32 anos, formado em Licenciatura em Educação Física pela União de Escolas Superior Sobral Pinto (UESP) em 2010 e, pós-graduado em Educação Física Escolar pela UNIC em 2015. Desde 2011 atua como professor de EF, e desde 2015 como funcionário público do Estado de Mato Grosso e, mais recentemente, em 2021, passou a atuar no município.

Sobre sua atividade enquanto professor, o P.M.2 narrou que atua como professor de EF há uma década e se encontra como professor na Escola Militar desde 2019, ou seja, quando a referida unidade escolar começou a fazer parte da história da

educação de Rondonópolis, pontuando que a instituição é nova no Município e vem na construção de um traço histórico de excelência na educação.

Solicitei que falasse sobre qual a política educativa que atua e ele trouxe as seguintes considerações:

> P.M.2 – A política educativa que a escola militar segue, ela é uma parceria da SEDUC com a Polícia Militar (PM) que é o departamento que é a instituição que rege a educação no estilo militar então nós seguimos conforme os professores das outras escolas também, a diferença está no Regimento Interno a questão da disciplina é muito mais cobrada. E, falando da Educação Física, eu gosto bastante do modelo da Escola Militar porque eu como professor tenho autonomia da unidade e também tenho o respaldo da gestão para organizar os eventos, tudo aquilo que está pertinente a área da Educação Física.

Pontuo aqui que, assim como a P.M.1, o P.M.2 trouxe que uma das principais características da Escola Militar é a disciplina, sendo mais exigida também na EF. Narrou que o professor tem respaldo e autonomia para trabalhar a EF na referida escola, o que valoriza e motiva o professor em sua atuação.

Em relação à disciplina, trago neste estudo o entendimento de Galavitz et al. (2011), de que nas escolas militares esse processo de disciplina exigida gera facilidades aos professores para repassar os objetos de conhecimentos, ao mesmo tempo em que os estudantes possuem uma formação acrítica e pautada no medo, respeito e hierarquização. Acreditamos que esse estudante “acrítico” acaba por perpetuar-se como um cidadão “acrítico”, sem a capacidade de transformação de sua realidade e o ambiente em que se encontra inserido, voltando-se para uma formação que privilegia a meritocracia e, no caso da EF, a força e o potencial competitivo.

Marcamos aqui, que apostamos em uma educação crítica, transformadora e libertadora. A disciplina nas escolas com política educativa militar nas vozes dos professores pesquisados, se apresentou latente.

Pontuo ainda o entendimento de Santos e Fuzzi (2019), que se no princípio a EF era utilizada como mecanismo de formação física, em que os jovens eram preparados para os serviços duros e militares e com o propósito de desenvolver atividades laborais, de modo incansável, nas fábricas. A partir da Revolução Industrial, com o perpassar do tempo, com a transformação da sociedade e com a saída daquele processo mecanicista, a história entra em um novo período, em que a consciência corporal e social trouxe outra compreensão sobre a EF e, especialmente, sobre o seu potencial de expressão, comunicação e linguagem.

Compreendo que a disciplina é essencial para o bom andamento das práticas pedagógicas dos professores. Mas, questionamos se a disciplina que tem por objeto tolher a liberdade e se curvar a um processo de hierarquização no contexto escolar, pode ser efetivamente positiva para alunos e, inclusive, para os professores.

É interessante trazer que o P.M.2 pontua que o regimento interno não influencia diretamente nas práticas pedagógicas, relatando ainda que os alunos são disciplinados, o que aponta para o entendimento de que esse regimento é direcionado para o controle e disciplina do estudante, evocando o entendimento de construção acrítica citado por Galavitz et al. (2011), na política militar de educação.

Busquei a percepção do P.M.2 em relação ao fato de que os documentos BNCC e DRCs trazem a EF como componente curricular da Área de Linguagens. Ele nos trouxe a seguinte fala:

> P.M.2 – Olha, de início a gente fica um pouco meio assim, sem saber o porquê este componente curricular faz parte da Área de Linguagens, mas a partir do momento que você vai trabalhando eu percebi que a Educação Física, ela pode ser trabalhada de forma interdisciplinar não somente com os professores da área da linguagem, mas até mesmo de forma... como que eu posso te dizer, interdisciplinar é de uma forma na qual possa abranger as outras áreas também e a Educação Física ela é baseada no movimento e, também, na cultura corporal do movimento, porém nós podemos auxiliar os demais professores, como, por exemplo, em uma produção de texto, porque educação física te permite trabalhar com alguns conteúdos que são paralelos àquilo que a gente faz na prática, então nós podemos contribuir, por exemplo, com o professor de Artes, professor de Língua Portuguesa e também fazer um trabalho junto com professor de Língua Inglesa também.

Quando o P.M.2 nos falou sobre o seu entendimento acerca da EF na Área de Linguagens, abordou o mesmo movimento de concepção dos demais professores participantes deste estudo, que consideram que a parte teórica da EF é que a torna parte desta área de conhecimento. Traz a grandiosidade da EF no momento em que pode ser trabalhada de forma interdisciplinar com professores de outras áreas. Considerou que os conteúdos trabalhados pela EF podem gerar elementos para o trabalho com os demais professores da Área de Linguagens, como o professor de Artes, Língua Portuguesa e Língua Inglesa, citando que esse trabalho em conjunto com a área ocorre devido ao contexto do conteúdo teórico que pode existir na EF.

Ao pensar a EF enquanto linguagem e sua amplitude entramos no entendimento de Hall (1997) de que a linguagem é uma prática política e cultural, que tem como princípio a capacidade de atuar no campo da produção e negociação de significados, viabilizadores da comunicação e da construção de um mundo social em

que o homem possa desbravar, construir e vivenciar as culturas. Contudo, ao solicitar ao pesquisado para que apresentasse sua fala acerca do fato de a EF estar inserida na Área de Linguagens e sua compreensão sobre avanços e retrocessos, o P.M.2 trouxe uma nova visão em relação a sua colega P.M.I e também a P.I.2, que avaliaram que a inserção da EF na Área de Linguagens gerou retrocessos.

Para P.M.2, a Área de Linguagens tem importantes componentes como a Língua Portuguesa, que está presente durante toda a vida das pessoas, seja enquanto aluno ou enquanto professor, desse modo, quando se coloca a EF nesse contexto, percebe-se também a sua evolução e avanços, pois ela também é importante por toda a vida. Porém, mesmo percebendo os avanços da EF nessa área de conhecimento, atenta para o fato de que:

> P.M.2 – A educação física eu vejo que ela tem um valor maior a partir do momento que ela foi inserida junto na área de linguagens, não é mais aquela coisa assim, ah! O educador físico está separado dos demais. Até nos encontros, nas reuniões pedagógicas nós estamos inseridos junto com os demais da Área de Linguagens. Então isso é um ganho, no meu ponto de vista.

Ao analisar o que pontuou o P.M.2, observei que ele reconhece que mesmo a EF estando em uma importante área de conhecimento, como é o caso da Área de Linguagens, ainda se encontra isolada, por isso, considera um avanço a participação da EF na área. Todavia, há necessidade de trabalhar muito o equilíbrio entre todos os componentes, evitando que possam existir alguns, que sejam considerados mais ou menos relevantes para a formação dos estudantes.

Nesse contexto, trago o entendimento de Costa e Almeida (2018) de que a EF precisa ser olhada de forma mais ampla, para que possa ser compreendida em toda a sua relevância. Ao discorrer sobre o que representa a EF na Área de Linguagens, o P.M.2 citou que tem grande importância, porque gera maior valor quando deixa de ser uma simples disciplina isolada e ganha *status* de componente curricular de uma área tão importante como a de Linguagens, inclusive cita que essa inserção pode desmistificar a concepção de que a EF seja somente:

> P.M.2 – [...] correr atrás de bola e a gente sabe que não é isso. E quando você está inserido no contexto com outras disciplinas, eu vejo que é um valor muito grande então meu ponto de vista a disciplina ela só tende a ganhar estando inserida na Área de Linguagens.

Vemos a EF enquanto componente curricular da Área da Linguagens obrigatório na Educação Básica, precisa trabalhar, como bem apontam Darido e

Rangel (2014) a cultura corporal, que envolve não apenas a realização de exercícios físicos, como também, a prática de esportes, danças, lutas e jogos, ou seja, trabalhar amplamente o desenvolvimento do corpo. Todavia, para Machado e Machado (2013) a cultura esportiva disseminada no campo escolar, tornou a EF limitada em sua prática, pois, tanto estudantes quanto professores acabam tendo dificuldades para desenvolver outros conteúdos da cultura corporal que não esteja ligada intimamente com a cultura esportiva.

Nesse momento das palavras o professor reitera o seu posicionamento de que:

> P.M.2 – Com certeza, com certeza eu vejo que sim, é um avanço para a educação física.

Ao trazer as práticas pedagógicas da EF considerando ser um componente curricular da Área de Linguagens e a estrutura da Escola Militar, o P.M.2 nos falou que na referida instituição as práticas são sempre trabalhadas a partir da interdisciplinaridade, de forma que seja possível agregar conhecimento junto aos professores de outras áreas. E continuou:

> P.M.2 – Então tem alguns projetos que nós desenvolvemos com os quais nós inserimos os demais professores da área também, eu enquanto professor eu nunca desenvolvo um projeto dentro da escola sozinho, sempre é de forma interdisciplinar e as atividades de educação física, eu procuro sempre trazer coisas novas para os alunos, coisas que agregam não somente na cultura corporal do movimento, propriamente dita, mas que agregam nas outras disciplinas, como, por exemplo, agora nós estamos fazendo um campeonato de xadrez, o xadrez é uma prática esportiva no qual nós sabemos que trabalha bastante a nossa memória, trabalha a questão de concentração, trabalha a questão do planejamento estratégico. E isso auxilia não somente nas outras disciplinas de linguagem mais as disciplinas como um todo, porque a partir do momento que você trabalha essa prática esportiva não voltada somente para educação física você vai ter um melhor desempenho nas disciplinas quando você for exigir.

Assim como a P.M.1, o P.M.2 nos trouxe falas relacionando a importância dos campeonatos de xadrez desenvolvidos pelos professores de EF na Escola Militar, desenvolvendo dentre outras habilidades dos alunos a memória, concentração e o planejamento estratégico, que são essenciais para a formação dos estudantes. Pontuou ainda, que essa prática esportiva que não se volta unicamente para a antiga concepção de movimento do corpo da EF é mais abrangente para trabalhar com a interdisciplinaridade, inclusive, na Área de Linguagens.

Ao buscar saber qual a percepção do P.M.2 sobre as práticas pedagógicas da EF inserida na Área de Linguagens considerando a política educativa da Escola Militar, sua análise crítica traz que:

> P.M.2 – Logicamente nada é tão bom que não possa melhorar, sempre eu vejo que tem algumas coisas que possam ser ajustadas que possam ser melhoradas e no meu ponto de vista toda prática pedagógica ela tem que ser vista e revista no coletivo [...].

Com sua concepção, esse professor participante do estudo, me remeteu ao entendimento de que suas práticas enquanto componente curricular já não se limitam a EF sozinha, mas precisa trabalhar o grupo que forma o corpo docente da Área de Linguagens, ou seja, junto aos professores de Artes, Língua Portuguesa e Língua Inglesa, além dos demais professores de outras áreas.

Ao trazer a minha percepção em relação às palavras do P.M.2, pontuo que muito embora a EF tenha ganhado espaço por estar inserida na Área de Linguagens, existe um longo caminho que os professores precisam vencer para legitimar essa inserção, inclusive na valorização pelos demais professores da mesma área de conhecimento para com a EF. Nessa mesma perspectiva, as atividades que trabalham a interdisciplinaridade poderão gerar elementos favoráveis para a EF.

Para o P.M.2, as práticas pedagógicas da EF não são diferentes na Escola Militar das outras políticas educativas. Porém, a conduta que a diferencia é a direta, e há uma importante participação dos militares, seja na organização ou no controle da disciplina dos alunos, o que facilita aos professores a organização das aulas, pois não ocorrem problemas com indisciplina dos alunos. Citou ainda que:

> P.M.2 – [...] Eu vejo que na escola militar nós temos uma conduta diferente que influencia na escola como um todo, que é a questão de nós termos a participação dos militares na questão da organização e na ajuda no controle da disciplina dos alunos então na educação física eu consigo assim falando para você eu consigo por exemplo organizar as minhas aulas de uma forma na qual eu não tenho problema com aluno por exemplo aluno no celular durante a aula, aluno que não quer fazer prática só quer ficar sentado na quadra nisso aí eu não tenho problema [...].

Analiso que as palavras do P.M.2 traduzem a rigidez da Escola Militar com relação à disciplina. Essa forma de trabalhar a política educativa acaba por influenciar a possibilidade do professor de EF desenvolver suas práticas pedagógicas. O pesquisado trouxe à tona o fato de que os alunos não são autorizados a usar o celular durante as aulas, mas vale destacar que o uso de aparelhos celulares, em determinados momentos, pode vir a ser uma favorável ferramenta nos processos de

ensino e de aprendizagem, tendo em vista, o que se pretende alcançar em relação aos objetivos pedagógicos pretendidos.

Quando nos falou sobre a atuação pedagógica a partir da interdisciplinaridade, o P.M.2 narrou que a Escola Militar possibilita a execução de projetos com a participação de todos os professores, seja da mesma área ou em áreas diferentes, o que facilita o desenvolvimento de atividades e, ainda, a execução de projetos como de campeonatos, jogos, e demais atividades em que os professores de Artes, Língua Portuguesa e Língua Inglesa contribuem com a EF.

Ao solicitar que o P.M.2 trouxesse suas falas em relação à sua percepção da inserção da EF na Área de Linguagens, ele acrescentou:

> P.M.2 – Assim, no meu ponto de vista é como eu falei anteriormente, eu vejo que a disciplina de Educação Física ela passa a ter uma outra visão até mesmo dentro da escola quando você está inserido em uma área específica, diferente se nós fossemos igual a Matemática por exemplo a Matemática ela é sozinha então o professor ele tá sozinho, ele pode até trabalhar de forma interdisciplinar com os demais, mas até mesmo nos processos de avaliação quando você se reúne em áreas o professor de Matemática ele acaba ficando sozinho e a Educação Física ela tem essa oportunidade de trocar experiências com os demais profissionais da área de linguagem então no meu ponto de vista muda nessa perspectiva.

Ao analisar as falas apresentadas pelo P.M.2, percebi que o mesmo avalia como positiva a inserção da EF na Área de Linguagens, inclusive citou que o fato de a Matemática estar sozinha dificulta o trabalho dos professores desta área, por isso, acredita que se a EF estivesse na mesma forma de organização, também não teria o mesmo apoio dos demais professores da Área de Linguagens. Desse modo, trouxe os benefícios dessa inserção, que vieram como facilitadores para as práticas pedagógicas dos professores de EF.

Observamos que nas últimas considerações do P.M.2, este trouxe que a EF poderia ser mais efetiva na Área de Linguagens se os demais professores da mesma área trabalhassem juntos com o componente curricular, porém, mencionou que esse não é um problema vivenciado na Escola Militar, pois existe parceria dos professores da mesma área e, inclusive, de professores de outras áreas de conhecimento.

> P.M.2 – No meu ponto de vista à Educação Física para ser mais efetiva na Área de Linguagens de uma forma geral, porque na escola nós não temos tanto esse problema é a parceria dos demais professores em questão de sugestões de como que a gente vai trabalhar de forma interdisciplinar.

Nos trouxe, ainda, que infelizmente, muitos professores de outras disciplinas ainda têm a equivocada visão de que a EF é somente esporte. Todavia, atualmente,

os professores de EF trabalham diferentes abordagens, abrangendo-a em um contexto mais amplo, trazendo a EF de forma mais efetiva para a Área de Linguagens e aprimorando o valor educativo deste componente curricular.

Em suas últimas ponderações, o P.M.2 citou a imprescindibilidade dos professores de EF buscarem a formação continuada evitando parar na graduação, pois considera essa etapa superficial, sendo importante os caminhos de pós-graduação, mestrado e doutorado, inclusive citando as formações específicas da EF realizadas em Cuiabá-MT:

> P.M.2 – Eu vejo que na graduação é muito superficial então eu vejo mais voltada para uma formação continuada como há algum tempo atrás nós tivemos uma formação específica para a Educação Física no qual nós participamos em Cuiabá você teve junto também em Cuiabá, ali nós tivemos uma formação específica para educação física mas nós levamos uma perspectiva para escola na qual talvez os próprios docentes das outras áreas não tinham essa essa perspectiva, nós levamos informações nas quais apresentamos para a escola de uma forma que os profissionais olhassem diferente para Educação Física, então eu vejo que tem que ser uma formação continuada [...].

Nesse ínterim, ao falar a respeito da formação continuada, o P.M.2 traz em sua concepção o que trata Pimenta (2018), quando este explica na obra “Saberes pedagógicos e atividade docente”, da importância que existe quanto a necessidade de inovação e renovação na prática pedagógica a partir das vivências cotidianas dos professores e professoras e, também, a partir da formação continuada, como instrumento de aprimoramento do professor.

Assim, depois de apresentadas e analisadas todas as narrações dos professores e professoras pesquisados, trago algumas considerações acerca das principais perspectivas observadas, ou seja, minhas percepções sobre as falas dos participantes do estudo. Nesse sentido, o primeiro ponto que me chama a atenção em relação às falas dos professores e professoras é o fato de que, a maioria não trouxe uma percepção clara sobre a política educativa a qual está inserido.

Quando questionei sobre a política educativa que cada professor atuava, me chamou a atenção a superficialidade em algumas falas, não trazendo em nenhum momento os elementos que condizem com a referida política e, ainda, que estão expressos nos PPPs, inclusive a maioria não trouxe as particularidades da política educativa em que estão inseridos, nem sobre a influência da mesma no desenvolvimento de suas práticas pedagógica.

Desde o início da pesquisa, uma das premissas foi trazer a fala dos professores e professoras de EF considerando as quatro políticas educativas presentes em Rondonópolis-MT. A importância dessa observação ficou ainda mais clara, quando por ocasião da participação dos pesquisados, percebi uma lacuna em suas falas quanto aos aspectos que envolvem a política educativa na qual cada um se encontra inserido. Desse modo, evocou minha atenção acerca da necessidade de trazer a compreensão sobre cada uma das políticas educativas, presentes no estudo.

Nesse sentido, trago o entendimento de Rocha (2010) de que a Escola Urbana se fundamenta em uma política organizada e padronizada por faixa etária a partir das fases de desenvolvimento humano, que oferece um mínimo de conteúdo educativo com abrangência em todo o Território Federativo.

Ainda sobre a política educativa da pesquisa, trouxe as falas de dois professores que atuam na Escola do Campo, ou, como abordado durante esta pesquisa, a Escola do Campo, política que segundo Machado (2017) traz como característica de seu traço histórico, uma proposta pedagógica, que valoriza a cultura e a luta de trabalhadores e trabalhadoras do campo. Por essa ótica, o P.C.2 trouxe a cultura do campo, ao relacionar questões que permeiam suas práticas trazendo as festas tradicionais, como, por exemplo, os rodeios.

Para Daolio (2020, p. 33) a “cultura é o principal conceito para a Educação Física”, pois o movimento do corpo humano tem caráter social e cultural, aspectos que fazem da EF um importante componente curricular da Área de Linguagens, com a capacidade de permitir a construção de conhecimento sob o enfoque da realidade cultural e social.

Na concepção de Bakhtin (2014), a linguagem se encontra imersa no âmbito social, sendo a construção do sujeito acerca de um processo de interação e dialogicidade, que estabelece uma relação de dependência entre a linguagem e o sujeito. Nesse entendimento, o valor da palavra e da própria linguagem se fundamenta em suas aplicações diante de um contexto.

Explano aqui meu entendimento, de que as escolas urbanas ou do campo possuem a mesma organização curricular, o que as diferencia são as realidades

geopolíticas[11] e os PPPs, os quais trazem as suas especificidades, de acordo com a comunidade, estrutura física das escolas, e as particularidades culturais e sociais.

A terceira política educativa que apresentei foi a Escola de Tempo Integral, que na concepção do P.I.2 vem a ser uma política, na qual a principal característica está relacionada com o maior tempo de permanência dos alunos na escola, o que possibilita mais tempo para a execução de atividades escolares, inclusive na EF. No entanto, considero que esta política possui mais características do que somente o maior tempo de permanência dos alunos no ambiente escolar. Tem como principal objetivo oferecer melhores condições de educação aos estudantes, proporcionando o desenvolvimento de seus Projetos de Vida, a partir de uma organização curricular desenvolvida para atender esta perspectiva de educação em tempo integral e formação integral. Para isso, essa política educativa tem em sua organização curricular alguns princípios norteadores: os quatro pilares[12]; pedagogia da presença; educação interdimensional[13] e protagonismo.

Além do fato de que o currículo possui uma base diversificada, ou seja, com outros componentes curriculares, que auxiliam os componentes da base comum curricular, que ampliam os processos de ensino e de aprendizagem para a formação dos estudantes, também são gerados novos conhecimentos no intuito de que eles possam se tornar cidadãos autônomos, solidários e competentes. Em relação a referida política educativa na EF do Ensino Fundamental, dentre os componentes que estruturam a parte diversificada do currículo, trago o componente práticas esportivas, que amplia as possibilidades de promover a prática de diversos esportes, no intuito de permitir a construção de conhecimentos em relação à saúde, lazer e competições.

Nesse sentido, os professores e professoras de EF passam a ter melhores possibilidades de trabalharem a EF com diferentes linguagens, tais como as práticas esportivas, com foco no esporte iniciação e na competição.

---

[11] De acordo com Folmer et al. (2021, p. 5): “[...] Pensar a Geopolítica é considerar, de forma dialógica, as relações geográficas entre fatos e fenômenos espaciais em diferentes escalas de organização e planejamento de políticas públicas e ações governamentais com impactos locais, regionais, nacionais e internacionais dos diversos países.”

[12] Os quatro pilares segundo Delors (1998, p. 90) são: “[...]. aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes.. [...]”.

[13] Contemplamos o entendimento de Horta (2014, p. 32): “[...] A educação interdimensional é uma proposta pedagógica que objetiva a formação plena do humano, por isso, sua visão formativa pretende transcender a dimensão racional, inserindo no contexto escolar a preocupação com o desenvolvimento das dimensões afetivas, corporais e transpessoais. [...]”.

Pontuo a importância em trazer as concepções de Fank e Hutner (2013), de que a Escola de Tempo Integral é uma política educativa que oferece uma educação crítica; libertadora, pautada no protagonismo, que permite a construção crítica e reflexiva nos processos de ensino e de aprendizagem na intenção de atender as perspectivas da sociedade no século XXI.

Assim, considero relevante apontar que o currículo da Escola de Tempo Integral, que no Estado de Mato Grosso são denominadas Escolas Plenas, ampliam a política tradicional de ensino buscando novas formas de fazer a educação a partir da problematização de questões culturais, sociais e políticas.

Já com relação à Escola Militar um ponto que me chamou a atenção foi que ambos os professores pesquisados, trouxeram como principal característica da Escola Militar a disciplina, que permite ao professor desenvolver suas práticas pedagógicas sem ter a preocupação em fazer intervenções quanto ao domínio dos alunos.

Na minha percepção a Escola Militar atua dentro do mesmo contexto do Regime Militar, com disciplina, hierarquização, meritocracia e cumprimento de normas e regras específicas do contexto estrutural com organização de comando vertical, enfatizadas por Gonçalves e Baladeli (2018), os quais pontuam que o cumprimento de regras rígidas é um dos principais aspectos presentes nas Escolas Militares em todo o Brasil.

Por essas assertivas, compreendo que essa disciplina no contexto educacional tem potencial cerceador, ou seja, restringe os corpos, as falas, as expressões, não permitindo, muitas vezes, a criticidade dos estudantes. Um estudante acrítico, não é ativo na produção de cultura, mas está fadado a ser um sujeito que "sofreria cultura", de forma passiva sob a rigidez da disciplina preconizada na referida política educativa. E por ser assim, ouso trazer as palavras de Rubem Alves (2012, p. 29): "Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas".

A construção de um ser passivo não vem ao encontro da concepção de Hall (1997), o qual coloca que por meio da linguagem, que vem a ser uma prática política e cultural, possibilita a comunicação e a construção de mundo social em que os seres humanos são ativos na construção da cultura.

A partir da pesquisa, compreendi que a EF desenvolvida pela P.M.1, na política educativa de Escola Militar possui enfoque esportivista e competitivo, que prioriza a construção de um corpo para competição, o que limita o papel da EF. Acredito como professor que importa desbravarmos e considerarmos novos caminhos

para as práticas pedagógicas com propósitos formativos, que vão além dos exercícios físicos, repetições de movimentos técnicos e sistematizados, que evocam e elucidam elementos da aptidão física somente. Pondero que essa EF militarizada, disciplinada, que restringe as possibilidades de produção de cultura não é condizente, como explicam Neira e Nunes (2006) a uma EF capaz de se alicerçar em uma prática social, que deve ocorrer dentro e fora dos muros escolares.

Outro fato que considero importante para trazer nesse repertório analítico e elucidativo é de que, muito embora metade dos pesquisados do estudo pontuaram como avanços a EF ser um componente curricular da Área de Linguagens, quando realizadas as contextualizações no tocante a essa temática, demonstraram uma lacuna de conhecimento acerca do que vem a ser a linguagem que permeia a EF, bem como, os motivos que levaram a presença da EF nesta área.

A maioria dos pesquisados trouxeram em suas palavras que não compreendem a EF enquanto componente curricular na Área de Linguagens, mas, volta-se para as áreas das Ciências da Natureza, enquanto corpo biológico que envolve os conhecimentos específicos da área. Já no sentido das Ciências Humanas, as falas trouxeram a aproximação com as questões que envolvem traços históricos dos esportes, jogos, danças e práticas culturais.

Ao contextualizar sobre a EF na Área de Linguagens percebi a dificuldade da maioria dos professores e professoras em compreender a amplitude deste componente curricular, por não ter uma concepção clara sobre o que é linguagem e como a EF se insere nessa área de conhecimento.

Quando trazia sobre linguagem e EF nessa área de conhecimento, os professores e professoras se demonstravam surpresos, por não compreenderem o que é linguagem e como a EF faz parte da Área de Linguagens. Analisei que os participantes do estudo percebem a linguagem como a Língua Portuguesa e Língua Inglesa, trazendo a leitura, interpretação e produção de textos numa perspectiva de aulas teóricas e a EF como linguagem corporal, por meio do movimento do corpo foi sensivelmente negligenciada. Foi enfatizado pelos professores e professoras os aspectos relacionados a linguagem apenas quando as aulas não acontecem na quadra ou espaços destinados para a realização de atividades práticas.

Essas percepções nos traz o entendimento de que os professores e professoras desenvolvem suas práticas na EF em uma ótica estruturalista, que evoca uma abordagem Saussuriana, ou seja, a linguagem tem relação com a língua, como

explicita Gomes (2012), citando a tríade de Saussure linguagem/língua/fala. Em minha concepção a linguagem/língua/fala são indissociáveis, assim como nas aulas da EF não existe somente a linguagem corporal. Contudo, destaco que à EF, a linguagem corporal é uma das mais relevantes formas de expressão, que gera a comunicação, tais como em um simples piscar de olhos, ou até mesmo no som da respiração, pois essas são evidências de linguagens e comunicação, que se apresentam na disciplina.

A nossa concepção coaduna com Nunes (2017), quando traz que a linguagem na EF ocorre no processo comunicativo, presente em todas as formas de ser, agir, nos gestos, nas vestimentas, no cabelo e em todas as expressões enquanto componentes da linguagem e configurações de comunicação. Dentre as formas, potencializamos ainda o discurso.

Trago aqui o entendimento de que a linguagem pode ser ressignificada pelo discurso e, como ressalta Foucault (2013), por sua forma estratégica e política de transformação social e de construção de mundo. Também traz Foucault (2020), que o discurso é um elemento potencializador da produção de conhecimento a partir da linguagem.

Ao considerar o entendimento sobre a linguagem, é preciso atentarmos para o fato de que a inserção da EF na Área de Linguagens não é um ato simples, mas sim, que vem carregado de complexidade, movimento e ressignificação da linguagem corporal, que passa a ter conhecimento e gerar comunicação a partir de gestos, signos e significados presentes na área. Desse modo, não podemos ter uma visão reducionista em relação ao fato de a EF ser um componente curricular da Área de Linguagens, mas, cabe uma reflexão sobre a quebra de paradigmas da EF (FONSECA et al., 2017), ou seja, esse componente curricular deixa de ter uma concepção engessada numa perspectiva de disciplina corporal.

Apesar dos professores e professoras trazerem narrações a partir de suas práticas no viés da interdisciplinaridade, identifiquei a existência de superficialidade no entendimento sobre o que vem a ser interdisciplinaridade e seu potencial no universo escolar e, especificamente, considerando a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens.

No momento em que os professores e professoras defenderam que a EF estaria melhor enquadrada como componente curricular na Área de Ciências da Natureza, essas afirmações me provocaram a reflexão sobre o desenvolvimento de suas práticas pedagógicas e, ao problematizar tais afirmações não foi possível

identificar elementos, que defendesse o conhecimento dos pesquisados e as suas práticas pedagógicas nessa área, bem como elementos que elucidassem as possíveis práticas interdisciplinares. Uma concepção interdisciplinar requisita do professor conhecimento dos saberes e suas interfaces para que transite na mediação e intencionalidade da construção do conhecimento junto com seus alunos.

Por essa proposição trago Silva (2019), que nos remete ao entendimento de que a interdisciplinaridade trabalha de forma horizontal a inter-relação entre todas as disciplinas, permitindo o desenvolvimento dos estudantes de forma completa, não priorizando uma ou outra disciplina como a melhor ou mais importante. Nesse sentido, quando a escola trabalha a interdisciplinaridade, abre caminho para que os professores possam dialogar entre si, pesquisar sobre todos os conteúdos curriculares, não se atendo unicamente à sua especialidade ou ciência, mas fazendo uma inter-relação com os conhecimentos e contribuindo para que possa existir uma aprendizagem significativa.

Uma prática interdisciplinar gera um trabalho com diferentes ciências e conhecimentos, promovendo um ambiente favorável e capaz de possibilitar o aprofundamento dos saberes pesquisados, analisados e praticados. Assim, concebo que esse ambiente escolar deve estar alicerçado no diálogo entre os professores, em articulação das diferentes áreas de conhecimentos, de modo que possa ocorrer o planejamento pedagógico das práticas possíveis de interdisciplinaridade.

Sobre onde a linguagem é mais condizente com a EF, segundo as políticas educativas, percebi que para esse questionamento não existe um denominador comum, tendo em vista que professores e professoras de uma mesma política possuem narrações dessemelhantes, o que nos leva a considerar que mesmo as instituições tendo a sua própria organização e particularidades de acordo com as políticas educativas, não existe simetria conceitual entre os pesquisados, prevalecendo os conhecimentos construídos durante as suas formações e, consolidados no universo escolar a partir de subjetividades interpretativas, que distanciam do conhecimento epistemológico. Percebo que, nós professores, falamos de linguagem, mas, não estudamos a linguagem na EF.

Embora as temáticas da linguagem e da EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, venham sendo discutidas no campo acadêmico e nos documentos referenciais, é uma discussão distante dos professores e professoras de Rondonópolis-MT. Esse aspecto pode estar associado à formação continuada que

não contempla a EF na Área de Linguagens, temática discutida no presente estudo, que tem como título “Educação Física na Área de Linguagens: a Percepção de Professores e Professoras”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento em que chegamos até o findar dessa pesquisa é imprescindível, que não estejamos imersos no ego de termos trazidos verdades absolutas sobre a EF na Área de Linguagens. E, enquanto professor, assumo que trago minhas concepções construídas das experiências no meu caminhar da educação e me posiciono como professor e pesquisador, para que desse modo, e tenho a coragem de construir novos olhares e conhecimentos a partir das epistemologias e da subjetividade de professores e professoras pesquisados. Os discursos epistemológicos dos autores e as falas dos professores presentes nesse trabalho foram potentes e abriram caminhos para a consolidação de nossos estudos, trazendo as nuances da EF na Área de Linguagens.

No decorrer da pesquisa não foi possível seguirmos um trajeto pré-estabelecido e, por vezes, nos pareceu que necessitávamos desbravar novos rumos, reescrevendo o nosso percurso, quando na verdade foi exatamente esse caminhar que nos permitiu chegar até o final desse estudo, aprendendo que não seria possível andar em uma linha reta, sem os obstáculos que envolvem uma pesquisa científica. E, por ter sido assim, observo o meu “eu” nessa pesquisa, enquanto desbravador de novos caminhos. Nesse sentido, evoco aqui o poeta Manoel de Barros: “Quem anda no trilho é trem de ferro, sou água que corre entre pedras: liberdade, caça jeito”.

À luz de todos os estudos aqui apresentados, trago a percepção conceitual de que linguagem pode ser compreendida como diferentes formas de comunicação, construída por diversos meios, podendo ser verbal, não-verbal e gestual, porém, em nossa concepção, precisa estar imersa em variados contextos.

Na concepção de linguagem presente na EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, abarcamos o entendimento de que esta linguagem se evidencia a partir da gestualidade e, sua infinita possibilidade de comunicação, de construções textuais por meio da produção de práticas corporais, discursos e suas significações e ressignificações, em diferentes contextos sociais, espaços e culturas.

Concluímos que os conceitos de comunicação corporal, linguagem corporal, signo, significado, linguagem verbal, não-verbal, dentre outros, foram sendo costurados no decorrer da presente pesquisa e, ainda, norteados por autores que contextualizam a temática aqui evidenciada.

Para a compreensão e discussão sobre a presente temática, considerei as diferentes concepções e pontuei a importância do embasamento epistemológico dos teorizadores, na perspectiva de elaborar o entendimento mais delineado sobre a linguagem, no contexto do conhecimento científico da linguagem.

E, com o propósito de gerar uma compreensão mais específica, com foco na EF enquanto linguagem, elenquei alguns documentos referenciais que norteiam os currículos educacionais, na intenção de que fosse possível compreender a linguagem elucidada a partir do componente curricular EF.

Na etapa de levantamento de dados primários buscamos interpretar como os professores de EF do Ensino Fundamental percebem a EF na Área de Linguagens em diferentes políticas educativas do Estado de Mato Grosso. Os dados e análises nos permitiu observar, que ao interpretar a EF na Área de Linguagens, a maioria considera que seria melhor a disciplina estar em outra área de conhecimento, com enfoque para a Área de Ciências da Natureza. No concernente ao desenvolvimento da prática da EF, os professores a desenvolvem de diferentes formas, tendo influência ou não das políticas educativas. Contudo, estão vinculados em suas formações acadêmicas e buscam atender ao perfil de participação e motivação dos alunos nas diferentes realidades em que estão inseridos (Escola Urbana, do Campo, Integral e Militar).

Pude ver que alguns dos pesquisados se posicionaram contrários a EF estar inserida como componente curricular da Área de Linguagens, citando que ela poderia estar sozinha; que seria independente da área em relação a prática pedagógica, ou seja, o professor atua a partir de seus conhecimentos adquiridos em suas formações e pós-graduações, não importando a área que a EF esteja inserida. Nas concepções dos professores de que se a EF estivesse na Área de Ciências da Natureza teria melhor enquadramento, por problematizar questões que envolvem o corpo nos processos de formação, com enfoque em objetos de conhecimentos, especificamente, biologicistas.

Os estudos propiciaram o entendimento de que para os professores e professoras que participaram dessa pesquisa, a linguagem na EF é apenas e, tão somente, quando trabalhadas as questões teóricas, ou seja, a partir de leitura, interpretação e produção de textos escritos, fato este que veio à tona no decorrer das considerações dos pesquisados, que nos evidenciaram não perceber a amplitude da

EF como possibilidade de desenvolvimento de conhecimentos (práticos e teóricos) nos processos de ensino e de aprendizagem.

Ao considerar a EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens e as possibilidades do trabalho pedagógico na perspectiva da interdisciplinaridade, percebo um certo distanciamento da EF em relação aos outros componentes, com ênfase para a Língua Portuguesa e Língua Inglesa, dificultando o entrelace dos objetos de conhecimento para a realização de um trabalho interdisciplinar, que de fato possa originar uma formação de conhecimentos mais amplo. Dessa forma, concluímos que os professores e professoras de EF consideram mais produtivas as atividades interdisciplinares com os componentes curriculares das Áreas de Ciências da Natureza e Humanas.

A sugestão desse estudo é que o Estado (tendo em vista que a presente pesquisa foi realizada em escolas estaduais), possa elaborar políticas públicas, que permitam a construção de conhecimento dos professores de EF, em relação a amplitude da EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens e, que esses professores e professoras possam ser melhor assistidos dentro do que é preconizado nos documentos institucionais.

Por fim, sugiro que mais pesquisadores possam, além de buscar a voz de professores e professoras de EF, trazer também a voz dos alunos, em relação às práticas pedagógicas da EF enquanto componente curricular da Área de Linguagens, buscando potencializar a cultura corporal de movimento na formação escolar, humana e cidadã.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. Q.; GOMES, I.; SAMPAIO, A.; MARINOTTE, A. O corpo como tema da produção do conhecimento: uma análise em cinco periódicos da Educação Física brasileira. **Movimento.** 24(1):133-146, 2018.

ALMEIDA FILHO, N. Transdisciplinaridade e saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva.** II (1-2), 1997.

ALVES, R. **Por uma educação romântica.** 9. ed. Campinas-São Paulo: Papirus, 2012.

ANASTASIOU, L. das G. C. Estratégias de ensinagem. In: ANASTASIOU, L. das G. C.; PESSATE, L. **Processo de ensinagem na universidade:** pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 10. ed. Joinville-Santa Catarina: Univille, 2015.

ARRUDA, E. O. Do sentido sensível ao sentido significado: motricidade humana, corporeidade e o saber da cultura corporal do movimento. **Revista Internacional d'Humanista.** CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona. 46/47:81-88, maio/dez. 2019.

ASSMANN, H. A corporeidade como instância de critérios para a Educação. **SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**, 4, 1993, Rio Claro. Anais… Rio Claro: Unesp, 1993.

AZEVEDO, S. D. R. de. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. **Revista Eletrônica UNESP.** 6(2):148-162, 2013.

BAGNARA, I. C.; FERNSTERSEIFER, P. E. Educação física escolar: reflexões acerca de sua especificidade. **XXIV Seminário de Iniciação Científica. XXI Jornada de Pesquisa. XVII Jornada de Extensão. VI Mostra de Iniciação Científica Júnior. VI Seminário de Inovação e Tecnologia.** Salão do Conhecimento – UNIJUÍ, 2016.

BAITELLO JUNIOR, N. Síndrome da máquina. In: CASTRO, G. et al. (Orgs.). **Ensaios de complexidade.** Porto Alegre-Rio Grande do Sul: Sulina, 2019.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

_____. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

BARBOSA, L. **Igualdade e meritocracia:** a ética do desempenho nas sociedades modernas. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

BARROS, A. D. **Aproximações conceituais sobre linguagem na área de educação física.** 2017. 171f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade de Pernambuco e Universidade Federal da Paraíba, Recife, Pernambuco, Brasil, 2017.

BENEVIDES, A. de A.; SOARES, R. B. Diferencial de desempenho de alunos das escolas militares: o caso das escolas públicas do Ceará. **Nova Economia.** 30(1):317-343, 2020.

BETTI, M. O que a semiótica inspira ao ensino da educação física. **Discorpo**. São Paulo. (3):25-45, out. 1994.

_____. **Corpo, motricidade e cultura:** a fundação pedagógica da educação física sob uma perspectiva fenomenológica e semiótica. 2006. Tese (Pós-Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, 2006.

_____. Educação física e cultura corporal de movimento: uma perspectiva fenomenológica e semiótica. **Revista da Educação Física.** 18(2):207-217, 2007.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**. Campinas. XIX(48):69-88, ago. 1999.

_____. Cultura corporal, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento? In: SOUZA JÚNIOR, M. (Org.). **Educação física escolar:** teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica. 2. ed. Recife-Pernambuco: EDU-PE, 2011.

_____. **Educação física e ciência:** cenas de um casamento (in)feliz. Ijuí-Rio Grande do Sul: Unijuí, 1999a.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** educação é a base. Brasília-Distrito Federal: Ministério da Educação, 2018.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 16 out. 2020.

_____. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília-Distrito Federal: MEC/SEF, 1998a.

_____. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB Nº 15/98:** diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio. Brasília-Distrito Federal: MEC, 1998.

_____. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Médio. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio.** Brasília-Distrito Federal: MEC/ SEF, 1999.

_____. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Médio. **Diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio.** Brasília: MEC/SEF, 1999a.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio:** parte II – linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília-Distrito Federal: MEC, 2000.

_____. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN+ Ensino Médio** – Orientações Complementares aos Parâmetros Curriculares

Nacionais. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília-Distrito Federal: MEC/Semtec, 2002.

_____. Secretaria de Educação Básica. **Linguagens, códigos e suas tecnologias:** orientação curricular para o ensino médio. Brasília-Distrito Federal: MEC, 2006.

BRAUN, V.; CLARKE, V. *Using thematic analysis in psychology*. ***Qualitative Research in Psychology***. 3(2):77-101, 2006.

BULEA BRONCKART, E. O signo em Ferdinand de Saussure: um campo chave para a chave dos campos. **Traduzires.** 2(1):31-53, 2013.

CARVALHO, R. C. de; FÁVERO, A. A. A Teoria da Complexidade como referencial epistemológico para a pesquisa em política educacional: (re)conhecendo seus princípios e características. **Revista de Estudios Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa.** 5(e2015096):1-19, 2020.

CBJ – CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. **UNESCO declara judô como esporte mais adequado para crianças:** Comitê Olímpico Internacional afirma que o judô é o mais completo por promover a amizade e o respeito mútuo. 2013. Disponível em: <https://cbj.com.br/noticias/2924/unesco-declara-judo-como-esporte-mais-adequado-para-criancas.html>. Acesso em: 13 maio 2021.

COSTA, M.; ALMEIDA, F. Q. de. A educação física e a "virada culturalista" do campo: um olhar a partir de Mauro Betti e Valter Bracht. **Corpoconsciência.** 22(01):1-12, jan./abr., 2018.

DAOLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura.** Campinas-São Paulo: Autores Associados, 2020.

DARIDO, S. C; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola:** implicações para a prática pedagógica. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

DARIDO, S. C.; RODRIGUES, L., H.; RAMOS, G. N. S.; GLAVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; SILVA, E. V. M. E; SANCHES NETO, L.; RANGEL, I. C. A.; PONTES, G. H.; CUNHA, F. P. da. **Educação Física e temas transversais:** possibilidades de aplicação. São Paulo: Mackenzie, 2006.

DELORS, J. **Educação um tesouro a descobrir:** Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Trad. José Carlos Eufrásio. São Paulo: UNESCO, 1998.

DI FANTI, M. da G. C. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos**. Veredas – Rev. Est. Ling.** Juiz de Fora. 7(1-2):95-111, jan./dez. 2003.

DUARTE, L. R. Educação física como linguagem. **Motriz**. Rio Claro. 16(2):292-299, abr./jun. 2010.

EHRENBERG, M. C. A linguagem da cultura corporal sob o olhar de professores da educação infantil. **Pro-Posições.** 25(1):181-198, jan./abr. 2014.

FANK, E.; HUTNER, M. L. Escola em tempo integral e a educação integral: algumas reflexões de contexto e de concepção. **XI Congresso Nacional de Educação – EDUCERE 2013. II Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE. IV Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente – SIPD/CÁTEDRA UNESCO.** Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, de 23 a 25 de setembro de 2013.

FARIAS, U. de S.; BONETTO, P.; NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T. Educação física escolar na área de linguagem: diálogos com a educação infantil. **Revista Metalinguagem.** 6(2):49-66, 2020.

FLORES, V. do N.; BARBISAN, L. B. Apresentação. In: NORMAND, C. **Convite à linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.

FOLMER, I.; MEURER, A. C.; ARAÚJO, G. C. C.; SUZUKI, J. C. (Orgs.). **Geopolítica [recurso eletrônico]:** poder e território. São Paulo: FFLCH/USP, 2021.

FONSECA, D. G. de; MACHADO, R. B.; TAVARES, N. da S.; MACHADO, S.; PUJOL, L. A. P.; LIMA, V. D. de. Matizes da linguagem e ressonâncias da educação física no ensino médio. **Movimento.** Porto Alegre. 23(2):661-674, abr./jun. 2017.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2020.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: PUC, 2013.

FRANCO, M. A. S.; PIMENTA, S. G. Didática multidimensional: por uma sistematização conceitual. **Educ. Soc.** Campinas. 37(135):539-553, abr.-jun. 2016.

FREIRE, P. **Conscientização:** teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 2017.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

GALAVIZ, B.; PALAFOX, J.; MEINERS, E. R.; QUINN, T. *The militarization and the privatization of public schools*. ***Berkeley Review of Education.*** 2(1):27-45, 2011.

GARCIA, J. **Entre os muros da escola:** indisciplina e formação de professores. Curitiba-Paraná: PUC-PR, 2009.

GEHRES, A. de F.; NEIRA, M. G. Linguagem e educação física: algumas considerações sobre o currículo cultural. **Rev. Bras. Educ. Fis. Escolar.** Ano V. 3:30-45, mar. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, C. C. **De Saussure a Benveniste:** um percurso teórico que proporciona uma leitura crítica. 2012. 104f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil, 2012.

GONÇALVES, J. S.; BALADELI, A. P. D. Reflexões sobre o sistema educacional dos colégios militares e o discurso da educação de excelência. **Revista UNIABEU.** 11(28):191-204, maio-ago. 2018.

GUGLIELMI, A. **A linguagem secreta do corpo:** a comunicação não verbal. Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

GUERRA, V. M. L. A pressuposição no jogo polifônico e argumentativo do discurso político. **Revista Linguagem & Ensino.** Pelotas. 2(2):61- 90, 1999.

GUERRA, V. M. L.; SOUZA, J. B. de; FIGUEIREDO, C. V. da S.; DOURADO, É. R.; BORGES, G. P.; CRUZ, L. A. da; MINA, S. R. N. O arsenal teórico de Bakhtin: entre o estudo da linguagem e o ser social. **R G L.** (5):25-44, jun. 2007

HALL, S. The work of representation. In: HALL, S. (Org.) **Representation cultural representation and cultural signifying practices.** London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

HORTA, J. M. **O cuidado como atitude básica para uma educação interdimensional** análise de uma experiência. 2014. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernanbuco – UFPE, Recife, Pernambuco, 2014.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LADEIRA, F. T.; DARIDO, S. C. Educação Física e linguagem: algumas considerações iniciais. Motriz. **Revista de Educação Física.** UNESP. Rio Claro. 9(1):31-39, jan./abr. 2003.

LADEIRA, M. F. T.; DARIDO, S. C.; RUFINO, L. G. B. Interfaces entre a educação física e a área da linguagem: contextos e possibilidades. **Educação & Linguagem.** 16(2):237-269, jul.-dez. 2013.

LE BRETON, D. **Antropologia dos sentidos.** Trad. Francisco Morás. Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

LIMA, J. C. R. Michel Foucault e as regularidades discursivas: algumas reflexões. **Nearco:** Revista Eletrônica de Antiguidade. Rio de Janeiro. UERJ/NEA. 4(1):78-96, 2012.

LOPES, B. R. **A cultura na produção de conhecimento da educação física brasileira:** centralidade ou periferia? 2013. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, 2013.

MACHADO, E. F. C.; MACHADO, R. A. Educação física enquanto linguagem: possibilidades de atuação e intervenção no contexto escolar. **I Seminário de Pós-Graduação em Educação para Ciência e Matemática. X Semana de Licenciatura.** Uma década promovendo e agregando ensino, pesquisa, extensão e inovação. Instituto Federal de Goiás. Jataí-GO, 26 a 29 de junho de 2013.

MACHADO, L. C. T. Da educação rural à educação do campo: conceituação e problematização. **XIII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. IV Seminário Internacional de Representações Socias, Subjetividade e Educação – SIRSSE. VI Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente (SIPD/CÁTEDRA UNESCO).** 28 de agosto de 2017 a 31 de agosto de 2017.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 9. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

MATO GROSSO. **Documento de Referência Curricular para Mato Grosso:** ensino fundamental anos finais. Cuiabá-Mato Grosso: Ministério da Educação, Governo do Estado de Mato Grosso, 2018.

MATTOS, M.; NEIRA, M. G. **Educação física na adolescência:** construindo o conhecimento na escola. 6. ed. Rio de Janeiro: Phorte, 2013.

MATTOSO CÂMARA JR., J. **História da linguística.** Trad. Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. 7. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

MENDES, M. I. B. S.; NÓBREGA, T. P. Cultura de movimento: Reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura. **Revista Pensar a prática**. 12(2):1-7, 2009.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento.** Pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. rev. e aprim. São Paulo: Hucitec, 2006.

MOLL, J. O PNE e a escola de tempo completo e formação integral. **Revista Retratos da Escola.** Brasília. 8(15):369-381, jul/dez, 2014.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 20. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

NEIRA, M. G. O currículo cultural da educação física: pressupostos, princípios e orientações didáticas. **Revista e-Curriculum.** São Paulo. 16(1):4-29, 2018.

_____. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Rev Bras Ciênc Esporte.** 40(3):215-223, 2018a.

_____. **Educação física cultural:** inspiração e prática pedagógica. 2. ed. Jundiaí-São Paulo: Paco, 2019.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal:** crítica e alternativas. São Paulo: Phorte, 2006.

_____. **Educação física, currículo e cultura.** São Paulo: Phorte, 2009.

_____. Linguagem e cultura: subsídios para uma reflexão sobre educação do corpo. **Caligrama.** 3(3):1-16, set./dez. 2007.

NEIRA, M. G.; SOUZA JÚNIOR, M. A educação física na BNCC: procedimentos, concepções e efeitos. **Motrivivência.** 28(48):188-206, set. 2016.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade.** São Paulo: Triom, 1999.

NOGUEIRA, V. A.; LÉLIS C.; SILVA, S. A. P. S. A educação física na área das linguagens: diálogos interdisciplinares na construção de projetos no ensino médio. In: FARIAS, U. S.; NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T. **Práticas pedagógicas inovadoras nas aulas de Educação Física Escolar:** indícios de mudanças. Curitiba-Paraná: CRV, 2017.

NÓVOA, Antonio. **Vidas de professores.** Porto- Portugal: Porto Editora, 2014.

NUNES, M. L. F. **Educação física na área de códigos e linguagens.** 2017. Disponível em: <http://www.gpef.fe.usp.br/teses/mario_07.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.

PEREIRA, R. S. Ludicidade, infância e educação: uma abordagem histórica e cultural. **Revista HISTEDBR On-line.** Campinas. 64:170-190, set. 2015.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

POMBO, O. Epistemologia da interdisciplinaridade. **Seminário Internacional Interdisciplinaridade, Humanismo, Universidade.** Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto-Portugal, 2003.

PRANDINA, M. Z.; SANTOS, M. de L. dos. A educação física escolar e as principais dificuldades apontadas por professores da área. **Horizontes-Revista de Educação.** Dourados, MS. 4(8):99-114, jul.-dez. 2016.

SACRISTÁN, J. G. **Poderes instáveis em educação.** Porto Alegre-Rio Grande do Sul: Artmed, 1999.

SANTOS, B. C. A. dos; FUZZI, F. T. A educação física na área da linguagem: o impacto da BNCC do currículo escolar. **Comunicações.** Piracicaba. 26(1):327-347, jan./ab. 2019.

SANTOS FILHO, J. C. dos; GAMBOA, S. S. **Pesquisa educacional:** quantidade-qualidade. São Paulo: Cortez, 2017.

SANTOS, M. de F. dos; MARCON, D.; TRENTIN, D. T. Inserção da educação física na área linguagens, códigos e suas tecnologias. **Motriz.** Rio Claro. 18(3):571-580, jul./set. 2012.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. **Guias curriculares:** propostas para as matérias do núcleo comum do Ensino do Primeiro Grau. São Paulo: Centro de Recursos Humanos e Pesquisas Educacionais, 1975.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral.** Trad. Antônio Chelini. São Paulo: Cultrix, 2019.

SILVA, C. R. da. Interdisciplinaridade: conceito, origem e prática. **Revista Artigos.Com.** 3:1-6, 2019.

SIQUEIRA, A. C. de S.; NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T. Prática pedagógica da educação física no ensino médio: a perspectiva dos estudantes do Instituto Federal de São Paulo. **Corpoconsciência.** Cuiabá-MT. 23(02):1-12, maio/ago. 2019.

SÍVERES, L. **Encontros e diálogos:** pedagogia da presença, proximidade e partida. Brasília-Distrito Federal: Liber Livro, 2015.

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; VARJAL, E.; CASTELLANI FILHO, L.; ESCOBAR, M. O.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino de educação física.** São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, C. L. **Educação física:** raízes europeias e Brasil. Campinas-SP: Autores Associados, 2020.

SOUZA JÚNIOR, M. Saber e fazer pedagógicos da educação física na cultura escolar: o que é um componente curricular? In: CAPARROZ, F. E. **Educação física escolar:** política, investigação e intervenção. Vitória-ES: Proteoria, 2010.

SOUZA, L. K. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Campinas, SP. 71(2):51-67, 2019.

TRABANT, J. *Faut-il défendre Saussure contre ses amateurs? Notes item sur l'étymologie saussurienne.* ***Langages*****.** 159:111-124, 2005.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a educação.** Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2007.

VELOZO, E. L. Educação física, ciência e cultura. **Rev. Bras. Cienc. Esporte.** Campinas. 31(3):79-93, maio 2010.

VERDUM, P. Prática Pedagógica: o que é? O que envolve? **Revista Educação por Escrito – PUCRS.** Porto Alegre. 4(1):91-105, jul. 2013.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE MEDIAÇÃO/CONTEXTUALIZAÇÃO DAS NARRAÇÕES

Esta entrevista semiestruturada contempla questões com a finalidade de alcançar o objetivo geral “analisar a percepção de professores de EF do Ensino Fundamental acerca da EF na Área de Linguagens em quatro propostas educativas”, enquanto base de informações primárias para desenvolver o estudo com o título “A percepção dos professores no ensino da educação física enquanto componente curricular na Área de Linguagens”.

As informações aqui coletadas serão utilizadas como suporte para discussão da pesquisa científica. Os nomes dos participantes não serão divulgados.

Obrigado pela participação

Diogo Diedrich Lemes Grellmann

Questões para Pesquisa

APRESENTAÇÃO DO PESQUISADO

Nome

Idade

TEMA 1 - DADOS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Mediador – Contexto

→Sobre a sua formação profissional:

1. Local da Formação - Cidade e instituição.

2. Ano da primeira formação acadêmica.

3. Tempo de atuação como professor na Educação Física.

4. Tempo de atividade como professor na atual instituição escolar.

TEMA 2 - DADOS DA ATUAÇÃO NA POLÍTICA EDUCATIVA

Mediador - Contexto

→ Em relação a política de educação em que você está inserido:

1. Qual o tipo de política educativa?

2. Existe alguma particularidade na atuação pedagógica no que se refere à Educação Física considerando essa política?

TEMA 3 - DOCUMENTOS REFERENCIAIS – ÁREA DE LINGUAGENS – PERCEPÇÕES

Mediador – Contexto

→ De acordo com a documentos referenciais (BNCC e DRC) a EF está inserida na área de linguagens, sobre essa temática quais são as suas considerações e vivências sobre:

1. A Educação Física ter sido inserida na área da Linguagem?

2. A percepção dos avanços e/ou retrocessos para a Educação Física pelo fato de ter sido inserida na Área de Linguagens?

3. O que representa para você, ter a Educação Física na área da Linguagem?

4. Você considera que existam mudanças pelo fato da Educação Física estar na Área de Linguagens?

TEMA 4 - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Mediador – contexto

→ Sobre suas práticas pedagógicas podemos:

1. Como são as suas práticas pedagógicas na Educação Física considerando que ela está na Área de Linguagens?
2. Na política educativa que você atua, qual sua percepção sobre as práticas pedagógicas na área de linguagens?
3. Comente sobre práticas que você desenvolve considerando a EF na área de linguagens.
4. Você desenvolve práticas pedagógicas interdisciplinares na Educação Física enquanto componente curricular da Área de Linguagens?

5. Na sua realidade escolar, o que seria necessário para que a Educação Física se torne mais efetiva na Área de Linguagens?

APÊNDICE 2 – TERMO DE ANUÊNCIA DA ASSESSORIA PEDAGÓGICA DE RONDONÓPOLIS-MT PARA EXECUÇÃO DA PESQUISA

sãojudas
universidade

Programa de Mestrado e Doutorado em Educação Física
Universidade São Judas

TERMO DE ANUÊNCIA

Eu, Nelzi de Freitas, CPF: 58682724900 RG: 1413502-7, residente e domiciliada à Rua Valdir Duarte, telefone: (66)996918815, responsável pela Assessoria Pedagógica de Rondonópolis – SEDUC-MT, na função de Assessora Pedagógica, autorizo o pesquisador Diogo Diedrich Lemes Grellmann, aluno do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação Física da Universidade São Judas, contatar os professores de Educação Física da Rede Pública Estadual de Ensino do Município de Rondonópolis-MT, para cumprir os objetivos de sua pesquisa, a fim de viabilizar a execução do projeto sob sua responsabilidade, intitulado: "A Percepção dos Professores no Ensino da Educação Física enquanto Componente Curricular na Área de Linguagens".

O projeto conta com a orientação da Professora Dra. Graciele Massoli Rodrigues e aporte da Universidade São Judas-SP. O objetivo do trabalho é "compreender a percepção de professores de EF do Ensino Fundamental acerca da EF na Área de Linguagens em diferentes políticas educativas do Estado de Mato Grosso".

Estou ciente que, ao assinar esta declaração, viabilizarei o acesso ao pesquisador, para responder questionário e participar de entrevista. Os resultados da pesquisa poderão contribuir para o aprimoramento da Educação Física no cotidiano das escolas.

A divulgação do trabalho terá finalidade unicamente acadêmica, bem como, é do interesse do Mestrando Diogo Diedrich Lemes Grellmann contribuir para um maior conhecimento do tema em estudo. Desse modo, quaisquer dúvidas que existirem neste momento e posteriormente à realização da pesquisa poderão ser dirimidas, a partir do contato direto com o pesquisador por telefone ou endereço eletrônico.

De acordo com estes termos, assino abaixo. Uma cópia será cedida à Instituição e outra ficará com o pesquisador.

Rondonópolis-MT, 29 de março de 2021.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
ASSESSORIA PEDAGÓGICA DE RONDONÓPOLI
Avenida Marechal Dutra, 845 - Centro
CEP: 78700-060 - Rondonópolis - MT - Tel. 66 3421-30
E-mail: roo.ass.pedagogica@educacao.mt.gov.br

Nelzi de Freitas
Assessora Pedagógica
Port. 111/2021/GS/SEDUC/MT
D.O. 19/02/2021

Pesquisador Diogo Diedrich Lemes Grellmann

APÊNDICE 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

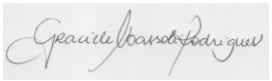
O COMPONENTE CURRICULAR EDUCAÇÃO FÍSICA NA ÁREA DE LINGUAGENS: A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES

Caro participante,

Você está sendo convidado para participar da pesquisa intitulada "O COMPONENTE CURRICULAR EDUCAÇÃO FÍSICA NA ÁREA DE LINGUAGENS: A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES" realizada por Diogo Diedrich Lemes Grellmann e orientado pela Profa. Dra. Graciele Massoli Rodrigues, vinculados ao Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Educação Física da Universidade São Judas.

1) O objetivo desta pesquisa é compreender a percepção de professores de EF do Ensino Fundamental acerca da EF na Área de Linguagens em diferentes políticas educativas do Estado de Mato Grosso.
2) Ao aceitar este convite, participarei da primeira etapa da pesquisa, que consiste em uma entrevista semiestruturada on-line, na Plataforma Google Meet com a duração aproximada de 60 minutos, que capturará minha imagem e voz, mas a minha imagem não será utilizada para a pesquisa.
3) Minha participação será voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, se assim eu desejar, sem que eu sofra nenhum prejuízo. Sei que posso desistir da participação no estudo em qualquer momento.
4) A minha participação na pesquisa não trará recompensas financeiras. Porém, é possível que eu me sinta beneficiado(a) indiretamente, ao perceber que estarei contribuindo para a ampliação dos conhecimentos científicos sobre o ensino da Educação Física na Escola. Além disso, ao participar da pesquisa poderei refletir, conjuntamente com o pesquisador, sobre a Educação Física enquanto componente curricular da Área de Linguagens.
5) Sei que não são esperados prejuízos físicos e emocionais para os(as) participantes da pesquisa, nem haverá despesas de ordem financeira. Entretanto, há um risco mínimo de me sentir desconfortável diante de alguma questão a ser respondida na entrevista on-line. Caso isso aconteça, o pesquisador buscará sanar eventuais desconfortos, interrompendo o processo caso seja meu desejo e acolhendo as eventuais necessidades pessoais. Em comum acordo, se houver necessidade, poderei ser encaminhado para os serviços do Centro de Psicologia Aplicado da Universidade São Judas.
6) Todas as minhas informações pessoais serão mantidas em sigilo e os resultados gerais obtidos serão utilizados apenas para alcançar o objetivo deste estudo exposto acima e a publicação na literatura científica especializada.
7) Caso eu tenha alguma dúvida, sei que poderei entrar em contato com o pesquisador, Diogo Diedrich Lemes Grellmann, pelo telefone (66) 99951-1646 ou e-mail: (diedrich_jd@hotmail.com) ou com a Prof. Dra. Graciele Massoli Rodrigues, pelo telefone (11) 99613-8954 ou pelo e-mail (prof.graciele@usjt.br).
8) Em caso de dúvidas também poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Judas para maiores esclarecimentos sobre o estudo, apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone (11) 2694-2512. End. Rua: Taquari, 546 – Unidade Mooca – São Paulo – SP, CEP: 03166-000 ou no endereço eletrônico: e - mail (cep@saojudas.br).
9) Poderei requisitar esse termo de forma impressa e assinada pelos pesquisadores que entregarão em minhas mãos.
10) Tendo esclarecidas minhas dúvidas e tendo lido esse termo declaro ter obtido todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a participação na referida pesquisa. Dessa forma, aceito participar e assino abaixo.
Rondonópolis-MT, 23 de abril de 2021.

_____



Graciele Massoli Rodrigues
Pesquisadora Responsável
Telefone: (11) 99613-8954

Diogo Diedrich Lemes Grellmann
Pesquisador Responsável
Telefone: (66) 99951-1646

ANEXO 1 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP)

UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU - AMC SERVIÇOS EDUCACIONAIS S/C LTDA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O COMPONENTE CURRICULAR EDUCAÇÃO FÍSICA NA ÁREA DE LINGUAGENS: A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES

Pesquisador: Graciele Massoli Rodrigues

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 47318121.6.0000.0089

Instituição Proponente: AMC Serviços Educacionais S/C Ltda

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.751.883

Apresentação do Projeto:

O objetivo do estudo é compreender a percepção de professores de EF do Ensino Fundamental acerca da EF na Área de Linguagens em diferentes
políticas educativas do Estado de Mato Grosso. Para o alcance do objetivo traçado será desenvolvida uma pesquisa descritiva, que terá como
público-alvo professores e professoras do ensino fundamental II da rede pública do Município de Rondonópolis do Estado de Mato Grosso.
Participarão quatro professores de Educação Física sendo um em cada uma das quatro categorias de escolas (Integral, Militar, do Campo e Regular
Urbana). A amostra será intencional por acessibilidade e indicação de terceiros. Os critérios de inclusão para a participação na pesquisa são
professores e professoras de Educação Física efetivos e contratados da rede estadual de ensino que atuam nas escolas do Município de
Rondonópolis-MT. Serão excluídos professores que estiverem afastados por um período superior a três meses de suas funções e que tenham
atuado exclusivamente por plataforma online. A coleta das informações será por entrevista semiestruturada por via da Plataforma Meet. A análise
das entrevistas será apoiada na análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).
Tem-se como hipótese que a Educação Física nos diferentes categorias de escolas (Integral,

Endereço: Rua Taquari, 546
Bairro: Mooca **CEP:** 03.166-000
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)2799-1950 **Fax:** (11)2694-2512 **E-mail:** cep@saojudas.br

Militar, do Campo e Regular Urbana) não se coaduna
com a proposição da Base Nacional Curricular Brasileira que a considera como Linguagens o que pode implicar no diminuição das possibilidades da
compreensão do "enraizamento sociocultural das práticas de linguagens e o modo como elas estruturam as relações humanas" (Base Nacional
Curricular).
Para a realização deste estudo será necessário escolher o caminho metodológico a ser trilhado. Para Marconi e Lakatos (2013), a metodologia
constitui um conjunto de técnicas e processo que são utilizados pela ciência de modo a permitir a formulação e solução de problemas, possibilitando
a construção de conhecimentos sistematizados.Segundo o que expõe Minayo (2006), o conhecimento científico é construído a partir da realização
de estudos e pesquisas, com a escolha adequada do método constituindo um dos principais elementos de sua realização. Neste sentido,
compreende-se que as ferramentas metodológicas escolhidas constroem o caminho até o conhecimento científico de forma mais adequada aos
recursos disponíveis.No caso específico desse estudo, a pesquisa será descritiva e terá como público-alvo professores e professoras dos anos finais
do Ensino Fundamental da rede pública estadual do Município de Rondonópolis do Estado de Mato Grosso. O levantamento de dados informações
será a partir de entrevistas semiestruturadas (Apêndice 1) com a apresentação das referidas informações descritas e com a análise de discurso, com
o público-alvo do estudo composto por uma amostra intencional e indicação de terceiros, ou seja, os professores participantes do estudo serão
indicados pela Coordenação Pedagógica de cada instituição escolar.Existem 29 (vinte e nove) Escolas Estaduais de Ensino Infantil, Fundamental e
Médio em Rondonópolis-MT, divididas em quatro categorias: Integral (1 unidade); Militar (1 unidade); do Campo (2 unidades) e Regular Urbana (25 unidades). Esse estudo terá uma amostragem de 4 (quatro) professores, ou seja, um em cada uma das quatro
categorias (Integral, Militar, do Campo e Regular Urbana).Todas as unidades poderão participar do estudo segundo a Carta de Anuência da
Assessoria Pedagógica de Rondonópolis-MT para a execução da pesquisa (Apêndice 2), mas por acesso, as unidades escolares que farão parte

ativa da pesquisa são: a unidade escolar da categoria Integral Escola Estadual Silvestre Gomes Jardim; unidade Militar Escola Estadual Tiradentes
Major PM Ernestino Veríssimo da Silva; a unidade do Campo Escola Estadual José Rodrigues dos Santos e a unidade Regular Urbana Escola
Estadual Professor Domingos Aparecido dos Santos. Para cada uma das unidades escolares supracitada será solicitada a participação de um
professor ou professora. Vale ressaltar que as coordenações já possuem ciência da pesquisa pois foram comunicadas pela diretoria de ensino
quando nos cedeu a Carta de Anuência. O contato inicial será feito por telefone com a coordenação pedagógica da escola que indicará um dos
professores após apresentarmos os objetivos e critérios de inclusão da pesquisa. Posteriormente, faremos contato com por e-mail com o professor
indicado. Enviaremos o convite pelo formulário disponibilizados pelo link que segue: https://docs.google.com/forms/d/1Htnsy_rTHHQNFtZuvf2MFt_jdaw2KbqE98MYCg_t8M/editSe o professor aceitar a participação, ele será conduzido ao Termo de Consentimento Livre e
Esclarecido (TCLE) aqui apresentado no (Apêndice 3). Somente após esse procedimento é que agendaremos a entrevista.O segundo critério de
exclusão para a participação na pesquisa serão os professores que estiverem afastados por um período superior a três meses de suas funções e
que tenham atuado exclusivamente por plataforma online. Já os critérios de inclusão para a participação na pesquisa são professores e professoras
de EF, efetivos e contratados da rede estadual de ensino que atuam nas escolas do Município de Rondonópolis-MT. A abordagem aos professores e professoras ocorrerá por e-mail e as entrevistas acontecerão por via da Plataforma Google Meet, de forma que o estudo primará pela biossegurança das ações da pesquisa, pautando-se nas orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) em função da pandemia atual.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender a percepção de professores de EF do Ensino Fundamental acerca da EF na Área de Linguagens em diferentes políticas educativas do
Estado de Mato Grosso

Objetivo Secundário:

-Entender como os professores de educação física percebem as práticas pedagógicas da EF na

Área de Linguagens;
-Identificar práticas pedagógicas interdisciplinares na área da linguagem com professores de educação física.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Não são esperados prejuízos físicos e emocionais para os(as) participantes da pesquisa. Entretanto, há um risco mínimo de os participantes se
sentirem desconfortáveis diante de alguma questão a ser respondida na entrevista on-line. Caso isso aconteça, o pesquisador buscará sanar
eventuais desconfortos, interrompendo o processo caso seja desejo do participante e acolhendo as eventuais necessidades pessoais. Em comum
acordo, se houver necessidade, o participante será encaminhado para os serviços do Centro de Psicologia Aplicado da Universidade São Judas.

Benefícios:

Espera-se que o participante se sinta beneficiado(a) indiretamente, ao perceber que estará contribuindo para a ampliação dos conhecimentos
científicos sobre o ensino da Educação Física na Escola. Além disso, ao participar da pesquisa poderá refletir, conjuntamente com o pesquisador,
sobre a Educação Física enquanto componente curricular da Área de Linguagens.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Investigação com desenho qualitativo e características descritivas com corte transversal. Caráter acadêmico, realizado para obtenção do título de Mestre em Educação Física. Sem custos estimados, por se tratar de pesquisa online.Terá como instrumento para coleta de informações uma entrevista semiestruturada com quatro professores de Educação Física de quatro modelos escolares: escola de tempo integral, escola militar, escola do campo e escola regular urbana, Localizadas no Munícipio de Rondonópolis-MT. Previsão de início da produção dos dados 01/07/2021 e de encerramento em 31/08/2021.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou pendências e Lista de inadequações".

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou pendências e Lista de inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Em conformidade com a Resolução CNS nº 466/12, para o desenvolvimento do estudo cabe ao pesquisador:

a) desenvolver o projeto conforme delineado;

b) apresentar dados solicitados pelo CEP a qualquer momento;

c) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital;

d) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;

e) justificar perante o CEP a interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados, quando pertinente.

f) O relatório parcial deve ser apresentado ao CEP após 6 meses da aprovação, via Plataforma Brasil - opção Notificação, após a coleta de dados do estudo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1761017.pdf	23/05/2021 20:24:17		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Carta.pdf	23/05/2021 20:09:58	Graciele Massoli Rodrigues	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	23/05/2021 20:08:43	Graciele Massoli Rodrigues	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	Projeto.docx	23/05/2021 20:06:51	Graciele Massoli Rodrigues	Aceito

UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU - AMC SERVIÇOS EDUCACIONAIS S/C LTDA

Continuação do Parecer: 4.751.883

Investigador	Projeto.docx	23/05/2021 20:06:51	Graciele Massoli Rodrigues	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostoA.pdf	23/05/2021 20:03:56	Graciele Massoli Rodrigues	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

SAO PAULO, 02 de Junho de 2021

Assinado por:
Kátia Bilhar Scapini
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Taquari, 546
Bairro: Mooca **CEP:** 03.166-000
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)2799-1950 **Fax:** (11)2694-2512 **E-mail:** cep@saojudas.br